

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

VIOLETAS DO SION: MEMÓRIAS DE NORMALISTAS.

SONIA ALVES ACHNITZ

SÃO PAULO
2008

SONIA ALVES ACHNITZ

VIOLETAS DO SION: MEMÓRIAS DE NORMALISTAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Profª Drª Ester Buffa - Orientadora

**SÃO PAULO
2008**

FICHA CATALOGRÁFICA

Achnitz, Sonia Alves.

Violetas do Sion: memórias de normalistas. / Sonia Alves
Achnitz. São Paulo: 2008.

126 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho, 2008.
Orientador: Prof. Dra Ester Buffa.

1. Educação religiosa. 2. Educação feminina 3. Memórias. 4.
Grupo social. 5. Curso normal.

CDU 37

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

VIOLETAS DO SION: MEMÓRIAS DE NORMALISTAS

Por

SONIA ALVES ACHNITZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora formada por:

Presidente: Profª Ester Buffa, Drª UNINOVE/

Membro: Profª Terezinha Azerêdo Rios, Drª UNINOVE/

Membro: Profª Jane Soares de Almeida, Drª Metodista-SP/ UNESP-Araraquara

São Paulo, 2008

Ao *KURTZ*, meu esposo e grande companheiro, com quem partilho todos os momentos felizes e também os difíceis e, sempre carinhoso e paciente, ao meu lado concretiza o sonho de que é possível viver uma relação de igualdade e respeito entre homens e mulheres.

Ao meu filho *FELIPE*, que diariamente desafia minhas concepções de adulto e me leva a refletir posturas e a construir novos saberes, mostrando-me que o lugar que ocupa hoje na sociedade é um lugar igual e não de submissão ou dominação.

AGRADECIMENTOS

Sou especialmente grata:

A *Deus*, por ter iluminado o meu caminho.

À minha mãe, *Adelaide*, mulher guerreira, de uma força admirável, que sempre trabalhou, sem se achar frágil ou inferior, mas simplesmente capaz. Com isso me ensinou que persistência e coragem são fundamentais na realização dos sonhos

Aos meus irmãos *Cecília*, *Rui*, *Tânia* e *Marcelo*, que em todos os momentos me apoiaram e incentivaram, foram solidários e compreenderam minhas constantes ausências.

À querida amiga *Marcília*, com quem tenho a felicidade de compartilhar o ofício e a vida há mais de vinte anos.

Ao *Paulo* e *Rúbia*, meus amigos do Programa de Mestrado, pela riqueza dos momentos de estudos e debates.

Às *Ex-Normalistas* do Colégio Nossa Senhora de Sion – SP, pela disponibilidade na partilha de suas vivências e lembranças.

Aos *Professores do Programa de Mestrado da Universidade Nove de Julho* pelas reflexões e discussões enriquecedoras.

Aos Professores Doutores *José Rubens Jardimino* e *Carlos Bauer*, pela disponibilidade, atenção, confiança e por dividirem pacientemente comigo as dúvidas e a certeza deste trabalho.

As Professoras Doutoradas *Jane Soares de Almeida* e *Terezinha Azerêdo Rios*, por terem contribuído de maneira decisiva durante o Exame de Qualificação.

Reservo meu agradecimento final à minha orientadora nesta pesquisa, Professora Doutora *Ester Buffa* – todo o meu respeito e admiração por sua atividade de grande pesquisadora da História da Educação no Brasil. Agradeço pelo privilégio de ter sido sua orientanda, contando sempre com seu apoio nas dificuldades circunstanciais e nos momentos de tensão.

*A memória, onde cresce a história, que
por sua vez a alimenta, procura salvar o
passado para servir o presente e o futuro.
(Jacques Le Goff)*

RESUMO

Este trabalho analisa o universo das normalistas do Colégio Nossa Senhora de Sion, na cidade de São Paulo, a partir das influências dessa instituição na sua formação. Evidencia como se deu a motivação da escolha do Curso Normal, recuperando suas memórias. A metodologia escolhida nessa investigação é a captação de narrativas orais de algumas ex-normalistas, das décadas de 1950 e 1960, visando detectar os motivos pelos quais elas escolheram o Curso Normal e optaram especificamente pela referida instituição. A hipótese norteadora desta pesquisa traz a idéia de que os motivos para a escolha da profissão foi a possibilidade de essas mulheres atingirem espaço público e a adequação dessa escolha ao discurso religioso predominante no grupo social em que se encontravam inseridas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Curso Normal; educação feminina; educação religiosa e grupo social.

ABSTRACT

This study aims at analyzing the universe of the “normalistas” (high school girls qualified to teach young children) of Colégio Nossa Senhora de Sion in São Paulo in the eyes of that Teaching Education Institution. Therefore, it highlights what motivated them to choose such course as a means of recovering their memories. The methodology chosen in this investigation is the collection of oral narratives of some former students of the 50s and 60s which aim to detect the reasons why they have chosen that profession and that institution in particular. The hypothesis guiding this study leads us to the conclusion that those girls’ career choice was due to the possibility of their reaching a public space and the adequacy of such choice to the prevailing religious discourse inside that social group.

KEY-WORDS: Memory; pre- teaching course; feminine education; religious education; social group.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------|-----|
| Epígrafe..... | v |
| Resumo..... | vi |
| Abstract..... | vii |
| Lista de Ilustrações..... | x |

| | |
|----------------------|------------|
| MEMORIAL..... | 011 |
|----------------------|------------|

| | |
|------------------------|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 018 |
|------------------------|------------|

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

| | |
|--|-----|
| 1.1 A Pesquisa..... | 023 |
| 1.2 O Caminho da Pesquisa..... | 024 |
| 1.3 As modalidades da História Oral e a opção pela História Oral Temática..... | 026 |
| 1.4 O Percurso da História Oral..... | 027 |
| 1.5 A História Oral no Brasil..... | 030 |
| 1.6 Memórias de Normalistas..... | 032 |

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO FEMININA NOS COLÉGIOS CONFESSIONAIS CATÓLICOS

| | |
|--|-----|
| 2.1 O Catolicismo Ultramontano e a Educação Feminina..... | 037 |
| 2.2 A Educação Feminina no Brasil após o advento da República..... | 039 |

CAPÍTULO III

A CONGREGAÇÃO NOSSA SENHORA DE SION

| | |
|---|-----|
| 3.1 Congregação Nossa Senhora de Sion: buscando as raízes e sua instalação no Brasil..... | 044 |
| 3.2 A cidade de São Paulo no final do século XIX e início do século XX..... | 046 |
| 3.3 O Colégio Sion chega à capital paulistana..... | 047 |

CAPÍTULO IV

VIOLETAS DO SION

| | |
|--|------------|
| 4.1 Rede de relações – a convivência com iguais..... | 053 |
| 4.2 O cotidiano e o ambiente escolar do colégio..... | 055 |
| 4.2.1 “Petites Marthes”..... | 055 |
| 4.2.2 O papel da religião na rotina do colégio..... | 056 |
| 4.2.3 O uniforme..... | 059 |
| 4.2.4 Modelando comportamento..... | 063 |
| 4.2.5 Punição e premiação..... | 065 |
| 4.2.6 Formatura – a cerimônia de coroação..... | 067 |
| 4.3 “Violetas do Sion” – normalistas sionenses..... | 072 |
| CONSIDERAÇÕES..... | 078 |
| REFERÊNCIAS..... | 082 |
| APÊNDICES..... | 088 |
| ANEXOS..... | 121 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| FIGURA 1 – Vitrais importados completam a obra arquitetônica do Colégio..... | 049 |
| FIGURA 2 – Fachada do Colégio..... | 050 |
| FIGURA 3 – Normalistas com o uniforme do Sion (década de 1950)..... | 061 |
| FIGURA 4 – Normalistas com o uniforme de gala do Sion (década de 1950)..... | 062 |
| FIGURA 5 – Cerimônia de formatura (década de 1950)..... | 067 |
| FIGURA 6 – Cerimônia de coroação (década de 1950). Momento em que os pais colocam a coroa na cabeça da filha..... | 068 |
| FIGURA 7 - Cerimônia de coroação (década de 1950) – as alunas mais novas carregam a coroa..... | 070 |
| FIGURA 8 – Baile de Formatura - o vestuário..... | 071 |
| FIGURA 9 – Normalista dança valsa com o noivo durante baile de formatura..... | 072 |

MEMORIAL

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade — em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. [...] de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? (Foucault).

Nesse memorial tenho como objetivo refletir sobre momentos determinantes de minha trajetória de formação como professora. As lembranças e reflexões reconstroem esses caminhos percorridos desde a minha chegada à escola até o presente momento, dentro desse programa de Mestrado em Educação. Trata-se de alguns fatos que, em muito, contribuíram para definir o meu perfil de professora e que, sem dúvida, têm suas raízes na minha história de vida.

Minha vida, assim como esta pesquisa, foi marcada pela curiosidade, pela necessidade de indagar sempre. Porém, essa curiosidade não é só a busca pelo que já está posto na sociedade, mas, sobretudo a forma como tudo se organiza para “ser ensinado” às gerações. Assim, abro aqui um espaço para refletir sobre minhas memórias. Vale ressaltar que é por meio delas que reflito sobre o meu passado e passo a reformulá-lo de forma diferente.

A (des) construção do modelo mulher-professora

Criada em Mirandópolis, cidade do interior do estado de São Paulo, cresci ouvindo minha mãe expressar seu desejo de ter uma filha professora. Dentro daquele contexto a professora era a mulher ideal: boa mãe, boa esposa, mulher prezada, capaz de organizar como ninguém uma casa. Lembro ainda das diversas palavras usadas pela minha mãe para exaltar as qualidades da mulher-professora: meiga, dócil, bem-cuidada, fina, elegante etc. O discurso de minha mãe revelava sua admiração pelas mulheres professoras que faziam da tarefa de ensinar uma missão para suas vidas, o que diferenciava a professora de outras profissionais. Assim como descreve Chamon:

As perspectivas de missão sagrada, de dignidade do ofício, de valorização e de zelo, só comparáveis às causas religiosas e patrióticas, foram incorporadas ao ethos da idealização da professora da escola elementar. (CHAMON, 2005, P.16)

Assim construí a imagem da professora e passei a vivenciá-la nas “brincadeiras de escolinha”: paredes rabiscadas com carvão, alunos imaginários... Eu?! Professora construída a partir do sonho de minha mãe.

Aos sete anos fui para a escola. Ali estava à espera da professora sonhada. Mulher bonita, sorridente, bem vestida. Apareceu o modelo descrito pela minha mãe durante todos os momentos que antecederam a minha chegada à escola. Era realmente como eu imaginava.

Durante minha trajetória escolar algumas professoras desviaram do modelo por mim construído, porém em número menor do que aquelas que sustentavam o modelo idealizado da mulher-professora. A predominância das mulheres nas salas de aulas, reforçava para mim a característica feminina que tanto atribuíam à profissão.

No início da década de 80, período em que ingressei no Ensino Médio, fiz a opção pelo Magistério¹ Lembro-me que várias alunas optaram por um curso denominado Técnico em Açúcar e Alcool, pois o município acabara de instalar uma Usina de Açúcar e a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho era algo tentador. Entretanto, para mim, nada atraía mais do que a possibilidade de dar início à caminhada rumo ao meu sonho, ou talvez o sonho de minha mãe.

Cidade pequena do interior de São Paulo, as oportunidades eram muito limitadas para os jovens das famílias economicamente desfavorecidas. Como grande parcela desses jovens, comecei a trabalhar e veio a impossibilidade de continuar o Magistério. Desistir não era minha idéia e, felizmente, eu e quatro amigas conseguimos vaga em uma escola de um município vizinho que tinha o curso de Magistério funcionando no período noturno. Todos os dias viajavamos cerca de 10 quilômetros por uma estrada de terra, onde muitas vezes ficávamos horas paradas, impossibilitadas de chegar ao nosso destino: a sala de aula.

¹ Conforme a Lei nº 5692/71 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação - a formação de professores para atuarem nas séries iniciais do primeiro grau se daria através de uma habilitação de 2º grau, a **Habilitação Específica de 2º Grau para o Magistério (HEM)**, terminologia utilizada até a promulgação da Lei 9394/96.

A sala de aula era freqüentada por uma maioria de meninas (havia apenas três rapazes que durante todo o curso foram auxiliados pelas meninas). Boa parte dessas alunas era oriunda de camadas sociais baixas, filhas de lavradores, pois se tratava de um município agrícola, grande produtor de cebola do noroeste paulista. Essas alunas traziam como eu, o sonho de ser professora, o que inegavelmente era para nós uma forma de ascensão social.

Enquanto cursávamos a HEM, as professoras sempre nos chamaram a atenção em relação a nossa escolha pelo curso, pois era um momento de grande questionamento no magistério paulista, início das greves... O corpo docente era formado por uma maioria absoluta de mulheres e eram freqüentes as falas acerca do papel da mulher-professora: o gostar de criança, a afetividade, a extensão da maternidade e, sobretudo, as jornadas duplas de trabalhos. Eu poderia afirmar que havia uma conspiração para acabar com o nosso desejo de sermos professoras. Entretanto, as poucas desistências que ocorreram foram em decorrência da dificuldade de conciliar trabalho e escola.

Durante todo o curso nos dividíamos entre o trabalho, as aulas noturnas e os inúmeros trabalhos solicitados que consistiam em pastas, desenhos, recortes e colagens.

No segundo ano começaram os estágios supervisionados. Lembro-me que precisava trabalhar aos domingos para poder compensar as horas em que me ausentava do trabalho durante a semana para realizar os estágios.

Certamente foram nesses momentos de estágios que eu tive a oportunidade de ter contato com a profissão em seu contexto real. Muitas vezes realizávamos nossos estágios em escolas rurais, em salas multisseriadas e o que mais chamava-me a atenção era a forma como aquelas professoras trabalhavam com seus alunos. Foram exatamente nesses momentos que identifiquei não mais a professora idealizada e descrita pela minha mãe e fortalecida no meu imaginário. Encontrei a mulher forte, profissional, provedora do lar. Na jornada diária de trabalho cumpriam sua tarefa diante de uma série de adversidades e, muitas vezes revelavam em suas falas que eram privilegiadas, pois no contexto em que estavam inseridas, ser professora era uma vitória. Percebi que antes do sonho, ou aliada a esse, ser professora, para muitas mulheres das camadas mais desfavorecidas, era a forma de ocupar um espaço maior do aquele a elas reservado: o espaço doméstico.

Terminei o Magistério no final de 1983 e um ano depois, já morando na capital paulistana, estava em atividade no interior de uma sala de aula. Iniciei minha carreira na Educação Infantil e durante muitos anos trabalhei com alfabetização em escolas públicas e particulares. Percebi, em pouco tempo, que o trabalho exigia momentos de reflexão. A todo momento surgiam situações em que aquilo que eu trazia como experiência não era suficiente para continuar desempenhando meu trabalho de forma competente. Concluí o curso de Letras e, posteriormente, fiz Pedagogia. Percebi que a profissão exigia muito mais do que simples “trocas de experiências” realizadas em salas de professores, muitas vezes na correria do horário de recreio. Continuei estudando e participando de capacitações, congressos, seminários. Entretanto, muitas vezes fui criticada por essa opção pelos estudos. Nas salas de professores pelas quais passei sempre predominou a presença feminina e os discursos giravam em torno da desvalorização da carreira: *“essa profissão é desvalorizada, não adianta investir muito”, “profissão que só tem mulher acontece isso, ninguém valoriza”*. Esse discurso não me convencia, ainda que fosse proferido por profissionais mais “experientes”. Havia, sim, um processo em curso de desvalorização da carreira, entretanto não acreditava que tal situação se justificasse pelo acentuado número de mulheres na profissão. Isso gerou em mim uma profunda inquietação e, a partir daí, passei a acreditar que era algo que merecia muito mais do que as poucas falas em sala de professores. Havia sim a necessidade de uma investigação desse processo de feminização da carreira docente, porém não somente na perspectiva quantitativa, mas de uma forma problematizadora, para que se pudesse compreender os processos que envolvem a presença da mulher nas salas de aula em nosso país.

Indagando sempre sobre tudo o que envolvia meu cotidiano profissional, iniciei um curso de Especialização em Gestão Escolar, pois durante sete anos atuei na Direção Escolar e outros tantos questionamentos surgiram. Nesse curso investiguei unidades escolares dirigidas por mulheres, com corpo docente predominantemente feminino e, ainda que o foco de investigação fosse outro, a questão da feminização da carreira sempre despertou em mim a necessidade de um olhar mais apurado. Nesse período já conseguia perceber que tal processo não era assim tão “natural” como, insistentemente, era descrito, mas determinado por um conjunto de relações sócio-culturais e que, certamente, em seus meandros encontraríamos fatores de extrema relevância para a análise.

Mulher e Magistério: um novo olhar

Durante o curso de Especialização tive o prazer de conhecer a professora Maria Heloisa Aguiar da Silva, que acabara de defender sua tese de doutorado - *Sobre Professores: poder, memória e tradição (1923-1930)*. Foi certamente um dos encontros mais felizes e em que tive a oportunidade de estabelecer os diálogos mais agradáveis e produtivos. Através dela entrei em contato com leituras, pesquisas e autores que discutiam e estudavam o processo de feminização da carreira docente, entre estes: Almeida, 1998; Bruschini e Amado, 1988; Campos e Silva, 2002; Carvalho, 1999; Catani et alli, 1997; Chamon, 2005; Demartini e Antunes, 1993; Louro, 1989 e 1997a ; Rago, 1997; Rosemberg e Amado, 1992; Vianna, 1997 e 2000. A partir daí surgiu o desejo de realizar um trabalho investigativo mais apurado sobre o tema, ou seja, partir para um Programa de Mestrado. Entretanto, isso significava mais que um novo desafio: significava uma mudança de vida.

Iniciei em 2005 o Programa de Mestrado, na Universidade Nove de Julho, juntamente com 18 colegas. Os primeiros meses foram de descobertas e angústias. As incertezas eram freqüentes, e as angústias advinham da grande dificuldade em conciliar o trabalho profissional e a pesquisa.

Foi da conjugação das experiências por mim vivenciadas, ora como aluna, ora como professora, e na simetria invertida dos dois papéis que nasceu a idéia de sistematizar e fazer a síntese teórica dos conhecimentos sobre a presença da mulher na sala de aula.

No processo de construção do meu trabalho passei por momentos de dúvidas e hesitações, um deles era a definição de um novo olhar para a trajetória da mulher-professora na sala de aula. A grande maioria dos trabalhos que discute a feminização da carreira docente acaba por colocar a mulher como **vítima** de um processo, frequentemente na condição de ser subjugado; aquela que substituiu o homem na 'nobre missão' de educar, quando este passa a buscar outras carreiras mais prestigiadas, Para que tal missão pudesse ser cumprida bastava apenas uma 'boa dose de amor', aliada a isso, naturalização do discurso da 'vocação' e da 'passividade'. A respeito dessa questão, esclarece Chamon:

Em decorrência do capitalismo industrial em expansão e do processo de urbanização que o acompanhava, cabia à escola contribuir tanto na produção quanto na reprodução social, visando oferecer e legitimar as práticas culturais urbanas que interessavam às elites dominantes. Foi, também, nesse período que as mulheres passaram a ser chamadas para cumprir a nobre missão de reprodutoras dos valores sociais. Dóceis, virtuosas e abnegadas, deveriam ser elas as profissionais responsáveis pelo trabalho de preparação de mentes e comportamentos para os interesses da pátria. (CHAMON, 2005, p.16)

Ainda que tal situação traduza uma realidade a ser criteriosamente discutida, chamaram-me a atenção situações que revelam mulheres que, mesmo desfrutando de condição sócio-econômica favorável, buscaram o magistério como profissão. Diferentemente do que comumente nos apresenta boa parte das pesquisas acerca do processo de feminização do magistério, algumas mulheres buscaram essa profissão por razões que nada se relacionam com a possibilidade de ascensão social, razão esta que foi vivenciada na minha própria trajetória pessoal e do grupo social a que pertencia.

Para estabelecer um novo olhar para a história da mulher e suas relações com a carreira docente busquei, portanto, centrar minha investigação na realidade de mulheres, oriundas das camadas mais prestigiadas da sociedade paulistana, procurando identificar a relação destas com o magistério e as razões da opção pela carreira. Nessa direção faltava-me ainda um espaço de formação para a investigação do universo escolar dessas mulheres e que pudesse ser identificado também como referência importante na distinção desse grupo social.

Na busca por esse espaço de investigação identifiquei os colégios confessionais católicos, instalados no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, como os principais responsáveis pela educação feminina, mais especificamente, das filhas da elite brasileira e, em particular, da elite paulistana.

Nessa etapa do trabalho de pesquisa bibliográfica referente à educação feminina nos colégios, entrei em contato com a literatura referente à Congregação Nossa Senhora de Sion e o trabalho desenvolvido na educação de moças no Brasil,

em particular, as unidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, esta última a instituição por mim escolhida para essa investigação.

Busquei traduzir neste meu memorial parte da minha trajetória intelectual, da constituição das minhas idéias em torno da minha profissão e do meu papel social como mulher-professora. Evidentemente, idéias, valores e crenças foram construídos e reconstruídos no próprio movimento da minha trajetória de vida.

Esse memorial é resultante das minhas vivências e, sobretudo, da curiosidade em investigar o universo de mulheres que, em contextos diferentes, escolheram o magistério como profissão.

INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu a partir do interesse em contribuir com novos conhecimentos sobre a educação feminina na história da educação brasileira. Também decorrente do fato do Colégio Nossa Senhora de Sion, importante instituição educacional da capital paulistana, ter desenvolvido durante 70 anos (1901-1970) trabalho educacional voltado exclusivamente à formação feminina, caracterizado pelo discurso religioso sobre o papel da mulher na sociedade.

Ao iniciar esta pesquisa, indagou-se sobre as contribuições que poderia propiciar ao debate histórico. A tarefa de elaborar análises acerca da educação das mulheres em diferentes realidades do passado, independentemente do fato de ter sido essa educação marcada por profundas e rápidas transformações ou em contextos em que o tempo e as mudanças tenham sido lentos, o seu grau de importância para o debate histórico deverá ser o mesmo. Para a pesquisa histórica, tanto as rupturas como as permanências são fenômenos igualmente interessantes.

Muitos são os trabalhos que investigam as instituições educacionais na História da Educação no Brasil. Mesmo diante dessa rica produção historiográfica já existente, o que podemos ressaltar nesta nossa pesquisa sobre o Colégio Nossa Senhora de Sion, na capital paulistana, é a sua especificidade e não apenas contribuir para elevar a quantidade de trabalhos já publicados sobre as instituições educacionais católicas femininas no Brasil. Entendemos que se a Igreja Católica era coesa em seus juízos e valores, a interpretação destes pode ter oscilado conforme as particularidades inerentes ao ambiente histórico de cada uma das instituições de ensino (o tipo e a origem da congregação responsável pela educação oferecida, a origem das alunas, o local da instituição...)

Ainda que a produção historiográfica existente sobre as instituições educacionais católicas femininas seja vasta, não é capaz de responder a todas as questões levantadas em torno da formação da mulher no Brasil. Se isto tivesse ocorrido, poder-se-ia afirmar que esta nossa pesquisa não é relevante. Ao acreditar que a própria História não tem o poder de construir verdades absolutas, entendemos ser salutar a existência deste e de outros trabalhos para o debate profícuo.

O objeto de nossa investigação é o universo das normalistas do Colégio Nossa Senhora de Sion, na cidade de São Paulo, a partir das influências desse

espaço de formação, partindo da reconstrução dos aspectos da memória de alunas egressas dessa instituição. Assim, esta pesquisa tem por objetivo uma primeira interpretação sobre a educação feminina no Brasil, analisando o cotidiano do Colégio Nossa Senhora de Sion, no período em que este dedicou sua tarefa exclusivamente às filhas da elite paulistana, período entre 1901 a 1970. Também buscaremos compreender a relação dessas mulheres, oriundas das camadas mais prestigiadas da sociedade, com o magistério e as razões da opção pela carreira.

Dessa forma esta pesquisa pretende contribuir também para o estudo das escolas católicas e sua relação com a sociedade, com as famílias e outras instituições, discutindo a formação das mulheres e seu espaço social.

O Colégio Nossa Senhora de Sion é uma instituição confessional católica, pertencente à Congregação² Nossa Senhora de Sion, fundada no século XIX pelos sacerdotes católicos Teodoro e Afonso Ratisbonne, dois judeus de família rica de Estraburgo convertidos ao cristianismo.

O Sion foi fundado em 1901 para suprir a necessidade de implantação de uma escola feminina confessional para a elite paulistana. A partir da análise do universo escolar feminino dessa instituição do início do século XX, é possível afirmar que essa presenciou e participou dos ideais liberais democráticos que fizeram a República, segundo os quais a modernidade só se concretizaria no Brasil a partir da construção de uma identidade nacional. Para isso era preciso disciplinar, ordenar e controlar homens e mulheres, sendo a educação o caminho mais eficaz.

O Colégio Nossa Senhora de Sion sempre primou por uma educação refinada, permeada de valores religiosos, imagens e ações, cuidadosamente ensinados e controlados, que deveriam traçar os contornos da “moça-de-família” e, assim, prepará-la para assumir a função social de esposa-mãe. Adotando essa concepção de educação, observa-se que a referida instituição, inserida no universo do ensino confessional, preocupou-se com a **disciplina** e com a **formação moral** de suas alunas. Na execução de seu projeto de escola o discurso predominante da instituição sempre passou pelas discussões relativas à necessidade da educação feminina como forma de preparação das “futuras mães e esposas”, aptas ao desenvolvimento da nação brasileira.

² Congregação – Desde o código de direito canônico (1917) associação religiosa cujos membros fazem votos simples ou são ligados apenas por uma promessa de obediência. ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural, São Paulo: Nova Cultural, 1998, v.7, p.1564.

Assim, procuramos buscar com esta pesquisa elementos que pudessem contribuir para a reflexão e compreensão da proposta de educação feminina presente na história da educação brasileira e, principalmente, fortalecida pelo ensino confessional católico. Assim, acreditamos que para tal compreensão é preciso problematizar essa educação oferecida às mulheres brasileiras a partir da realidade social em que estão inseridas.

Para a caracterização da instituição educacional elaboramos algumas questões que nortearam a investigação:

- Qual era o objetivo educacional do Colégio Nossa Senhora de Sion em relação à educação feminina?
- Como se expressava esse ideal de educação nas práticas e no cotidiano da instituição?
- Qual o sentido dessa educação na memória e na formação da identidade das alunas egressas?

Como forma de problematização procuramos trabalhar com a memória de ex-normalistas desse colégio, buscando responder algumas questões que levassem à compreensão sobre:

- o grupo social a que pertenciam essas normalistas do Colégio N.S. de Sion;
- a visão dessas alunas sobre o espaço educacional que ocupavam;
- a escolha da profissão e a relação desta com os valores recebidos na instituição;
- a inserção na carreira docente.

Com esta dissertação pretende-se apontar dados que favoreçam as discussões acerca da memória da instituição escolar na formação de professoras e na questão da educação feminina, para que esta leitura possa vir a ser uma contribuição para outros trabalhos que pretendam aprofundar os aspectos pesquisados.

Para esta nossa pesquisa entrevistamos cinco ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Sion com o objetivo de compreender a relação dessas mulheres com o magistério e as razões da opção pela carreira. Essas mulheres trouxeram para nossa pesquisa suas contribuições na medida que compartilharam suas vivências

e experiências dentro dessa instituição, apontando suas influências em diferentes momentos de suas vidas, entre as décadas de 1950 e 1960. Foram entrevistadas:

- H. M. de Quadros, 67anos, Agente de Viagens (formada em Turismo).

Período em que estudou no Sion: 1955 a 1.957

- V.L.L. Bonafé, 65 anos, Orientadora Educacional (Graduação em Pedagogia).

Período em que estudou no Sion: 1957 a 1960

- A. M. Quadros, 65 anos, Professora (Graduação em Pedagogia e Mestrado).

Período em que estudou no Sion: 1958 a 1960

- R. L.Gianesi, 57 anos, Psicóloga Clínica (Graduação em História e Psicologia).

Período em que estudou no Sion: 1956 a 1968

- M. I. Matarazzo, 56 anos, Relações Públicas (Formada em Relações Públicas)

Período em que estudou no Sion: 1957 a 1969

Consultamos ainda os relatos de algumas ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Sion que estudaram em diferentes épocas, a saber: em 1901 (1ª turma do Colégio) e décadas de 1930 e 1940. Esses relatos foram concedidos e registrados em 1981, durante as festividades dos 80 anos do colégio na capital paulistana e encontram-se atualmente nos arquivos da instituição.

A análise dos depoimentos de *Dona Isa*, aluna da primeira turma em 1901, de *M.A.C. O'Neill Addison* (ex-aluna da década de 30), de *M. G.F.Vaz de Almeida* e *A. de S. Pinto Saraiva* (ex-alunas da década de 40), nos permitiu confrontar os diversos aspectos da instituição vivenciados por suas alunas em momentos diferentes.

A leitura das referências bibliográficas e o diálogo com as fontes e os sujeitos de pesquisa possibilitaram a organização desta dissertação em quatro capítulos, cada um contendo subdivisões.

No Capítulo I - *Fundamentos Teórico-metodológicos*, apresentamos o histórico da pesquisa e justificamos a opção pela História Oral. Tratamos dos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa, dos procedimentos de análise de dados, do campo de pesquisa e dos sujeitos entrevistados. Também explicitamos alguns aspectos sobre o método de investigação utilizado e o critério de escolha dos sujeitos.

No Capítulo II - *A Educação Feminina nos Colégios Confessionais Católicos*, analisamos o projeto de educação feminina desenvolvido pelas congregações católicas, em particular a Congregação Nossa Senhora de Sion, como parte de um projeto do segmento mais conservador da Igreja Católica, denominado ultramontano. Nesse capítulo buscamos ainda analisar o processo de implantação do Sion na capital paulistana, o contexto histórico e social da cidade na época.

No Capítulo III - *A Congregação Nossa Senhora de Sion*, buscamos as raízes da Congregação Nossa Senhora de Sion e retomamos o contexto-histórico em que se deu a instalação do colégio na capital paulistana.

O Capítulo IV - *Violetas do Sion*, traz uma análise do cotidiano do colégio, evidenciando as práticas e influências determinantes na vida das mulheres que ali foram educadas.

Nas *Considerações finais*, apresentamos reflexões sobre o que pôde ser observado durante a pesquisa e, em especial, sobre o eixo central desta pesquisa - *o universo das normalistas do Colégio Nossa Senhora de Sion*.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

1.1 A Pesquisa

A pesquisa relativa às instituições escolares é sempre um processo complexo, pois implica análises criteriosas do objeto de estudo, procurando compreender os processos sócio-históricos presentes na construção dessas análises, os elementos de caráter identitário, como se estabelecem as mudanças e, principalmente, a relação e importância com o atual momento social.

Toda pesquisa constitui tarefa instigante, pois propicia ao pesquisador a possibilidade de caminhar no presente com o olhar no passado. “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH, 2001, p.75).

Ao investigarmos o universo das normalistas do Colégio Nossa Senhora de Sion, buscando compreender a relação das mulheres oriundas das camadas mais prestigiadas da sociedade com o magistério e as razões da opção por essa formação, foi possível compreender melhor o processo histórico da educação feminina no Brasil e sua relação com a diversidade de outros elementos enraizados culturalmente na sociedade brasileira.

O contato com o trabalho educacional desenvolvido pelo Colégio Nossa Senhora de Sion em outras épocas nos permitiu novas compreensões sobre a prática e o discurso pedagógico dos atores na educação, nesse caso, as normalistas dessa instituição.

Para Giles (1987) o passado do processo educativo continua presente sob a forma de pressupostos, de práticas, de atitudes e, invariavelmente, de preconceitos.

Para descobrir os meandros da memória e das reminiscências das normalistas do Sion buscamos ouvir algumas delas e, assim, perceber nas narrativas de suas memórias como essas revelam suas interpretações sobre suas vivências no período em que estudaram nesta instituição e, sobretudo a opção pelo Curso Normal.

Quando nos propusemos a estudar o universo das normalistas do Colégio Sion, houve a preocupação de contextualizar social e historicamente essa instituição no período em que esta atuava exclusivamente na educação feminina (1901-1970)

para que pudéssemos entender as particularidades, trajetórias e vivências das mulheres ali educadas. Tal estudo exigiu alguns cuidados no sentido de observar o fato de que a instituição educacional pesquisada está inserida em um espaço geográfico, econômico e social marcado pela forte presença de dirigentes.

1.2 O Caminho da Pesquisa

Na primeira etapa da pesquisa procuramos coletar dados no arquivo do Colégio Nossa Senhora de Sion, onde foi possível entrar em contato com a história dessa instituição e sua função social em diferentes momentos.

O exame das fontes escritas permitiu-nos reconstruir aspectos internos do colégio em diferentes épocas: sua forma de organização inicial e durante os anos que se dedicou exclusivamente à educação feminina, organização curricular, cotidiano da sala de aula, práticas religiosas, estrutura física do colégio, regimento interno, etc.

O contato com recortes de jornais de diferentes épocas também foi possível no período em que era realizada a pesquisa no arquivo do colégio. Essa documentação assumiu importância na medida em que os jornais sempre foram veículos de informação de fatos públicos, políticos, religiosos e culturais, ou seja, muitas vezes refletiram, de maneira formal, o cotidiano da sociedade paulistana. Por considerarmos os jornais como elementos formadores de opinião, portanto providos de parcialidade, esses não foram tomados como fontes objetivas de dados históricos, mas por serem registros escolhidos e arquivados pela instituição pesquisada, são fontes que contribuíram para a nossa pesquisa por evidenciarem alguns interesses dessa instituição.

A leitura e análise de alguns recortes de jornais, arquivados no colégio, evidenciaram alguns aspectos que nos permitiram a interpretação do imaginário social de algumas épocas, refletindo percepções e valores. Foi possível observar, por exemplo, que alguns artigos mostravam a mulher e a sua função de mãe-esposa na sociedade, sintetizando todas as virtudes e toda moral compatível com os valores presentes no discurso religioso..

Ainda que a documentação escrita seja vasta, não significa que nos limitamos apenas à sua análise. Procuramos cotejá-la com outras fontes, entre

essas as iconográficas, o que também nos permitiu uma reconstituição das nuances que envolviam o cotidiano dessa instituição em diferentes épocas.

Entretanto, apesar da vasta documentação analisada, recorreremos, sobretudo, à história oral, pois esta trabalha com a memória, o vivido, o que mesmo fazendo parte de passado, ainda está presente no indivíduo ou no grupo.

A história oral tem sido utilizada em diversos trabalhos acadêmicos. Muitas são as formas de se abordar a memória a partir da oralidade, mas o método consiste, basicamente, na realização de entrevistas ouvindo e gravando as falas de indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Para Alberti (2005, p.165) “uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”.

Assim, optamos por entrevistar seis normalistas egressas do Colégio Nossa Senhora de Sion e, através de suas narrativas, analisar os motivos pelos quais essas mulheres escolheram o magistério e mais especificamente o curso oferecido pela referida instituição. Essa análise foi realizada a partir dos estudos sobre a memória dessas mulheres e a relação com suas escolhas.

Cabe aqui ressaltar que a escolha das ex-sionenses para obtenção das narrativas não foi norteadada por aspectos quantitativos, ou seja, com a preocupação voltada para amostragens, mas foi a partir da posição dessas mulheres no grupo analisado e, sobretudo, pelo significado de suas experiências.

Ao dar início a pesquisa utilizando a história oral, de imediato atentamos para os aspectos éticos. Segundo Meihy (2005), “a história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social”, e por esse motivo, necessita de cuidados que preservem a integridade dos sujeitos que fornecerão os seus depoimentos.

Após a coleta das narrativas orais, essas gravadas, realizamos a transcrição e, em seguida, um fichamento em conjunto dos relatos obtidos com as entrevistas, relacionando-as com os demais materiais coletados, ou seja, os relatos orais e os textos escritos, para que pudéssemos analisar as relações que se estabeleciam entre eles. A importância desse trabalho é que o material escrito permite

(...) ao pesquisador um novo tipo de trabalho, a consciência de que durante a pesquisa, estará trabalhando com dois materiais distintos: as memórias faladas, que o pesquisador registra em sua própria memória, e que até inconscientemente estão presentes durante a análise, e o material escrito, que lhe exige novas atenções. Se as entrevistas faladas são ricas e cheias de elementos novos que vão se apresentando às vezes aos poucos, à medida que se escuta várias vezes cada gravação, o material transcrito, por outro lado permite uma visão de conjunto e um trabalho com as memórias de forma mais dinâmica. (Demartini, 1992, p. 54)

A nossa opção pela história oral nesta pesquisa justifica-se pelo fato de a considerarmos “um meio privilegiado para o resgate da vida cotidiana tendo em vista que esta se mantém firmemente na memória, apesar de poder sofrer alterações como resultado de experiências posteriores ou mudanças de atitude” (NIETHAMMER, 1987, p.41 apud MONTENEGRO, 1993, p.17).

1.3 As modalidades da História Oral e a opção pela História Oral Temática

A História Oral conta com modalidades diferentes, entre as quais destacamos a História de Vida e a História Oral Temática, essa última utilizada no desenvolvimento desta pesquisa.

A História de Vida³ versa sobre as experiências vivenciadas por um sujeito individualmente e tem como centro de interesse o próprio indivíduo na sua história, abordando desde a infância até o momento em que fala. Nessa abordagem a preocupação maior não está em um determinado tema, mas sim na própria trajetória do depoente.

Enquanto a História de Vida tem como interesse o próprio indivíduo na história, a História Oral Temática versa prioritariamente sobre a participação do indivíduo em um tema. Assim, detalhes da vida pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis ao tema.

³ A História Oral de Vida se diferencia da narrativa biográfica, na medida em que esta atenta-se mais ao roteiro cronológico e factual das pessoas.

A História Oral Temática admite o uso de questionário e este torna-se elemento fundamental para a descoberta dos detalhes procurados.

Na elaboração do questionário, suporte para as entrevistas, buscamos destacar algumas questões que pudessem identificar elementos que revelassem, na vivência dessas ex-normalistas sionenses, razões da escolha pelo magistério, o papel da família, suas redes de relações durante a trajetória no Sion, o imaginário em torno do magistério como carreira feminina e a influência do espaço de formação. Assim traçamos um roteiro que favorecesse uma narrativa mais solta e que fluísse de maneira agradável.

- Narrativa: a trajetória escolar e o espaço de formação (Colégio Nossa Senhora de Sion)
 - a Família
 - o grupo social e a rede de relações
- O papel da religião na formação oferecida pelo Colégio Nossa Senhora de Sion.
 - as festas religiosas
 - a mulher e o discurso religioso.
- Os saberes necessários à “moça-de-família”
 - o currículo desejável (o francês, o piano...)
- Ser sionense – a representação no imaginário social da época.
 - a relação com as “Martinhas”
- A educação e o comportamento feminino.
 - a relação com as regras do colégio.
- A opção pelo Curso Normal
 - as características do comportamento feminino e a relação com o magistério.

1.4 O percurso da História oral

“Desejoso de saber, interrogo.”

A frase acima, proferida por Heródoto, autor daquele que é considerado o primeiro trabalho histórico da civilização ocidental, indica que a utilização de fontes orais para se escrever História não é algo recente. O estudo e a escrita da História se fizeram a partir do testemunho, da pergunta, da resposta e, sobretudo, da prática da memória.

É possível afirmar que a moderna História Oral tem um passado muito remoto, poderíamos dizer que a História Oral é tão antiga quanto à história, pois toda a história passa a ser escrita e devidamente relatada quando passa anteriormente pela oralidade. Segundo Meihy (2005), “toda história, antes de ser escrita, passou por etapas narrativas ou outras manifestações da oralidade”.

Ainda que possamos afirmar que o uso de relatos orais, como meio de compreensão da História, se deu em diferentes momentos e sob diversas formas, esses foram colocados em suspeita e não mais considerados fontes históricas seguras a partir do século XVII, período em que a História ganha o estatuto de ciência. Durante o século XVIII, apogeu do Iluminismo, a crença na supremacia da razão e a concepção cientificista passam a ser disseminadas pelo mundo. Dentro desse contexto não há mais espaço para as memórias evidenciadas nos relatos orais, pois são construídas a partir de subjetividades, assim não são consideradas elementos confiáveis para a produção do conhecimento científico.

Dominante no século XVIII, especialmente na França, o pensamento iluminista tem como principal característica creditar à razão a capacidade de explicar racionalmente os fenômenos naturais e sociais. Essa crença na ciência como a única forma de conhecimento, capaz de produzir verdades objetivas e absolutas perdurou também no século XIX, quando muitos pesquisadores fixaram o que deveria ou não constituir-se em fontes históricas.

No século XIX – sob a orientação de correntes filosóficas como o positivismo, que consagrava o modelo científico como padrão para o saber –, isso foi levado a um exagero extremo, permitindo que alguns intelectuais vislumbrassem a possibilidade de elaborar história apenas a partir de documentos escritos, pois eles guardariam a verdade em si. (MEIHY, 2005, p.97)

A História metódica e factual, que sempre colocou no centro dos seus estudos ‘os grandes vultos e feitos históricos’, predominou até as duas primeiras décadas do século XX, momento em que surge a corrente historiográfica francesa

dos *Annales*⁴, da qual posteriormente surgiria a *Nova História*. O movimento dos *Annales* assume posições críticas em relação ao tipo de história que costumava ser realizada principalmente na Academia. Uma das características dos *Annales* está na proposta de reflexão dos historiadores tanto em relação a sua área de estudos, como sobre suas formas de trabalho, na tentativa de tirar a história de seu isolamento disciplinar, de maneira que as formas de pensar em História estejam abertas às problemáticas e as metodologias existentes em outras ciências sociais. Uma verdadeira crítica à historiografia positivista predominante até aquele momento.

Entretanto, uma das maiores contribuições dos *Annales* foi promover uma revolução documental que não apenas significou a incorporação de novas fontes, mas também da própria ampliação dos objetos de estudo do campo histórico, não mais restrito ao modelo de natureza meramente factual.

O entendimento mais amplo de documento enquanto "*um legado à memória coletiva*" pressupõe a produção de um conhecimento histórico baseada em uma problematização e não mais numa história automática (LE GOFF, 1993) feita unicamente pelos textos documentais considerados como 'prova' pelos positivistas.

Para os *Annales* a eleição do documento escrito como único instrumento capaz de reter a história acabou por atribuir a esta um caráter político excludente, pois se restringia apenas às 'grandes personalidades' e 'aos seus grandes feitos'.

Contrapondo-se à História Positivista, que se nutria da documentação oficial e do culto ao teor desses mesmos documentos como verdade histórica irrefutável, os *Annales* introduziram novos métodos e abordagens, alargando o sentido do documento para as situações em que não há registros escritos. Entretanto, percebemos que essa ampliação não atinge de imediato a História Oral.

A Moderna História Oral⁵ só foi inventada na década de quarenta, mais precisamente em 1948, na Universidade de Columbia, em Nova York, momento em que se oficializou o termo, que passou a ser utilizado para indicar uma nova postura

⁴ Escola dos *Annales* - um movimento historiográfico assim chamado pelo periódico científico francês *Annales d'histoire économique et sociale* (posteriormente chamado *Annales. Economies, sociétés, civilisations*, e renomeado posteriormente em 1994 como *Annales. Histoire, Sciences Sociales*), quando foi assim interpretada. A história da Escola dos *Annales* é mais conhecida por incorporar métodos das ciências sociais à história.

⁵ O adjetivo Moderna, que a precede a expressão História Oral, é utilizado para distinguir a história que tem como fonte a oralidade nas décadas de quarenta até os nossos dias, da prática antecedente. É que anteriormente o uso de equipamentos como gravador e filmadoras era impossível em virtude da inexistência dos referidos instrumentos.

em face da formulação e difusão das entrevistas. Isso ocorreu com a necessidade de captar as experiências de combatentes, familiares e vítimas dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. Uma condição necessária para a existência da Moderna História Oral é a invenção do gravador portátil que coincide com esse período. Segundo Meihy

A história oral nasceu vinculada à necessidade do registro de experiências que tinham repercussão pública. Os efeitos e a aceitação coletiva dessas narrativas determinam seu sucesso independentemente do registro oficial. Isso equivalia a uma nova noção de cidadania. (MEIHY, 2005, p.92)

No Brasil um dos trabalhos de maior relevância no campo da História Oral é o da pesquisadora Ecléa Bosi. Seu livro *Memória e sociedade, lembranças de velhos*, originou-se, em 1973, de sua tese de livre-docência em Psicologia Social. Trata-se de um livro sobre memória social, ancorado na velhice “*não pretendi escrever uma obra sobre memória, nem tampouco sobre velhice. Fiquei na interseção dessas realidades: colhi memórias de velhos*” (1994, p.39) escreve a autora, que dividiu o livro em dois capítulos iniciais teóricos e um último capítulo no qual se torna uma personagem narradora, tal como as oito personagens do livro.

Outra grande contribuição para a Moderna História Oral foi o trabalho desenvolvido pelo historiador Paul Thompson, uma das maiores autoridades na reflexão e na utilização desse método para o registro histórico, com destaque o seu livro *A Voz do Passado: História Oral*, publicado em 1978.

Paul Thompson teve participação relevante no movimento da História Oral, principalmente por estabelecer contatos com outros pesquisadores que se interessavam pela utilização da palavra das pessoas nas ciências humanas, entre eles Philippe Joutard e Daniel Bertaux, ambos na França, Luisa Paserini, na Itália e Mercedes Vilanova, na Espanha.

1.5 A História Oral no Brasil

A História Oral surge no Brasil a partir da década de 70, quando a Fundação Ford, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, promove um encontro

com especialistas em biblioteca e documentação. O objetivo era organizar um grupo que “pudesse criar uma infra-estrutura de documentação para a pesquisa na área de Ciências Sociais.” (FERREIRA, 1996)

Esse encontro coincidiu com o período em que o Brasil vivia o regime da ditadura militar e a gravação de depoimentos causava medo nos possíveis colaboradores. A História Oral só se desenvolveu plenamente no Brasil com o fim do regime militar; entretanto, temos que admitir que os primeiros passos foram dados ainda dentro desse período. Segundo Meihy, apesar de a ditadura militar ter coibido projetos e registros que gravassem opiniões e depoimentos, o que justifica nosso retraimento em projetos dessa natureza,

(...) o germe da repressão militar acabou por favorecer o aparecimento da história, que se mostrou potente, inclusive com uma das alternativas para a afirmação da democracia. Como a censura foi um dos pilares da ditadura militar, a reserva de depoimentos orais acabou por ser uma via de acesso à compreensão daquele período da nossa história (MEIHY, 2005, p.100)

Podemos afirmar que a Moderna História oral definiu-se no Brasil a partir de 1979, após alguns encontros de pesquisadores, fortalecendo-se mais depois de 1983 com o processo de redemocratização do país, período em que se consolidaram os debates, promovendo-se mais espaços coletivos.

Assim, o recurso à história oral contribuiu para que pudéssemos entender o papel do Colégio Nossa Senhora de Sion na vida de suas alunas, através do contato com informações que não encontramos registradas em documentos, relatórios ou livros. Trata-se do desenvolvimento de um trabalho cuja principal fonte baseia-se na memória.

O passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão desde a ênfase ou a entonação até os silêncios e disfarces (MEIHY, 2005, p.61)

Embora possamos afirmar que é significativa a produção de pesquisa sobre educação feminina, em especial no que concerne às escolas confessionais católicas, acreditamos na importância e pertinência de novos olhares sobre esse campo de pesquisa.

A utilização da história oral nesta pesquisa nos possibilitou conhecer valores, costumes, opiniões, relações familiares e sociais de mulheres que vivenciaram o cotidiano de um colégio confessional católico. Buscamos trazer à tona situações vivenciadas pelos “sujeitos construtores da História [...] todos que anonimamente ou publicamente deixam sua marca, visível ou invisível no tempo em que vivem no cotidiano de seus países e também na história da humanidade” (NEVES, 2001). Não se pretende com isso escrever outro tipo de história, mas escrever uma história mais ampla e mais completa. Ao tomarmos as experiências dessas mulheres como matéria-prima, a história do Colégio Nossa Senhora de Sion de São Paulo apresenta uma nova dimensão.

É importante ressaltar que ao analisarmos os relatos dessas ex-normalistas do Sion, buscamos o conjunto, o grupo em que as relações são estabelecidas. No entanto, foi a partir do relato individual de cada uma dessas mulheres, que se buscou extrair a história coletiva, salvaguardando a individualidade de cada história, de cada experiência, de cada recordação.

1.6 Memórias de Normalistas

"Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças"

(Henri Bergson)

Nesta pesquisa foram inúmeros os momentos dedicados a ouvir. Ouvir para conhecer idéias, valores, pensamentos e, sobretudo entrar em contato com as memórias das normalistas sionenses. Ouvir as narrativas representou tanto compreender o passado quanto testemunhar o presente dessas ex-normalistas, pois ambos se tornavam alvo de reflexão no momento de suas narrações.

Empregar o recurso da oralidade, para analisar as vivências das normalistas do Sion, possibilitou que essas mulheres transmitissem seus modos de ver o mundo, suas histórias de vida e as suas lembranças trazidas do velho Sion.

Essa metodologia de análise nos permitiu extrair das lembranças as imagens que marcaram a escolha pela formação no Curso Normal.

Entendemos que narrar fatos da própria vida é rever experiências, com a possibilidade de retomá-las. A reconstituição da memória permite ao narrador realizar reinterpretações de si próprio, de suas vivências, de suas práticas, pois conforme esclarece Bosi: *“A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”* (1994, p.68).

Em sua obra, *Memória e sociedade, lembranças de velhos*, Ecléa Bosi recorreu a Bergson e Halbwachs, que centraram na memória suas reflexões, para entender as narrativas colhidas.

Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, escreveu um livro indispensável para quem se detém nos estudos sobre memória, *Matéria e memória* (1896). Ele não compartilhava de algumas correntes intelectualistas da ciência da época, que acreditavam que o homem poderia conhecer tudo através de sua capacidade intelectual, pois o cérebro é uma parte do mundo material. Logo, a sua visão sobre a memória também foi revolucionária, já que afirmava a realidade do espírito, ou algo além da matéria. Sobre isso, Bergson faz aproximações com a lembrança, distinguindo entre elas dois tipos:

A lembrança espontânea é imediatamente perfeita, o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data. Ao contrário, a lembrança aprendida sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal(...)Das duas memórias que acabamos de distinguir, a primeira parece portanto ser efetivamente a memória por excelência...(Bergson, 1999, p.91)

Ainda sobre a memória, Bergson (1999) afirma que *o papel do corpo não é armazenar lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta*. Assim, cria uma reserva memorialista que reside no nosso espírito e que o corpo tem o poder de acessá-la nunca de maneira completa, mas fragmentada.

Ao retomar o trabalho de Bergson acerca da memória, Ecléa Bosi afirma que: *“o papel da consciência, quando solicitada a deliberar, é, sobretudo o de colher e escolher”* E, finalmente, ela faz uma aproximação ao que Bergson considerava a verdadeira memória, ou lembrança-pura:

...a lembrança-pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona na consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida/.../ Sonho e poesia são, tantas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, a que Bergson não hesita de dar o nome de inconsciente. A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente (Bosi, 1994, p.49)

Assim, podemos concluir que para Bergson há dois tipos de memória. A primeira é a memória-repetição ou *memória-hábito*, aquela que acumula impressões do passado, como um álbum de fotografias. São lembranças frias sem vida, muitas vezes motivo de tristeza, e mesmo quando trazem alegria é uma alegria melancólica. Já a segunda é a memória-contração ou *memória-pura*, a faculdade de ‘re-cordar’ (como a reminiscência platônica): re-cordar, no seu sentido primitivo de reprodução de estados anteriores, uma vivência atual que carrega no seu seio todo ou parte do passado. É uma memória criadora: criadora de novos presentes; criadora de novos passados.

Outro trabalho retomado por Ecléa Bosi é o do sociólogo Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*. Em sua obra, o autor defende, como o próprio título sugere, que a memória é um fato puramente social. Ecléa Bosi, em alguns trechos de *Memória e sociedade*, discute sobre a teoria deste sociólogo:

Halbwachs não vai estudar a memória como tal, mas os quadros sociais da memória. Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações ente o corpo e o espírito), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (Bosi, 1994, p.54)

Em sua obra *A Memória Coletiva*, Halbwachs parte do pressuposto que o homem é acima de tudo um ser estritamente social, assim, a memória não poderia se excetuar a esse condicionamento.

Segundo Halbwachs, a memória de uma pessoa está vinculada à memória do grupo, e essa última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. Assim a memória passa a ser analisada por ele como um fato social que é influenciado pelos fatores coletivos, pois ela é sempre perpassada por dados que se originam fora do indivíduo e que lhe servem de guia. Essa memória, influenciada pelo coletivo, condiciona todas as lembranças, assim o indivíduo acreditaria ser o exclusivo de uma reminiscência que, na verdade, surge em função de um processo social.

A leitura de Halbwachs constituiu num referencial importante nesta nossa pesquisa para interpretarmos a memória e, principalmente a sua ligação com o espaço. Halbwachs assinala que as imagens espaciais desempenham um papel importante na memória coletiva e nos costumes de um grupo, pois o lugar recebe a marca do grupo e vice-versa: o grupo é influenciado pelo lugar. Um grupo não passa por um lugar sem deixar nele suas *marcas* e o lugar, por sua vez, também estabelece suas demarcações na memória do grupo.

Halbwachs afirma que o espaço e a disposição dos objetos nesse espaço são como elos que vinculam nossa memória ao grupo a que pertencemos. O espaço, seus objetos, são marcas duráveis e tendem a nos trazer uma sensação de continuidade, um sentimento de pertencimento a um determinado grupo que desfrutou desse mesmo espaço. Assim, segundo o sociólogo, nossa memória acaba por fixar-se no espaço para a geração de lembranças. O espaço é estável, demora a mudar, e isso traz ao grupo a sensação de continuidade, que seus hábitos e sua memória têm consistência, estabilidade. Sobre isso Halbwachs afirma

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. [...] todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque

todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nele de mais estável (HALBWACHS, 1990, p. 133).

No caso das ex-normalistas do Sion isso fica evidenciado ao relatarem vivências reconstruindo momentos que marcaram suas vidas, escutando os sons que povoaram os silêncios do casarão da Avenida Higienópolis, com suas escadarias, seus vitrais e os seus longos corredores. Experiências cotidianas de moças resguardadas pelos muros de pedra desse colégio.

Era proibido falar nos corredores e no refeitório (...) Havia bastante festas. A grande assembléia tinha muitas pompas e as festas eram muito bonitas e organizadas. O colégio era muito imponente” (D.Odete, ex-aluna do Sion, período 1921-1924.)

Outro aspecto importante que afirma o caráter social da memória é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio da linguagem. *Lembrar* e *narrar* se constituem da linguagem. Como afirma Ecléa Bosi a linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

Assim, ao ouvir os relatos das ex-normalistas do Sion fizeram-se presentes tempos de melancolia, como também se revelaram, ainda, duradouros laços de uma relação familiar intensa, criada entre as “meninas do Sion”. As lembranças sionenses se encarregam de interligar passado, presente e futuro. A representação individual se ancora em construções de uma memória mais ampla, construídas e expressas pelas meninas que freqüentaram o velho Sion paulistano.

A EDUCAÇÃO FEMININA NOS COLÉGIOS CONFESSIONAIS CATÓLICOS

2.1 O Catolicismo Ultramontano e a Educação Feminina

O Colégio Nossa Senhora de Sion de São Paulo (1901), foi fundado para suprir a necessidade de implantação de uma escola feminina confessional para a elite da capital paulistana. O discurso da implantação do Colégio passa pelas

discussões relativas à necessidade de educação feminina enquanto preparação de “futuras mães e esposas”, aptas ao desenvolvimento da *nação* brasileira.

Nessa perspectiva, a educação feminina consistia numa concessão da sociedade organizada e comandada por homens, mas essa concessão trazia em seu bojo a necessidade da construção de uma ‘sociedade civilizada’.

Para investigarmos o universo das normalistas do Sion da capital paulistana do início do século XX, foi necessário analisarmos as relações existentes entre a Igreja e o Estado a partir do século XIX, considerando, em especial, as questões relativas às idéias presentes naquele momento, sobretudo às questões do “liberalismo” brasileiro. Segundo Manoel (1996), no Brasil havia uma ambigüidade na oligarquia brasileira, pois a nossa história imperial foi composta por uma “acomodação de conflitos”. Enquanto na Europa, especificamente na França, a consolidação da burguesia exigia um movimento revolucionário (Revolução Francesa), no Brasil esse processo se deu pelo acordo, pela ambigüidade e pela acomodação. Assim,

Por não representar um momento decisivo da luta burguesa para superar o mundo aristocrático e rural, mas significando um reordenamento da própria oligarquia ao redor de uma nova ordenação política, não provocou exclusões e eliminações, mas cooptações e inclusões. Na esfera religiosa e educacional a conciliação se manifestou fortemente. (Manoel, 1996, p. 17)

O século XIX caracteriza-se como um período de intensificação do processo de urbanização. Junto às novas idéias vindas da Europa (liberalismo, positivismo, darwinismo), aporta aqui também uma nova visão de modernização. Nesse contexto, a oligarquia percebera que não conseguiria mais manter suas filhas “ignorantes” e isoladas, como era costume até então.

A elite passa a buscar a educação para as suas filhas, que acabam por obtê-la ora com professores particulares em suas residências, ora nos colégios internos, na maioria das vezes sob responsabilidade de congregações católicas.

A partir da segunda metade do século XIX os ideais liberais tomam força no Brasil e com isso as autoridades públicas passam a defender a retirada de responsabilidade do Estado sobre a educação, transferindo essa para a iniciativa

privada. A educação pública, sob responsabilidade das províncias, contava com pouquíssimos recursos.

Os primeiros colégios confessionais católicos destinavam a ‘educar’ dois públicos femininos: as filhas das famílias mais abastadas, que eram preparadas para a “profissão” de esposa e mãe, e as meninas órfãs ou muito pobres que necessitavam ser ‘ensinadas’ de forma adequada para o mundo do trabalho.

As famílias brasileiras mais ricas desejavam a modernidade, principalmente tudo que pudesse aproximá-las dos comportamentos europeus, sobretudo dos franceses. No tocante à educação de suas filhas temiam que essa modernidade pudesse subverter os comportamentos recomendados para ‘as moças de família’. A educação adequada para elas foi encontrada nos internatos católicos. Tratava-se de oferecer capital cultural e social na medida adequada aos “novos e velhos” interesses.

Para o segmento mais conservador da Igreja Católica, denominado catolicismo ultramontano⁶, a modernidade sempre representou um grande perigo para seus fiéis seguidores, pois o mundo moderno pregava a liberdade de pensamento de consciência, o que colocava em risco as “almas católicas”.

Como forma de vencer os males provocados pela modernidade e como rejeição e combate à ciência moderna, à democracia burguesa, ao capitalismo e ao comunismo, estabelecendo-se um saudosismo da Idade Média, o clero ultramontano começa uma fase de recristianização pelo mundo. Esse processo foi uma solução encontrada pela Igreja. Assim a Igreja inicia uma cruzada para ‘a recuperação das almas’ pela via da educação, através do que se denominou magistério católico. Sobre essa questão Manoel (1996) esclarece:

No contexto do catolicismo ultramontano, a educação era a atividade mais importante, porque a ela cabia a formação integral do homem, conceito que envolve muito mais do que a educação escolarizada, abrangendo todo o conjunto de suas atividades. Portanto, é compreensível que a Igreja defina seu trabalho como magistério e a si mesma como Mãe e Mestra. (Manoel, 1996, p. 57)

⁶ Dentro da Igreja Católica houve uma divisão do clero: aqueles que se identificavam com o iluminismo e com o liberalismo; e aqueles conservadores, que condenavam em bloco a modernidade. Esse clero conservador assumiu o controle da Cúria Romana durante o todo o século XIX e boa parte do século XX, sob a denominação de Ultramontanismo. O catolicismo ultramontano se inicia com o pontificado de Pio XII (1800- 1823), marcado pela consolidação da doutrina conservadora e vai até o pontificado de João XXIII (1958-1963).

Nessa perspectiva, cabe afirmar que as congregações religiosas responsáveis em promover a educação feminina faziam parte do projeto ultramontano para afastar seus fiéis das idéias modernas e das propostas da educação laica.

Para o pensamento ultramontano a educação das meninas e jovens constituía-se em uma das principais tarefas, pois elas seriam as futuras mães, educadoras de seus filhos, portanto, disseminadoras da fé e dos preceitos religiosos.

2.2 A educação feminina no Brasil após o advento da República

No Brasil, no que refere à educação feminina, o discurso ultramontano ia ao encontro do desejo das famílias mais abastadas: suas filhas receberiam uma educação refinada sem, no entanto, colocar em risco ‘os bons costumes’, pois as idéias católicas apresentavam uma concepção de sociedade, poder político e relações familiares que eram convenientes à forma de vida da oligarquia brasileira. Mesmo que a educação liberal reforçasse o caráter individualista e o civismo como força para a implantação de uma “Nação”, a educação católica não fugia aos interesses da oligarquia, já que esta sempre ensinou ao católico ser ordeiro, obediente e respeitador da ordem constituída.

O final do século XIX é marcado por crescente processo de urbanização. Junto às novas idéias vindas da Europa (liberalismo, positivismo, darwinismo)⁷, chega aqui também uma nova visão de modernização. Esses novos tempos que se anunciavam colocavam a educação no centro do debate, pois exigiam um novo homem, com novas posturas. A educação era a via de regeneração do homem, para que este pudesse viver nessa nova sociedade.

O final do século XIX e início do século XX, conhecido e descrito por Roque Spencer Maciel de Barros (1986) como o período da “Ilustração Brasileira”, estruturou-se a partir do confronto entre três matrizes de pensamento, consideradas por ele como “mentalidades” específicas que marcaram a intelectualidade neste

⁷ As últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX foram conhecidas como o período da “Ilustração Brasileira”, no dizer de Roque Spencer Maciel de Barros. É um período em que o contato com a Europa, particularmente com a França, é intenso, e de lá vêm as idéias de evolução, o darwinismo biológico e social, o positivismo e o materialismo filosófico e político. Essas idéias encontram eco nas elites políticas, culturais e intelectuais do país, cada qual escolhendo os aspectos que mais lhe são próximos. O alcance e sentido da influência européia na história intelectual, institucional e política do Brasil é um dos temas centrais da historiografia brasileira, que não caberia apreciar aqui.

período: a mentalidade **católico-conservadora**, a liberal e a cientificista. O impacto dos debates entre essas matrizes contribuiu para as definições no campo de atuação de cada uma delas. Para o referido, autor por meio da “ilustração”, isto é, por meio da revolução intelectual, da disseminação da educação, poder-se-ia transformar o Brasil, um país atrasado, num país que se colocasse “no nível do século”.

Assim, surge o desafio de modernizar o Brasil sob os parâmetros civilizatórios europeus, mantendo, entretanto, a ordem numa estrutura social que não pretendia abrir mão de suas concepções moralistas conservadoras, fundamentadas nos preceitos cristãos, predominantemente católicos, num momento particular em que o conservadorismo buscava reafirmar a presença da Igreja no mundo.

A educação primária e secundária, deixadas sob responsabilidade das províncias a partir de 1834, contava com investimentos precários, o que contribuía de forma negativa para a qualidade educacional oferecida. A solução encontrada pela elite para educar suas filhas era contratar professores para educar as jovens em suas próprias residências ou enviá-las para estudar nos internatos ou colégios confessionais católicos.

Nesse contexto, a oligarquia percebera que não conseguiria mais manter suas filhas “ignorantes” e isoladas. Embora a oligarquia desejasse modernizar-se, esse desejo a colocava em conflito: temia a modernidade com relação à educação de suas filhas, pois tinham que educá-las de acordo com as exigências do mundo moderno, entretanto essa educação não poderia subverter a posição de subalternidade das mulheres. Assim a educação dos internatos católicos era propícia para as intenções dessa oligarquia.

Após a Proclamação da República (1889), a religião católica deixa de ser oficial no Brasil e tem fim o regime de padroado⁸, ocorrendo a separação da Igreja e do Estado. Como a Igreja já não contava com a tutela do Estado, era imprescindível que se criassem condições para o fortalecimento de suas ações, assim coube aos colégios e internatos católicos prestarem tal serviço.

⁸ Padroado é a outorga, pela Igreja de Roma, de certo grau de controle sobre uma Igreja local ou nacional, a um administrador civil, em apreço de seu zelo, dedicação e esforços para difundir a religião e como estímulo para futuras “boas obras”. De certo modo o espírito do padroado pode ser assim resumido: aquilo que é construído pelo administrador, pode ser controlado por ele. (Bruneau, 1974, p.31)

A partir da segunda metade do século XIX ocorre o aumento de congregações católicas vindas de outros países para o Brasil, trazendo principalmente, religiosas francesas e italianas para desenvolverem trabalho educativo nos colégios, e religioso nos orfanatos e asilos.

Essas congregações religiosas femininas tinham um caráter educativo para a elite, mas também para as meninas pobres e órfãs. Além de conceber a mulher como a principal disseminadora da devoção católica, as congregações religiosas femininas tinham como uma das principais características a supervalorização da figura da Virgem Maria, assim “as congregações femininas eram verdadeiros canais de transmissão das práticas devocionais e da visão ultramontana do mundo junto ao sexo feminino” (Wernet, 1985, p.49)

No final do século XIX e início do período republicano é perceptível o aumento dos colégios confessionais católicos e a educação feminina começa a ganhar contornos na sociedade, entretanto cabe ressaltar que a mulher permanecia na clausura doméstica. A herança conservadora, em consonância com os princípios católicos, se opõe a qualquer tentativa de emancipação da mulher, ainda que o momento que se descortinava, com o processo de urbanização e desenvolvimento industrial e comercial, solicitasse a presença feminina. O ‘moderno’ assustava a sociedade conservadora da época, pois

“... Moderno, naquela altura do século XIX brasileiro, significava muito mais do que máquinas, ferrovias, eletricidade, bancos. Significava também, e, sobretudo, extensão de direitos civis para todos, inclusive às mulheres” (Manoel, 1996, p.30)

Diante da insegurança em abrir o espaço público à participação feminina, a sociedade conservadora abraça os ideais católicos, os quais asseguravam ser o espaço doméstico o *locus* reservado por Deus à mulher. A mulher, no imaginário social da época, era representante de um comportamento exemplar, portadora de atributos como generosidade, moralidade, resignação, abnegação e pureza. Dentro dessa concepção, a mulher não só poderia como deveria receber uma educação inferior à do homem, pois era ele que dominava as atividades sociais e cívicas dentro da sociedade. Portanto, em atendimento ‘à vontade divina’, a mulher deveria receber uma educação inferior à do homem e jamais junto ao homem, motivo pelo qual a Igreja sempre revelou repulsa à idéia da co-educação.

Para explicar o motivo que levou a Congregação Nossa Senhora de Sion a se estabelecer não só em São Paulo, mas em diferentes cidades brasileiras, é preciso voltar no tempo, mais especificamente ao século XIX. A França e sua capital representavam o ‘coração’ do mundo civilizado. Educação, filosofia, artes, ciências, bom gosto, moda, artigos de luxo, tudo isso era sinônimo de Paris, cidade que ditava a ‘última palavra’ sobre os temas.

O Brasil, país jovem e governado por uma família imperial, não constituía uma exceção. Na Corte Brasileira falava-se freqüentemente o francês, os convites e menus eram feitos nesse idioma, o que acabou tornando moda entre a aristocracia enviar seus filhos a Paris em busca de cultura, educação e, sobretudo, status social.

O que aconteceu é que em determinado momento chegou-se à conclusão de que seria mais lógico, prático e econômico trazer da França professores ou instituições francesas para se estabelecerem no Brasil. Assim, aliadas a outras situações, nas últimas décadas do século XIX, começam a chegar ao país as primeiras grandes congregações francesas.

Outras razões para se explicar a vinda das religiosas francesas para o Brasil no fim do século XIX e início do século XX encontram-se na própria situação política da França nesse período. A França, que se destacara como uma nação católica, sofre grandes transformações no final do século XVIII com a Revolução Francesa (1789-1799). A tradição católica entra em choque com as novas idéias iluministas, pois a Revolução não só propagou esses ideais, que incluíam um sentimento anticlerical e anti-religioso, como também exerceu na prática esses ideais. Às vésperas da Revolução Francesa, a França revelava um quadro onde o catolicismo vivia o seu auge: a população participava dos ritos religiosos e o clero paroquial cuidava da vida religiosa da sociedade. Exercia grande influência na vida política, pois o poder absoluto do rei era garantido pelo direito divino, e o próprio clero possuía status de Estado. . Era esse quadro que a revolução viria a mudar radicalmente.

Portanto, é possível afirmar que a situação político-religiosa da França e a influência da cultura francesa contribuíram para a fundação dos colégios confessionais franceses no Brasil a partir do final do século XIX, sobretudo dos colégios femininos. É nesse contexto sócio-histórico que a Congregação Nossa Senhora de Sion chega ao Brasil entre as inúmeras congregações femininas durante a segunda metade do século XIX.

O quadro a seguir identifica as congregações femininas chegadas no Brasil, durante o século XIX, dados constantes em relatório do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social):

| Nome da congregação | Ano e local de fundação | Ano de chegada no Brasil/Local de instalação |
|--|--------------------------------|---|
| São Vicente de Paula, Sociedade das Filhas de Caridade. | 1633, Paris, França | 1849/ Mariana, MG |
| São José de Chambéry, Congregação das Irmãs de | 1650, Puy-em-Velay, França | 1858/ Itu, SP |
| Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, Congregação das Irmãs | 1851, Aveyron, França | 1885/Uberaba, MG |
| Notre Dame de Sion, Congregação das Religiosas de | 1845, Paris, França | 1888, Rio de Janeiro, RJ. |
| Bom Pastor de Angers, Congregação de Nossa Senhora da Caridade do | 1829, Angers, França | 1891/Rio de Janeiro, RJ. |
| Santos Anjos, Congregação dos | 1830, Lons-le-Saunier, França | 1893/ Rio de Janeiro, RJ. |

Fonte: CERIS, Relatório de 1965.

As Irmãs francesas da Congregação Nossa Senhora de Sion chegaram ao Brasil em 1888, fundando o primeiro Colégio no Rio de Janeiro. Devido à epidemia de febre amarela naquela cidade foram para Petrópolis (1890). Fundaram depois os Colégios de São Paulo (1901), Campanha (1904), Curitiba (1906) e, por fim, Belo Horizonte (1944).

A CONGREGAÇÃO NOSSA SENHORA DE SION

3.1 Congregação Nossa Senhora de Sion: buscando as raízes e sua instalação no Brasil

“Reunidos em um só corpo os filhos de Deus dispersos”

(João, 12:52)

A Congregação Nossa Senhora de Sion foi fundada no século XIX pelos sacerdotes católicos Teodoro e Afonso Ratisbonne, irmãos e filhos de uma rica família de judeus em Estraburgo.

Os dois irmãos iniciaram uma obra missionária, destinada a trabalhar pela conversão do povo de Israel, e também pela aproximação entre cristãos e judeus. O nome Sion surgiu por inspiração do Pe. Teodoro, nomeando a congregação como Nossa Senhora de Sion.

A imagem de Maria é apresentada em trajes das antigas mulheres judias, com uma coroa de quatro pontas, e segurando o menino Jesus, trazendo o que chamaram de missão “... *dar uma das mãos ao povo de Israel e outra ao povo Cristão*”

Em momentos diferentes de suas vidas, ambos acabaram se convertendo ao cristianismo e abriram um pequeno e modesto catecumenato para meninas judias, de famílias pobres, com o intuito de instruí-las e educá-las na fé cristã⁹. Segundo o pensamento dos irmãos Ratisbonne, a fé que orienta a religião se nutre na Bíblia, tanto em sua interpretação judaica, como na tradição cristã. Buscando a unidade dos dois Testamentos, eles escolheram o nome de SION, pois atendia às finalidades da obra e também evocava a cidade religiosa privilegiada, onde florescem a revelação e o culto do único e verdadeiro Deus.

Para viabilizar o projeto, os irmãos Ratisbonne contaram com a ajuda de duas senhoras que tinham acabado de fechar uma instituição de ensino conhecida pela educação esmerada de meninas da alta sociedade francesa. Mais tarde, por influência de um padre, surge a idéia de fundar um colégio. Várias famílias da aristocracia insistiam para que suas filhas estudassem no lugar. E foi assim que se fundou o Colégio Sion de Paris, primeiro de uma longa série que acabou se espalhando pelo mundo e hoje atinge todos os continentes.

Quando a Congregação Nossa Senhora de Sion chegou ao Brasil, a intenção inicial de auxiliar e converter meninas judias órfãs, nascida com o primeiro Colégio Sion de Paris, em 1843, não foi posta em prática. Os colégios já foram fundados para atender às necessidades da elite, tanto em São Paulo como nas demais cidades onde foram instalados. Também proporcionavam educação às meninas pobres, conhecidas por ‘Martinhas’, como podemos observar nos efemérides sionenses (ANEXO B), em que registra no dia 10 de março de 1941:

⁹ Inicialmente o Padre Teodoro fundou a comunidade das Irmãs de Nossa Senhora de Sion e, somente mais tarde, em companhia de seu irmão Afonso Maria e com o desenvolvimento da sociedade dos Padres Missionários de Nossa Senhora de Sion (1855) constituíram, finalmente, a Congregação Nossa Senhora de Sion (1893).

“Algumas crianças pobres são recebidas na Sion paulista, primeiro núcleo da obra das ‘Martinhas’. Abre-se uma escola noturna dirigida por Maria Amélia Reis. Afluem empregadas domésticas em cujas almas a dirigente incute princípios cristãos (Efemérides Sionenses, 1941 – Arquivo do Colégio)”

As primeiras religiosas do Colégio Nossa Senhora chegaram ao Brasil em 1888, ainda sob o Império, dando início à implantação de vários colégios. A instalação do primeiro Colégio Sion no Brasil ocorreu a pedido da Condessa Eugênia Monteiro de Barros, em 9 de outubro de 1888,, na cidade do Rio de Janeiro.

Essas primeiras religiosas obtiveram do Imperador D.Pedro II a autorização para lecionarem, que reconheceu o bacharelado que estas haviam concluído na França. No primeiro Colégio Sion (Rio de Janeiro – 1888) os primeiros conteúdos foram ministrados em língua francesa, atendendo ao desejo expresso das famílias que lá matriculavam suas filhas. O ensino de Língua e Literatura Luso-Brasileira, único conteúdo ensinado em língua portuguesa, era ministrado por professores do Rio de Janeiro.

Em decorrência de um surto de febre amarela, esse colégio é fechado em 1891 e a obra educacional de Sion passa a se estabelecer definitivamente em Petrópolis, onde um outro núcleo de religiosas de Sion já lecionava desde 1890.

Nesse contexto, continua a se desenvolver o trabalho das religiosas francesas e outras unidades do Colégio Sion surgem em diferentes locais: Juiz de Fora (1897), São Paulo (1901), Campanha (1904), Curitiba (1906) e Belo Horizonte (1944), dos quais permaneceram até hoje o do Rio de Janeiro, o de São Paulo e o de Curitiba.

3.2 A cidade de São Paulo no final do século XIX e início do século XX

Ainda no século XIX a cidade de São Paulo começa a ganhar status com a economia cafeeira, passando a se beneficiar da ferrovia que liga São Paulo ao Porto de Santos. Essa estrada, construída por ingleses, é idealizada para escoar a produção de café do interior de São Paulo até o litoral (Santos-Jundiaí). Nesse período uma vila tipicamente inglesa é construída para acomodar operários e engenheiros envolvidos na manutenção do sistema. A facilidade de exportar o café permitiu não só a cidade, mas também ao estado de São Paulo um grande crescimento econômico.

Em 1885, o “ouro verde”, assim chamado o café, começou a gerar grandes fortunas nas fazendas do interior do estado. Na entrada do século XX, a riqueza acumulada já havia levado a maioria dos grandes cafeicultores para a cidade grande. Com dinheiro, os fazendeiros se mudam para a capital e constroem palacetes na região dos Campos Elíseos. As exportações crescentes de café, por sua vez, levaram à capitalização de recursos, que permitiu a formação das primeiras indústrias de São Paulo. O desenvolvimento da indústria se torna ainda mais claro por causa da Primeira Guerra Mundial, em 1914, que impossibilita a importação de produtos europeus. Com o crescimento industrial, a cidade de São Paulo teve sua área urbanizada aumentada em ritmos acelerados, sendo que alguns bairros residenciais foram construídos em lugares de chácaras.

São Paulo cresce e vira a sede administrativa do Estado, resultante da riqueza gerada pelo café, dando início à vida urbana da futura metrópole. Bairros importantes, com bancos, lojas, restaurantes, teatros e outros serviços, surgem na região central, principalmente ao longo das margens da ferrovia. A capital paulistana mostrava vocação para a Modernidade.

Entre o final do século XIX e início do século XX, a cidade de São Paulo começou a ganhar uma nova paisagem urbana. Esse novo espaço urbano começava a ser construído com as enormes somas que a elite paulistana lucrava com a agricultura cafeeira. A expansão urbana criou diversos bairros identificados pelo tipo de comunidade que atendia. As mais importantes realizações urbanísticas do final do século XIX foram a abertura da Avenida Paulista (1891) e a construção do Viaduto do Chá (1892), que rompeu a barreira do Vale do Anhangabaú e possibilitou o surgimento de bairros de elite na parte nova da cidade, entre eles o bairro de Higienópolis, onde se instalou o Colégio Nossa Senhora de Sion, atendendo a expectativa de educação das filhas das famílias ricas da capital paulistana.

3.3 O Colégio Sion chega à capital paulistana

Em 1901, algumas religiosas procedentes de Juiz de Fora, instalaram-se na capital paulistana. Um surto de febre amarela em Minas Gerais obrigou as religiosas a fecharem o Colégio Sion que funcionava naquele município desde 1898.

O então presidente da Província de São Paulo, Dr. Rodrigues Alves, já era conhecedor do trabalho da Congregação, pois ao ficar viúvo de dona Ana Guilhermina, enviara suas filhas a Petrópolis para que estas recebessem a educação esmerada proporcionada pelas religiosas de Sion. Assim, tornou-se o grande incentivador da vinda das religiosas do Sion de Juiz de Fora para São Paulo.

O desembarque das religiosas na capital paulistana se deu no dia 03 de fevereiro de 1901, sendo recebidas por membros da família presidencial. Nesse dia desembarcaram em São Paulo Marie Angeline, Mère MarieAuguste, Mère Marie Agathe, Mère Marie Jeanne Thèrese, Soeur Honorata, com a tarefa de educar as filhas das famílias mais renomadas da capital paulistana, entre elas os Arruda Botelho, Vicente Azevedo¹⁰, Quartim Barbosa e Souza Queirós. Inicialmente as religiosas ficaram hospedadas na casa Pia de São Vicente de Paulo, que tinha por capelão Monsenhor Camilo Passalacqua.

Higienópolis, local alto e longe dos rios, fora escolhido para a instalação do novo colégio, pois se tratava de um lugar em que predominavam condições favoráveis de higiene indispensáveis para os estudos e a reflexão, daí a escolha do próprio nome do bairro Higienópolis – *cidade de higiene*. Vale aqui ressaltar que a preocupação com a higiene¹¹ e com a saúde era parte integrante do discurso republicano da época, segundo o qual a higiene escolar reforçava valores morais relativos a padrões comportamentais ditos “civilizados” para a época. O ambiente escolar deveria revelar a ordem da missão civilizadora republicana nas condições ideais de ar, luz, mobiliário e postura dos educandos. Nessa tarefa aliaram-se educadores, médicos higienistas e políticos da época. Assim

A decisão de instalar escolas encontra-se visceralmente ligada às condições físicas do lugar em que deveria funcionar, isto é, as condições topográficas, climáticas, sanitárias, atmosféricas, de

¹⁰ O Conde José Vicente de Azevedo e sua esposa Dona Maria Cândida Lopes de Oliveira Azevedo matriculam nesta 1ª turma do Colégio Sion sua filha Maria Angelina Vicente de Azevedo, que posteriormente, se tornaria a Patrona da Escola SENAI de Iniciação Profissional. (Escola SENAI de Iniciação Profissional "Dona Maria Angelina Vicente de Azevedo Franceshini" Biografia da Patrona - Disponível em <http://www.sp.senai.br> . Acesso em 13/092007)

¹¹ Na transição do século XIX para o XX, a escolarização começava também a ser alvo do discurso higienista. Contudo ele não se detinha somente nas condições ambientais da escola, ele pretendia intervir no domínio pedagógico considerando que a pedagogia científica que se estava a construir não se podia consumir sem assentar na fundamentação do saber médico.

iluminação, de salubridade, das águas e de proximidade ou não das aglomerações urbanas.” (Gondra, 2000, p. 528).

O colégio passaria a funcionar em um casarão do bairro, em que antes abrigava um sanatório – Hospital e Sanatório Higienópolis. Apesar de amplo e de aspecto bucólico, o prédio não oferecia em absoluto o conforto com o qual as primeiras alunas atendidas estavam acostumadas.

Reconhecida a importância do local pelas condições de higiene que oferecia, o bairro de Higienópolis vai aos poucos adquirindo também o *glamour*. Nos arquivos do colégio encontramos assim descrito o bairro escolhido pela elite paulistana:

[...] foi a região escolhida para refúgio da elite. Ficava longe do centro e era considerado de “salubridade ideal, longe da peste e do tifo, que rondavam a cidade na época”. Nas vizinhanças, surge um elegante palacete: a chácara de Dona Veridiana Prado, rica cafeicultora. Logo a região entre a Rua Consolação e o Pacaembu foi loteada e, em 1890, surge a Avenida Higienópolis. Esse nome dava significado maior para a elite obcecada pela saúde (Arquivo do Colégio)

Segundo alguns relatos de época, as religiosas ficaram inicialmente perplexas com a simplicidade que iam oferecer às jovens paulistas, pois sabiam que estas eram oriundas de famílias bem sucedidas e, portanto, acostumadas ao luxo.

O início do ano letivo estava marcado para o dia 20 de fevereiro (ainda do ano de 1901). Móveis e utensílios chegavam do antigo colégio de Juiz de Fora. Com a proximidade do início das tarefas educativas em São Paulo, no dia 10 de fevereiro chegam à capital paulistana Mère Marie Lodoiskia, Mère Marie Gaetana, Soeur Fortunat e, com essas religiosas, um grupo de ex-alunas de Juiz de Fora. Algumas dessas ex-alunas do Colégio de Juiz de Fora vieram para dar continuidade aos seus estudos, outras vieram para auxiliar no ensino da Língua Portuguesa.

Conforme estabelecido, no dia 20 de fevereiro de 1901, o Colégio Nossa Senhora de Sion inaugura suas atividades educativas na cidade de São Paulo. A

primeira turma contava com 180 matrículas¹². Eram as filhas das mais ilustres famílias do estado de São Paulo, entre elas se encontravam as filhas mais jovens do Presidente Rodrigues Alves. Já nessa primeira turma, foi oferecido o regime de internato e, assim algumas famílias do interior do estado enviaram suas filhas para o novo colégio que se instalara na capital, em geral, filhas de fazendeiros. As alunas dessa primeira turma eram alfabetizadas, por exigência das famílias, em francês e português.

Não demorou para que o número de matrículas aumentasse, o que obrigou a pensar na construção de um prédio maior para o colégio. Encarregou-se da construção do novo prédio o arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, cujo nome gozava de prestígio profissional..



FIGURA 1 – Vitrais importados completam a obra arquitetônica do Colégio

A construção de todo o conjunto arquitetônico demorou mais de 50 anos e foi executada em várias fases. Toda a obra exhibe um fino acabamento, com vitrais importados, degraus de mármore vindo da Europa, tendo chegado junto com as escadas do Teatro Municipal.

¹²Encontrava-se matriculada na turma de 1901 a pintora modernista Tarsila do Amaral, na época com cinco anos. Em 1902 transfere-se para o colégio Sacré-Couer, em Barcelona (Espanha).

Iniciou-se a construção por uma ala contendo dormitórios, salas, refeitórios. Assim, nas décadas seguintes continuaram as obras do colégio, com a construção de um hall central até a antiga capela. No início da década de 40 a capela do colégio tem suas obras iniciadas, sendo que seu estilo guarda as características das Capelas de Nossa Senhora de Sion de outros países, sendo particularmente semelhante à de Petrópolis.

A solidez da construção do Colégio revela-se em seus alicerces de pedra e nas paredes externas com aproximadamente um metro de largura. O prédio imponente tem logo à sua entrada a vistosa escada do hall central, que se encarrega de sintetizar toda essa imponentia.



FIGURA 2 – Fachada do Colégio

A arquitetura do prédio também dialogava com o espaço urbano da capital paulistana. O próprio espaço escolar passava a exercer uma ação educativa dentro e fora dos seus limites, demonstrando respeitabilidade, admiração, prestígio e

disciplina, característico da arquitetura escolar do início do século XX. Toda imponência do prédio traduzia o poder, sobretudo econômico, de seus usuários.

“A arquitetura, enquanto expressão humana, nunca é arbitrária, casual, e sim uma linguagem orgânica aos valores e possibilidades de uma determinada sociedade. À primeira vista, é possível não se perceber o significado dos elementos da composição arquitetônica de um edifício, mas, na verdade, cada elemento materializa concepções, opções, valores, preocupações humanas” (Nosella e Buffa, 2002, p. 42).

Mère Marie Auguste era a superiora no início das atividades do Sion em São Paulo, posto que ocupou até 1920, quando foi substituída por Mère Marie Gaetana, que havia sido uma de suas discípulas na vida religiosa e à qual coube a fundação da escola para as meninas ‘pouco favorecidas pelos bens da fortuna’, pois até aquele momento o trabalho das religiosas era voltado exclusivamente para a educação das filhas da elite. A escola destinada às meninas e moças pobres chamou-se Escola São Teodoro, em homenagem ao fundador da Congregação Nossa Senhora de Sion, Padre Teodoro Ratisbonne.

Durante os primeiros trinta e sete anos de trabalho na cidade de São Paulo, o Colégio Nossa Senhora de Sion teve madres superiores francesas. Somente em 1938 o colégio tem como madre superiora uma religiosa brasileira..

Nos arquivos do colégio encontram-se alguns registros fazendo referências a algumas das primeiras religiosas:

A Notre Mère Marie Auguste era muito rígida, embora fosse muito justa (...). Todas as irmãs aprenderam português, embora falassem muito mal, inclusive chamando a todas de ‘você’ como se fosse ‘vous’. Outras irmãs eram verdadeiros anjos, a quem as alunas faziam suas confissões como Mère Marie Jeanne e Mère Gaetana. (Arquivo do Colégio).

Como também consta em seus próprios registros, o Colégio Nossa Senhora de Sion presenciou e participou de muitos momentos da sociedade da época, e “como tudo que é humano, conheceu horas gloriosas, felizes e dias de

dores e de nebulosidade”, estes últimos referindo-se a alguns momentos históricos do país.

Em 1914, durante a Primeira Guerra Mundial, as religiosas viveram aqui no Brasil um período grande tensão, pois sendo de origem francesa a Congregação Nossa Senhora de Sion tinham núcleos em diferentes capitais européias, envolvidas no conflito.

Um outro episódio negativo na trajetória do Sion em São Paulo foi a grande crise na economia cafeeira que reduziu significativamente, ainda que temporariamente, o número de matrículas na época.

A Revolução de 1924 também foi outro momento presenciado pelas religiosas no solo paulistano e a marca de uma bala em uma das salas do colégio é para as religiosas da instituição um dos mais tristes registros daquele período.

VIOLETAS DO SION

4.1 Rede de relações - a convivência com iguais

As alunas matriculadas no Colégio Nossa Senhora de Sion, como já foi apontado neste trabalho, eram oriundas das famílias mais abastadas da capital paulistana e do interior do estado. Essas famílias, em geral, chefiadas por grandes cafeicultores que, com a expansão da economia cafeeira passam a estabelecer residência na capital ou enviavam suas filhas para internato, por industriais, banqueiros, políticos e profissionais liberais (na maioria advogados e médicos).

Essas famílias, dada a posição sócio-econômica privilegiada, tinham condições de escolher uma escola que comungasse com os valores e hábitos adquiridos e cultivados no seio da família. Essa escolha era resultante do atendimento de critérios estabelecidos pela família: oferta de uma educação clássica, de moral religiosa e com o refinamento necessário para a distinção da ‘moça de família’.

Nessa perspectiva, mais do que uma educação que revelasse marcadamente as características do grupo e da posição social dessas famílias, estudar no Sion era a garantia da convivência com os iguais. Sobre essa rede de convivência no interior de colégios católicos femininos Perosa afirma:

[...] resultava em um importante investimento na rede de relações sociais das famílias, na medida em que os grandes colégios católicos eram redutos da formação dos grupos de elite no Brasil. Para as meninas, as escolas católicas ofereciam as condições de sociabilidade em um grupo social “elevado” e garantia a familiarização precoce e intensiva com a moral católica, que celebra o eterno retorno da mulher ao casamento e à família. (PEROSA, 2007, p.25)

Assim, a trajetória escolar no Sion representava para as famílias a garantia de uma educação feminina de qualidade inquestionável e, sobretudo de uma rede de relações assegurada nos preceitos católicos. Família e escola constituíam, portanto, espaços de socialização convergentes, sinônimo de garantia de uma experiência educacional comprometida com a reprodução dos valores dessa elite. O controle sobre as relações fica evidenciado em muitas falas das ex-normalistas do Sion:

Para fazer trabalho em grupo (em casas de colegas) tinha que consultar pai, mãe, o bispo... “É na casa de quem que vocês vão?” Tinha que saber sempre o sobrenome da pessoa. (V.B- ex-aluna, década de 50 –grifos nossos)

Todas pertenciam à mesma classe social. A sociedade era menor, os relacionamentos próximos, moral, educação e disciplina eram rígidas, controladas e comentadas. (M.I – ex-aluna, década de 60)

O Colégio Nossa Senhora de Sion, assim como os demais colégios católicos femininos, desempenhou papel decisivo na proteção das linhagens familiares, ou seja, na manutenção desses grupos sociais. Como podemos perceber no relato da ex-aluna referindo-se ao significado de ser sionense:

A gente se sentia importante. A gente gostava, estava feliz e tinha certa... vamos dizer, pertencíamos a uma classe social diferenciada por estar ali no SION. Até hoje, se eu falo, estudei no SION, aí falam: “Ah, você estudou no SION”. Sabe como é que é? É um a

mais, um upgrade, um diferencial. (H.M.Q, ex-aluna, - década de 50).

Os critérios de seleção das alunas são identificados em um depoimento dado em 1981, por ocasião das festividades dos 80 anos do Sion em São Paulo, por dona Isa, aluna da primeira turma do Sion (1901).

A obtenção de vagas era muito difícil e o colégio era muito caro. O Sion foi o primeiro grande colégio de São Paulo. Era muito tradicional. Só aceitavam famílias tradicionais e era preciso saber a origem familiar. As Irmãs não permitiam a entrada de filhas de artistas, de mulata etc. As alunas eram todas da alta sociedade. (Isa, ex-aluna do Sion, da 1ª turma em 1901).

Uma vez ‘aceitas’ na instituição, as alunas deviam assumir totalmente os princípios estabelecidos, que consistiam na adequação às normas morais, aos princípios disciplinares e a aceitação de outras determinações, dentre as quais o que deveria ser levado como enxoval:

“Quando entrava no colégio, cada aluna levava seu enxoval: talheres, pratos, roupas de cama etc ” (Isa, ex-aluna, 1ª turma- 1901).

4.2 O cotidiano e o ambiente escolar do colégio

4.2.1 ‘Petites Marthes’

O colégio Nossa Senhora de Sion dentro de sua proposta de trabalho também desenvolvia ‘a boa ação de educar meninas pobres’. Essas meninas realizavam os serviços domésticos em troca do ensino “esmerado” que recebiam e eram chamadas de “Martinhas” ou “Petites Marthes”, uma analogia à figura de Santa Marta do Novo Testamento, hospedeira de Cristo e que ficava trabalhando na limpeza da casa... Essas alunas em geral ocupavam espaços distintos dentro daquele ambiente escolar, tinham seus uniformes diferenciados e mantinham certo

distanciamento das demais alunas, como percebemos no relato de uma ex-aluna do Sion:

(...) elas eram pessoas assim tímidas, ou sei lá sabe, não era assim... Como é que fala? Introversas. Talvez até, não sei se elas tinham algum tipo de recomendação de lá, “olha, não é para conversar com as meninas senão fica sabendo o que acontece no mundo aí fora”... Você recebia assim, olha não precisa perguntar, elas só precisam ouvir, dentro da sala. Elas já iam vestidas de freirinhas (V.B - ex-aluna, década de 50)

Ainda que compartilhassem com as demais alunas o espaço do Sion, as “Martinhas” não eram reconhecidas como “Meninas do Sion”, nem tão pouco desfrutavam do prestígio social destas. Ser sionense, ser reconhecidamente “Menina do Sion” não era apenas um diferencial de escolaridade, mas, sobretudo um distintivo social. Na narrativa abaixo observa-se a relação estabelecida pela ex-sionense entre o colégio e a classe social a que pertencia:

“Ah, você estudou no SION”. Sabe como é que é... É um a mais, um upgrade, um diferencial.(...) Eram colegas bolsistas, até que uma virou freira, mas não tinha assim muito entrosamento, sabe por quê? A gente tinha entrosamento era com uma turminha determinada que tinha a mesma idade, fazia as mesmas coisas.... Elas, as bolsistas, também não tinham muito entrosamento, porque elas ficavam no colégio, a gente saía, ia para... Sabe, é diferente, né? (H.M., ex-aluna, - década de 50 – grifos nossos).

O relato da ex-normalista acima, leva-nos a inferir que se reconheciam como portadoras de um *capital social e cultural*¹³ que as diferenciavam das “Martinhas”. Mesmo que freqüentassem a mesma instituição isso não implicaria numa relação de iguais.

As “Martinhas” que demonstravam vocação religiosa e tornavam-se freiras “de côro”, depois de ordenadas coordenavam os serviços domésticos e passavam a orientar as novas “Martinhas”. As freiras “de côro” distinguiam-se das demais não

¹³ Nos conceitos de Bourdieu, “o volume do capital social que um agente singular possui depende da rede de relações que ele pode mobilizar e do volume de capital econômico, cultural ou simbólico que é posse exclusiva de cada agente que pertence a essa rede de relações a que está ligado”.

apenas pelas funções, por não poderem lecionar para as “Meninas de Sion”, mas também pelo hábito que usavam.

4.2.2 O papel da religião na rotina do colégio

No cotidiano do Colégio Nossa Senhora de Sion as alunas seguiam um roteiro de tarefas normatizadas, pontuadas pela disciplina, obediência e orientação religiosa, nas mais diversas práticas escolares.

A rotina do colégio, os costumes e o rigor na manutenção da disciplina são identificados no depoimento de dona Isa:

O cabelo era penteado para atrás. As Irmãs supervisionavam se o cabelo estava bem penteado.

Havia alunas externas e internas. As externas entravam às 8 horas da manhã e saíam às 5 horas da tarde. Para as internas havia missa obrigatória às 6 horas da manhã. Depois da missa ficavam em silêncio até a hora do café. O almoço era dado às 10 horas da manhã e o jantar às 4 horas da tarde. A comida era muito boa e durante as refeições havia sempre uma menina que ficava na cabeceira da mesa vigiando as outras. As Irmãs cuidavam dos modos na mesa. (Isa, ex-aluna do Sion, da 1ª turma em 1901- Arquivo do Colégio).

Analisando a educação oferecida pelo Colégio Nossa Senhora de Sion através do seu cotidiano, é possível perceber a maneira pela qual as alunas assimilavam os valores recebidos, as mudanças e o entendimento dos conteúdos veiculados na instituição. Como afirma Passos,

O cotidiano nos dá elementos para entender e recriar o universo mental individual e coletivo que, por sua vez, se expressa nos hábitos, nas crenças, nos costumes, nos valores, nos ritos, vividos na sociedade. (PASSOS, 1995, p.192)

A rotina no cotidiano do Sion ganha significado nesta pesquisa, pois nos possibilita a compreensão do que era permitido, o que era proibido, punição e premiação nos padrões educativos da instituição, e que lugar tudo isso ocupava na vida de suas alunas.

O papel da religião... Naturalmente que para escolher o SION a parte fundamental foi a religião, que minha mãe queria, fazia questão. Nossa família bastante católica, de freqüentar missa, e isso eu achei ótimo porque a gente rezava, era gostoso; a gente fazia retiro. Os retiros eram com um padre muito bom também, daquele tipo que conversa e acaba fazendo bem pra você. A gente rezava, ele celebrava missa. Naquela época a missa ainda era de costas e era toda em latim. Pois ele ia para uma salinha e rezava a missa com a gente em volta dele (...), então foi uma coisa muito boa, o aspecto religioso, aula de religião, tudo no sentido prático. Era prático, era religião para a vida. Como a gente relacionava a religião com a vida, então eu acredito que fiquei uma pessoa melhor no colégio; eu me senti uma pessoa melhor, apesar de eu ter uma família muito boa, que também cultivava bons valores, mas eu acho que me aprimorei me senti uma pessoa melhor, sabe, com mais paciência, com tudo. (H.M.Q, ex-aluna, - década de 1950).

Toda a minha formação cultural, moral e religiosa eu adquiri no Colégio Sion. Eu vou morrer acreditando que os melhores valores estão na educação e na família e o Sion sempre isso. (A. S - ex-aluna, década de 1930)

Embora educadas em épocas diferentes as duas ex-normalistas revelam o apreço e admiração pela educação recebida.

Após concluírem seus cursos, as alunas eram estimuladas a desenvolver atividades nas obras de caridade da instituição. Em 1941, as religiosas abrem uma escola no bairro da Vila Maria, Escola São Teodoro, nome dado em homenagem ao fundador da congregação. A nova escola deveria atender aos necessitados e contaria com o “zelo das queridas” ex-alunas, conforme consta nos efemérides sionenses do ano de 1941 (ANEXO B):

1º de Janeiro – S.Excia D.José Gaspar Affonseca e Silva, Arcebispo Metropolitano, envia paternal bênção a Sion manifestando o desejo de ver a Escola S. Teodoro transferida para um bairro, escolhido por S.Excia onde uma escola católica é absolutamente necessária.

22 de fevereiro – Notre Mère e algumas Irmãs visitam em Vila Maria a casa onde se instalará a Escola de São Teodoro. Muito se espera do zelo das queridas ex-alunas para esta obra cívico-religiosa (Efemérides Sionenses, 1941 – grifos nossos)

Nesse registro do Sion podemos observar que a caridade era um comportamento esperado das sionenses, mulheres preparadas para servir ao próximo. Muitas normalistas lecionaram apenas no período em que desenvolveram atividades na Escola São Teodoro.

Outro registro Sion também identifica atividades beneficentes promovidas pelas alunas sionenses:

Outubro – O trabalho em benefício das Missões ocupa as atividades das alunas durante os recreios. Jogos, chá são organizados; os cofres recebem, também, o fruto do sacrifício (Efemérides Sionenses, 1941 – grifos nossos)

Assim, percebe-se que o Sion buscava preparar suas alunas para o exercício da caridade, da filantropia, condizentes com o papel da mulher católica.

4.2.3 O uniforme

Como já abordada neste trabalho, a seleção do público atendido pelo colégio não se limitava apenas ao aspecto financeiro. O colégio foi se tornando parte da história de avós, mães e filhas, pois ser sionense era indicativo de distinção social, o que devia ser preservado ao longo das gerações. Esse indicativo de distinção social se materializava, sobretudo no uniforme, como podemos observar em um depoimento dado por uma ex-aluna do Sion:

(...) o uniforme a gente adorava, porque dava status, era um uniforme legal; eu adorava, e olha que não era ligada nessas coisas, mas eu adorava, porque era aquele uniforme, tinha aquele cinto, aquele cordão... a gente adorava, então eu não tirava o uniforme o dia inteirinho, porque eu passava o dia todo na escola, ia para rua, ia fazer, isso era lindo, eu me sentia muito bem com o uniforme, entendeu? Porque o outro uniforme da escola que eu estudei era

sainha azul-marinho, blusinha branca, ainda tinha uma gravatinha com umas coisas, mas não tinha status o uniforme do Sion. (A.M.Q. ex-aluna do Sion, década de 50).

O uniforme tinha como objetivo manter e destacar a semelhança entre as alunas no interior da instituição. No entanto, na esfera pública, esse uniforme marcava a distinção social e evidenciava sua posição de instituição educacional de elite. Usando o uniforme as alunas representavam externamente o Sion. Era único, no tecido, acessório, comprimento, apenas diferenciado pela cor das fitas que, determinado pelo Colégio, identificavam as séries. Tudo impecável, para que pudesse refletir o espírito do Sion,

A utilização do uniforme nos colégios católicos femininos era uma forma de remeter aos valores morais estabelecidos pela Igreja, isso se dava através do controle do seu uso, na padronização de cores, comprimento das saias, meias que cobriam pernas que não deveriam estar aparentes, regras que garantiam a não exposição do corpo feminino. Tais regras remetem ao disciplinamento sexual, grande preocupação da Igreja, que se dá através das noções do que é apropriado ver e o que deverá ser coberto. Nessa questão pode-se afirmar que o corpo da mulher sempre foi mais suscetível à regulação do que o corpo do homem.

Mesmo nas escolas femininas não religiosas, a utilização do uniforme sempre representou, além do caráter prático, uma maneira de padronizar comportamentos e até mesmo modelos de condutas.

A adoção do uniforme padronizado no Brasil se deu a partir da década de 1930, entretanto o Colégio Nossa Senhora de Sion já iniciou o uso de uniforme com sua primeira turma, conforme evidencia o relato abaixo.

Tinham um uniforme muito rigoroso: era feito de chita, azul quadriculado, feito no colégio. Por cima do uniforme havia um avental preto de lã (semelhante ao de uma criada) que dava volta na cintura e amarrava na frente. Cada aluna possuía um chapéu de palha e luvas brancas. O uniforme era feito pelas freiras. Quando as meninas entravam para o Sion, diziam seu número e as freiras lhe davam o uniforme correspondente, sendo que os reparos eram feitos lá mesmo. Usavam meias pretas e sapatos pretos, a saia

longa só permitia que os sapatos aparecessem. (Isa, ex-aluna do Sion, da 1ª turma em 1901- Arquivo do Colégio).

Na foto seguinte podemos observar a preocupação em “cobrir corpos”, as meias grossas complementavam o uniforme. Ainda que os relatos evidenciem o rigor quanto ao uso do uniforme, as ex-alunas revelaram gosto pelo uso e o achavam bonito. O uso desse uniforme deveria ser complementado pela elegância natural da aluna, que consistia em gestos delicados, andar suave, cabelos alinhados e voz branda.

Além da vigilância no uso do uniforme, as religiosas procuravam também controlar outras manifestações da moda. A observância dos penteados, da maquiagem, o cuidado com as unhas, também faziam parte da normatização para assegurar a moralização dos costumes.



FIGURAS 3 – Normalistas com o uniforme do Sion (década de 1950)

A limpeza do uniforme era um dos itens de avaliação da aluna. Essa preocupação da instituição revela a incorporação pela Igreja dos princípios higienistas, refletidos principalmente nas aulas de Higiene, Havia ainda um uniforme de gala, usado nas festas, como descreve uma ex-aluna:

A gente tinha esse uniforme aqui, que era a saia, o torçal. Tinha uma cruz também, de acordo com a cor do torçal. Então o torçal aqui já era roxo, violeta. A saia tinha isso aqui...; sapatinho, meia e quando a gente tinha festa era esse uniforme branco de fustão. (H.M.Q., ex-aluna, - década de 1950).

É interessante destacar que ao falar do uniforme, durante a entrevista, a ex-aluna olhava para as fotos e procurava demarcar no corpo os detalhes que a roupa trazia, ressaltando acessório e explicando cada detalhe.



FIGURA 4 – Normalistas com o uniforme de gala do Sion (década de 1950)

Na foto acima, tirada durante uma cerimônia de formatura, observamos as normalistas em seu uniforme de gala ao lado de religiosas. Esse uniforme, trazia as saias longas, com o modelo levemente “evasé” e com pregas, camisas brancas abotoadas até o pescoço, sapatos com saltos, meias finas, cintura mais demarcada, e complementado pelo torçal e pela cruz de madrepérola.

Esse uniforme de gala revelava elementos de uma moda recatada, que evidenciava as características femininas sem, no entanto, comprometer a inocência e pureza, simbolizada principalmente na opção pela cor branca. É importante lembrar que é com esse uniforme de gala que as normalistas eram “oficialmente” apresentadas ao público, portanto deveria refletir valores como refinamento e recato buscados e controlados pela instituição.

4.2.4 Modelando comportamentos

A proposta educacional do Sion, assim como a maioria dos colégios católicos femininos, era formar jovens cultas, finas, hábitos moderados, católicas, que disseminassem os valores católicos na família e na sociedade. Formando as alunas na prática das virtudes e ornando-as com o saber humano. Esse ideal de mulher, decantado nos discursos da Igreja Católica e disseminado em seus colégios femininos, assemelhava-se ao modelo de mulher contido na *Bíblia*¹⁴: possuidora de virtudes como ordem, delicadeza, simplicidade, dedicação e respeito; responsável pela harmonia no lar, educação dos filhos e a servir o marido.

Para atender seus propósitos de educação feminina nos preceitos da moral católica, a ação educativa do Colégio Nossa Senhora de Sion não se limitava

¹⁴“Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas jóias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Ela lhe faz bem, e não mal, todos os dias de sua vida. Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão. É ainda de noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas de seu trabalho. Cinge os lombos de força e fortalece os seus braços. Ela percebe que seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca. Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado. No tocante à sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos de lã escarlate. Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é estimado entre os juízes, quando se assenta com os anciãos da terra. Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores. A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações. Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua. Atende ao bom mandamento da sua casa e não come o pão da preguiça.

Levantam-se os seus filhos e lhe chamam ditosa, seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas. Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras “ (BÍBLIA - PROVÉRBIOS 31: 10-31)

às salas de aula. Era um conjunto de ações que se efetivava na vivência cotidiana, na educação dos corpos, dos gestos e a consagrar as atitudes “próprias da mulher católica”.

É fácil entender a preferência dos colégios católicos femininos pelo regime de internato¹⁵, pois uma vez afastadas do mundo, as mulheres teriam resguardada a sua espiritualidade. Conforme a teoria ultramontana a mulher era, por natureza, era presa mais fácil do mal¹⁶, assim deveria permanecer sob constante vigilância, para que nada maculasse sua pureza.

Dessa forma as atividades eram desenvolvidas no cotidiano do Colégio Nossa Senhora de Sion de modo a modelar suas alunas que, além dos ornamentos culturais (o domínio do idioma francês era a maior referência de ornamento cultural), a polidez, a moderação dos hábitos. Por isso todos os gestos, comportamentos e linguagem eram vigiados e controlados. Esse cotidiano encontra-se presente nas narrativas das ex-alunas do Sion :

Havia grandes dormitórios, e no banheiro havia muitos chuveiros. As freiras possuíam quartos grandes e separados. O banho só podia durar cinco minutos e tomavam banho uma vez por semana (as internas). Tomavam banho com uma camisola comprida até os pés, para não mostrar o corpo. Havia muito rigor. Sempre havia uma freira vigiando. As freiras abriam as cartas enviadas às alunas e não permitiam que se falasse em homem. (Isa, ex-aluna do Sion, da 1ª turma em 1901 - Arquivo do Colégio).

As freiras eram rígidas, como eu falei, você tinha que ter uma postura; se elas entrassem na classe a gente tinha que ficar com uma mão sobre a outra... tanto que muita gente que é do SION ainda tem essa mania, está num lugar, você fica assim sem querer, durante muito tempo eu ficava assim, sabe... Os gestos, Você era

¹⁵ O Colégio Nossa Senhora de Sion, desenvolveu as atividades em regime de internato desde sua abertura até início da década de 50.

¹⁶ Conforme a ideologia católica contida no Velho Testamento, a mulher era frágil tanto física quanto moralmente (criatura inspirada a partir de uma costela de Adão), foi responsabilizada pela maldição imposta por Deus sobre Adão. Parte da punição que coube a Eva por seu pecado foi o dever da obediência a seu marido em todas as coisas. Os afazeres domésticos – tarefa infundável – deveria ser a justa retribuição pelo pecado e, também, uma forma de manter a frágil mulher afastada das tentações. “(BÍBLIA - GÊNESIS 3)

obrigada a fazer a reverência quando encontrava freira. (H.M.Q., ex-aluna, - década de 1950).

Assim o disciplinamento era uma forma de exercício de poder colocada em prática no processo educacional, de modo a controlar as alunas nas suas práticas, na sua forma de andar, de falar, de comer. Entretanto, esses ensinamentos não tinham fim em si mesmos, ou seja, através dos ensinamentos explícitos como sentar com as mãos postas uma sobre a outra, a não conversar durante as refeições, caminhar suavemente sem movimentar o corpo em demasia, tinha-se por objetivo desenvolver nas alunas a obediência, a ordem, a distinção do papel feminino. Ao se apropriarem desses ensinamentos, as alunas, certamente, os desdobrariam na vida familiar, como mãe, esposas e filhas. Assim descreve uma ex-aluna a educação oferecida pelo Sion:

Não escolhi, era uma tradição familiar, uma herança sionense, portanto, não havia discussão sobre o assunto, já estava traçado. (...) Uma formação educacional feminina e semelhante a recebida na família, somada aos ensinamentos da religião, cidadania, línguas, música, oratória, trabalhos manuais, artes, além da moral, disciplina e cultura. Exigências sociais da época. (M.I– ex-aluna, década de 1960 – grifos nossos)

Assim, as sionenses eram educadas de forma a adequarem seu mundo particular ao coletivo (entenda-se com os iguais), dentro dos preceitos católicos. A religiosidade desenvolvida no cotidiano do Colégio Nossa Senhora de Sion ia ao encontro dos objetivos do Estado e da elite da época. As alunas ajustavam-se a educação, marcada pela moralidade religiosa, de forma a constituir uma padronização dos comportamentos, o que distinguia uma sionense no convívio social.

Segundo relatos, mesmo após deixar a instituição era facilmente identificar uma aluna egressa do Sion, pois eram modos “reconhecidamente sionenses”.

4.2.5 Punição e premiação

Até a década de 40 havia grande rigor nas questões de cunho moral nas atividades do Colégio Nossa Senhora de Sion. Assim pode se perceber a presença de castigos quando regras eram transgredidas e premiação por bons comportamentos. Como podemos perceber no relato abaixo

As meninas usavam um crucifixo e quando alguém fazia algo de errado, o crucifixo era retirado como punição. Como recompensa, recebiam uma comprida faixa que era usada em cima do avental. . (Isa, ex-aluna do Sion, da 1ª turma em 1901 – grifos nossos).

Esse castigo simbólico de não poder portar a cruz de madrepérola no pescoço, durante certo tempo, era para que as demais soubessem quando a aluna havia cometido uma falta. Tornar público era uma forma de evidenciar aquilo que não serviria como modelo, fácil compreender, pois a Igreja católica sempre se utilizou da *pedagogia do exemplo* em seus ensinamentos.

No ambiente de regras, onde havia castigos havia também premiações. Dada a sua origem francesa, o que refletia nas suas práticas, o Colégio Nossa Senhora de Sion mantinha um sistema de premiação materializado através de fitas e cores¹⁷, como podemos ver no relato de algumas ex-alunas:

*No último dia do ano, tinha a Grande Assembléia e o Colégio todo se reunia para a leitura das notas. Quem tivesse as melhores notas ganhava presentes. A melhor do mês, recebia um cordão de uma cor, a melhor do ano recebia de outra cor e a mais esforçada recebia outro cordão. As melhores no final do curso recebiam o título de Filha de Maria, dado pela Superiora. Elas assinavam *Enfant Marie de Sion: E.M.S.*, e antes do título eram aspirantes. (Isa, ex-aluna do Sion, da 1ª turma em 1901).*

A utilização de cores e fitas também estava presente para identificar a seriação, o que pressupõe uma conquista a cada ano.

¹⁷ O sistema de distinção de cores inspirado na etiqueta do Antigo Regime e na Ilustração de Napoleão

As classes eram separadas por cores e a violeta era a última classe. No início as alunas eram distinguidas por números. (Isa, ex-aluna do Sion, da 1ª turma em 1901).

Cada classe era identificada por uma fita de uma certa cor que as alunas usavam. A cor da última série que se cursava era a violeta, que chegou a dar título a uma poesia de Guilherme de Almeida – ‘As violetas de Sion’. (M.G.F – ex-aluna, década de 1940)

4.2.6 Formatura – a cerimônia de coroação



FIGURA 5 – Cerimônia de formatura (década de 1950)

A cerimônia de formatura do Sion era um evento muito prestigiado pelo círculo sionense. Esse evento também evidenciava o prestígio que havia em ter sido

educada na instituição, pois acompanhando a formatura havia a cerimônia de coroação das sionenses.

Durante a cerimônia de formatura as alunas recebiam uma coroa que identificava sua trajetória dentro do colégio. Recebia a coroa de ouro a aluna que tivesse toda a sua trajetória escolar realizada dentro do Sion, o que indicava não haver nada mais 'precioso' do que a educação ofertada por esta instituição.



FIGURA 6 – Cerimônia de coroação (década de 1950). Momento em que os pais colocam a coroa na cabeça da filha.

Na foto, a normalista cumprimenta religiosas e familiares após receber a coroa feita de rosas brancas que, pela cor, indicava a permanência da aluna em um único curso da instituição.

Assim relata uma ex-aluna a cerimônia de formatura e coroação, revendo as fotos e esclarecendo sobre o significado das cores:

Então, como era a formatura? Era muito bonita, a gente era coroada; eu tinha a coroa branca porque eu só fiz o curso normal. Quem fazia o ginásio e o normal, era coroa de prata, então quem começava no primário era coroa de ouro. Quem fazia desde pequeno, tinha a coroa de ouro (...) era uma coisa tão bonita! A cerimônia era bonita, aqui era o auditório, a gente ficava todas sentadas aqui, as freiras, os diretores da escola, professores... lá sempre o padre do colégio Santa Cruz. Cantávamos a Marselhesa e o Hino do Brasil, a gente ficava arrepiada, aquela coisa linda, tinha o discurso. Depois a gente recebia a coroa. Eu estou recebendo a coroa (foto), então quem segurava eram as menininhas... essa é M.I, minha prima. Recebia a coroa, aí a gente ia e ajoelhava na frente dos pais, eles pais tiravam e punham a coroa de novo. Então era aquela coisa, todo mundo chorava, era uma cerimônia muito bonita, era bem de acordo com a época. (H.M.Q., ex-aluna, - década de 1950).

A presença da cultura francesa é identificada até o momento da formatura em que o hino francês ("*La Marseillaise*") é cantado pelas formandas juntamente com o Hino Nacional.

As alunas mais novas, meninas do curso primário, eram encarregadas que carregar as coroas das formandas. Em geral, eram escolhidas as meninas das famílias das alunas que se formavam, representando a continuidade. No relato a ex-aluna refere-se à menininha que carregava sua coroa como sua prima.

Durante a cerimônia, algumas alunas recebiam premiações pelo desempenho, assiduidade, comportamento. Podemos observar na foto a seguir, algumas alunas com as medalhas fixadas na blusa, do lado esquerdo.

As alunas do curso primário, responsáveis por conduzir as coroas até as formandas, já apresentavam o vestuário determinado pela instituição, mantendo as cores, cumprimento de saias, meias até o joelho. Na foto observamos as formandas e

as meninas mais novas com sapatos pretos, exceto uma, com sapatos claros, o que evidenciava o descumprimento de uma regra.



FIGURA 7 – Cerimônia de coroação (década de 1950). As alunas mais novas, em geral da família das formandas, carregam a coroa .

A formatura contava ainda com o baile, momento em que todos os olhos se voltavam para o padrão de beleza, elegância e refinamento na figura da normalista

sionense. Geralmente, os bailes de formatura aconteciam em ambientes já freqüentados pelas famílias das formandas:

Aqui, o baile... (apontando para uma foto no álbum que trazia nas mãos) O nosso baile foi no Aeroporto de Congonhas. O Clube Paulistano era o reduto das famílias sionenses, ninguém fez formatura lá, tinha bailes de debutantes lá, mas a formatura nós fizemos no aeroporto de Congonhas. (H.M.Q., ex-normalista da década de 1950)



FIGURA 8 – Baile de Formatura - o vestuário

Em trajes de gala as normalistas posam para fotos. Muito elegantes, porém discretas nos decotes, acessórios e penteados.

Ao término do Curso Normal, boa parte das normalistas já se encontrava noivas e muitas vezes, próximas ao casamento.

Durante o baile as valsas eram alternadas, ora com o pai, ora com o noivo, como podemos observar na foto a seguir:

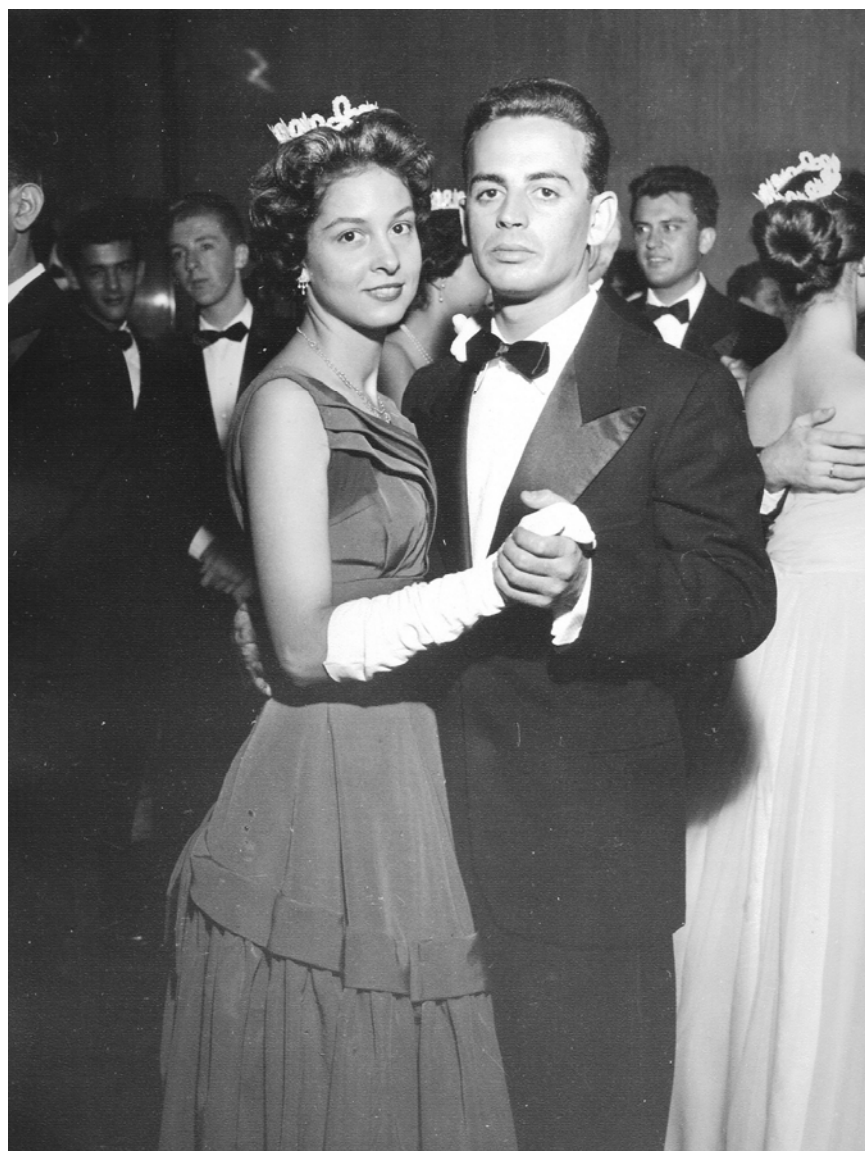


FIGURA 9 – Normalista dança valsa com o noivo durante baile de formatura.

4.3 “Violetas do Sion”¹⁸ - normalistas sionenses

¹⁸ Assim eram conhecidas as Normalistas do Sion, pois no último ano do Curso Normal a turma era identificada através de fitas na cor lilás.

Ao longo deste trabalho discorreremos sobre o objetivo dos colégios católicos femininos no Brasil e, em especial, do Colégio Nossa Senhora de Sion de São Paulo.

A partir das narrativas das normalistas sionenses formadas nos anos de 1950 e 1960, buscamos investigar as influências do colégio na formação dessas mulheres e evidenciar como se deu a escolha pelo Curso Normal. Através dos relatos é possível perceber que a escolha não era apenas pelo curso, mas pelo curso oferecido por *aquela instituição*.

Assim como ser sionense era uma tradição familiar, ser professora também.

Minha avó foi educada no Sion. Minha avó e as primas dela, no Sion de Petrópolis. Minha mãe estudou no Sion O Sion era um parâmetro de boa educação para a época, eu nem tinha vontade de entrar no Sion, porque estava implicada já, de tanto que minha avó falava, mas, enfim, quando foi para fazer o curso normal, que eu também não queria fazer, porque não tinha nem tinha idéia do que queria; na verdade acho que eu só queria era casar ter filhos... Não estava preocupada com a parte de profissão, e não tinha a menor vontade de dar aula. (H.MQ., ex-aluna, - década de 1950).

O meu desejo era ter ido fazer Direito. Eu iria fazer o clássico e iria fazer Direito, mas aí o meu pai, que era um único homem de uma família de nove, oito mulheres e ele único de homem, eram quatro mulheres, ele de homem e mais quatro mulheres. Ele disse não, que suas irmãs eram professoras, porque o meu avô há muitos anos atrás, fez com que todas as filhas se formassem, a maioria professora. (...) Então meu pai falou: “Não, você pode fazer o que você quiser depois, mas o Normal vocês vão fazer”; minha irmã já estava fazendo e eu iria fazer também. (A.M.Q., ex-aluna do Sion, década de 1950).

Nas narrativas observa-se que a necessidade inicial de educar formalmente as meninas não está dentro de uma perspectiva de preparação e profissionalização destas para ganhar o seu espaço na sociedade. Continua ainda dentro da perspectiva de prepará-las para o casamento e enquadra-se à

necessidade de educá-las nos moldes formais. Assim ser normalista e ser mãe eram representações sociais compatíveis para este grupo social, onde a família oferecia uma educação fortemente marcada pelo discurso religioso. A grande maioria dessas famílias buscava educar suas filhas nos moldes comportamentais mais rígidos e refinados da época com intuito casadoiro. Nessa questão Almeida acrescenta:

Na realidade, o fim último da educação era preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos, não se cogitando que pudesse desempenhar uma profissão assalariada. A mulher educada dentro das aspirações masculinas seria uma companhia mais agradável para o homem que transitava regularmente no espaço urbano, diferentemente do período colonial com seu recolhimento e distanciamento do espaço de sociabilidade. (Almeida, 1998, p. 19).

Para que pudéssemos entender melhor o pensamento dessas mulheres, foi necessário recorrermos às instituições sociais que fizeram parte de seu cotidiano, no caso, a família e a escola, para que pudéssemos identificar a contribuição de cada uma delas para a estruturação de suas expectativas perante o mundo.

Durante as entrevistas realizadas com as ex-sionenses foi possível observar as relevâncias que elas dão à família e o quanto de experiências trouxeram dessa dimensão para a vida adulta. No relato abaixo é possível perceber como a relação família-escola era estreita, ou seja, o Sion era um prolongamento da educação recebida em casa. Quando buscavam esse colégio para suas filhas, as famílias já tinham um ideal de mulher, buscavam portanto:

Uma formação educacional feminina e semelhante à recebida pela família, somada aos ensinamentos da religião, cidadania, línguas, música, oratória, trabalhos manuais, artes, além da moral, disciplina e cultura. Exigências sociais da época. (M.I - ex-aluna, década de 1960)

Dessa forma torna-se necessário tecermos algumas considerações sobre o nosso entendimento de família, entretanto, cabe ressaltar que seu conceito é algo

cultural, pois depende de quem a define, do contexto social, político e familiar em que está inserido.

Estudos realizados dentro da História Social revelam que a família que conhecemos hoje é uma construção histórica. Opondo-se ao processo de naturalização das relações nela desenvolvido, esses estudos revelam que o sentimento de cuidado em relação à criança é algo bastante recente, a universalização da família patriarcal não correspondia à realidade das múltiplas práticas e arranjos familiares, a concepção de amor romântico é uma construção moderna (FONSECA, 1989, pg.51-73). As modificações ocorridas no interior desses arranjos familiares eram, quase sempre, decorrentes das mudanças econômicas e políticas na sociedade.

Quando buscamos dimensionar, no contexto social, o conceito de família, comumente identificamos a família aliada à noção de casamento, ou seja, um conjunto de pessoas ligadas a um casal unido pelo vínculo do matrimônio. Também vem à mente a imagem da família patriarcal, sendo o pai a figura central, na companhia da esposa, ambos rodeados de filhos.

Dentro dos preceitos do catolicismo, as únicas relações afetivas aceitáveis são as decorrentes do casamento entre um homem e uma mulher, configuração com nítido interesse na possibilidade de procriação. Assim, para a doutrina católica, duas pessoas se unem e ‘tornam-se uma só’, formando uma unidade patrimonial, tendo o homem como identificador do núcleo familiar.

Nesse conceito de família como a relação decorrente do casamento, a mulher sempre simbolizou no imaginário universal a afetividade, a capacidade de procriar, de cuidar, enfim, conceber e zelar pela sua prole, reduzindo suas funções apenas ao interior da família formada e, assim mesmo, historicamente sem voz nas decisões de seus próprios grupos familiares e sem influência nas suas manifestações.

Considerando o universo das normalistas do Sion, sabemos o quanto esse discurso foi reforçado na instituição de formação e legitimado pela família:

“a escola era uma continuação da vida familiar, portanto ela deveria não só educar, como formar, tudo de acordo com o contexto social. (M.I - ex-aluna, década de 1960).

Assim podemos observar que a escolha pelo Curso Normal no Sion estava na maioria das vezes de acordo com os projetos de família. Boa parte das alunas não pretendia exercer profissão, pois se casavam logo que terminavam o curso. Algumas relatam que após se casarem dedicaram as funções de mãe e esposa e somente depois de alguns anos voltaram aos estudos, porém buscando outras profissões e não mais o magistério.

(...) o que a gente pensava era: casar, ter filhos. Eu não tinha a menor preocupação de trabalhar, nem era comum; isso começou depois da década de 60... Você não tinha a menor preocupação com profissão, com nada. Como eu digo, eu não gostava de dar aulas (...). Então, minha preocupação não era... Eu achava que eu não ia trabalhar, não sei o que eu pensava. Era menina, me formei com 17 anos. Casei com 19. Então casei logo e tive meus filhos. Em 5 anos eu já estava com os 4 filhos e tocando a vida... E depois é que eu fui ter necessidade e voltei a fazer a faculdade, quando eu estava com 32 anos, Fiz faculdade de Turismo e sou agente de viagens. (H.M.Q., ex-aluna, - década de 1950).

Após o Normal, optei por seguir um curso superior novo na época, Comunicação Social, opção Relações Públicas, logo após Publicidade, Jornalismo e Museologia, sempre relacionado a pessoas e fatos. (M.I - ex-aluna, década de 1960)

Essas ex-sionenses freqüentaram o Sion entre os anos de 1950 e 1960, momento em que a figura da “mulher culta”, de certa forma, não podia ameaçar o poderio masculino e tão pouco o modelo de família estabelecido e sustentado até então dentro desse grupo social. Esperava-se que a mulher seguisse o modelo de esposa perfeita e responsável pela harmonia do lar. Exercer uma atividade profissional que não fosse o magistério poderia comprometer os papéis de esposa e mãe, como revela o depoimento de uma ex-normalista, ao se referir à postura do pai em relação a profissão da mãe.

Na época estava de acordo ser professora, por exemplo, quando minha mãe casou-se, ela trabalhava na Justiça. O papai não quis, ele falou: “Se você fosse professora, tudo bem, você trabalharia,

mas como você não é professora...” Então tinha essas coisas. (H.M.Q., ex-aluna, - década de 1950).

Lembrando que a década de 1950 é um período marcado por um movimento de retorno das mulheres ao espaço doméstico, pois durante a Segunda Guerra Mundial muitas delas deixaram seus lares para trabalharem. Retoma-se proposta da família em que o marido é o provedor da casa e a autoridade. O trabalho fora do lar só era permitido para as mulheres que precisavam colaborar ou manter o sustento da família. As mulheres das camadas mais prestigiadas da sociedade, como era o caso das sionenses, eram preparadas para manter o modelo tradicional de família. O casamento era o ideal de vida dessas mulheres e as famílias já preparavam as suas filhas desde a infância para esse momento. Assim o Curso Normal também fazia parte das representações femininas e dos ideais da época, pois vinha ao encontro para o projeto de mulher desenhado dentro dessas famílias.

No meu caso, minha família é muito religiosa e minha avó estudou no Sion. Minha mãe estudou no Sion por um pequeno período e ambas achavam que seria muito importante a formação religiosa dada no colégio. Para mim foi muito importante o tempo em que estudei no Sion, para minha formação como ser humano e como católica. Tudo o que recebi naqueles anos me prepararam para minha vida como mulher e mãe. (H.M.Q., ex-aluna, - década de 1950, grifos nossos).

CONSIDERAÇÕES

Fazer como se os textos (ou imagens) tivessem significações dadas por si mesmas, independentemente das leituras que os constroem, leva na verdade, quer se queira ou não, a relacioná-las ao campo intelectual (e sensorial) do historiador que os analisa, portanto, a decifrá-los através de categorias de pensamento cuja historicidade não é percebida e que se dão implicitamente por permanentes.

Restituir essa historicidade exige que o consumo cultural ou intelectual seja ele mesmo tomado como uma produção, que certamente não fabrica nenhum objeto, mas constitui representações que nunca são idênticas àquelas que o produtor, o autor ou o artista investiram em sua obra [...]

Anular o recorte entre produzir e consumir é, primeiramente, afirmar que a obra só adquire sentido através das estratégias de interpretação que constroem suas significações. A do autor é uma dentre outras, que não encerra em si a 'verdade', suposta única e permanente da obra. (CHARTIER, 2002, p.52-53)

Investigar o Colégio Nossa Senhora de Sion, nascida como instituição de educação e ensino para meninas, sob a responsabilidade da Congregação Nossa Senhora de Sion, nos fez percorrer um caminho desde a fundação da Congregação, perpassando pelos meandros da sua chegada no Brasil, dos objetivos propostos e das ações realizadas, para, neste momento, tecer algumas considerações, que não se pretendem finalizadas, ao contrário, abertas a futuros estudos e aprofundamentos.

Para analisar e evidenciar a educação oferecida pelo Colégio Nossa Senhora de Sion em São Paulo, procuramos obter um grande número de informações e cotejá-las com os relatos de ex-alunas, a fim de compreender, como a intencionalidade dos processos educacionais da mulher nessa instituição estavam alinhados aos anseios das famílias da elite paulistana.

Procuramos resgatar um pouco da história dessa instituição e sua cotidianidade, dada a sua singularidade e ao grupo social que atendeu durante o período de 1901 a 1970: somente as moças “bem nascidas” da sociedade paulistana. Observamos que a educação oferecida pelo Sion destinava, sobretudo,

a preparação das “futuras mães e esposas”, aptas a imprimir em seus lares e no convívio social da família a dimensão estética, possível graças a uma formação refinada, dentro dos moldes franceses, em que o piano e o idioma francês constituíam a materialização desse refinamento.

Cabe-nos, após esse período de investigação, inferir que uma instituição como o Colégio Sion, preocupada com a educação e a salvação da mulher, tinha como característica essencial orientar a jovem dando a ela a idéia de “*vida-missão*”. Toda moça entregue às mãos das religiosas sionenses deveria receber uma educação muito bem definida e disciplinada, livrando-a do risco de uma formação desordenada, influenciada por desejos, emoções não contidas, instintos ou desejos impuros. Uma educação aliada à noção de “*pertencer a*”, ou seja, de que a moça educada no Sion fazia parte de um grupo privilegiado de mulheres encarregadas da transmissão e preservação de valores, crenças e regras da doutrina católica.

A investigação do trabalho desenvolvido pelo Sion “para as filhas da elite paulistana” mostra claramente que as jovens aí formadas deveriam contribuir para a manutenção do papel feminino característico desse grupo social.

Pelas regras que transparecem nos regulamentos da instituição, pela rigidez de seu cotidiano, pela obediência irrestrita, pelo controle das manifestações dos corpos, a educação oferecida às alunas era voltada para um aprendizado de excelência aliado a uma formação moral que submetesse sempre a razão à fé, o intelectual ao espiritual.

A educação recebida no Sion manifestava-se na aquisição não somente de conhecimentos, mas numa postura específica de bem comportar-se, nos parâmetros das virtudes católicas, tanto no interior da instituição como na vida em família e na sociedade. Reconhecia-se uma aluna sionense, pela delicadeza dos gestos, pelo modo discreto de se locomover e de se trajar, pelo domínio do francês e do piano, este o instrumento por excelência, pois conhecer a música e saber apreciá-la eram traços de uma educação feminina refinada. Enfim, o Colégio Sion era um espaço destinado a transformar meninas e moças em damas cultas, plenas de virtudes e religiosidade, capazes de atuarem no seio da família com sabedoria e maturidade.

Ao analisar a forma como eram modelados os comportamentos nos fez concluir que essa formação também se dava pela organização dos espaços e a utilização do tempo, evidenciando o que era permitido e o que era proibido. Assim

cabia ao Sion imprimir em suas alunas um modo de existência, de condutas e um conjunto de comportamentos que conferiam a elas uma marca de superioridade, um distintivo social.

Todos os gestos, comportamentos e linguagem eram vigiados e controlados e a realidade desse cotidiano encontra-se presente nos relatos das ex-alunas do Sion. Procuramos entender através dessas narrativas de que maneira as alunas assimilaram os valores veiculados pela instituição através das suas práticas educacionais: assimilaram pela força do discurso religioso mantido pela instituição e sustentado pela família.

Inicialmente a hipótese norteadora desta pesquisa trazia a idéia de que os motivos para a escolha pelo Curso Normal foi a possibilidade de essas mulheres atingirem espaço público e a adequação dessa escolha ao discurso religioso predominante no grupo social em que se encontravam inseridas, entretanto após ouvir seus relatos e cotejá-los com outras fontes foi possível entender que não se tratou de uma escolha profissional dessas mulheres, mas o encaminhamento de um projeto de vida traçado pelas famílias para suas filhas.

O que levou essas famílias a encaminharem suas filhas para o Curso Normal do Sion foi exatamente a formação específica para o lar, o preparo para o casamento, que vinha ao encontro do projeto social religioso estabelecido para a mulher na época. Sendo assim, o Curso Normal também fazia parte das representações femininas e dos ideais da época, pois vinha ao encontro do projeto de mulher desenhado por essas famílias.

Nos relatos das ex-sionenses observa-se que a necessidade dessas famílias educarem formalmente suas filhas não estava dentro de uma perspectiva de prepará-las e profissionalizá-las para atingirem o seu espaço na sociedade. Continuava ainda dentro da perspectiva de uma preparação para o casamento e enquadrava-se à necessidade de educá-las nos moldes formais. Assim ser *normalista* e ser *mãe* eram representações sociais compatíveis para este grupo social, onde a família oferecia uma educação fortemente marcada pelo discurso religioso.

Finalmente, concluímos que o Colégio Nossa Senhora de Sion permanece vivo para as ex-alunas, que foram sujeitos desta pesquisa. O contato com suas histórias, nos permitiu o acesso a informações que, de certa forma, foram fundamentais para entender a educação oferecida pelo Sion, exprimindo por vezes

as contradições próprias da educação oferecida às mulheres na história da educação no Brasil.

No entanto, observamos que, as abordagens efetuadas nesta pesquisa não pretendem estabelecer uma leitura reveladora de certezas, mas a de provocar novos olhares que venham trazer à pesquisa novos elementos que possam cada vez mais revelar as vivências desse universo que envolve a educação feminina e, conseqüentemente, evidenciar a existência de um convite sempre aberto para a investigação.

Referências:

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. (Org.) *Profissão Docente e Cultura Escolar*. São Paulo: Ed. Intersubjetiva, 2004.

_____. *Ler as Letras: por que educar meninas e mulheres?* Campinas: Autores Associados, 2007.

ALMEIDA, Ana Maria F.; NOGUEIRA, Maria Alice. *A Escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

AUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARROS, Roque Spencer M. de, *A Ilustração Brasileira e a Idéia de Universidade*. São Paulo: Convívio/ Edusp, 1986.

BAUER, Carlos. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã:Edições Pulsar, 2001.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: UNESP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, n.64, p.4-13, fev.1988.

CAMPOS, Maria Christina S. S.; SILVA, Vera Lúcia G. da (orgs). *Feminização do Magistério: vestígio do passado que marcam o presente*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. *A formação dos professores no Brasil: do Império à Primeira República*. São Paulo, 1989. Mimeografado

CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã, 1999.

CATANI, Denice Bárbara et al (orgs). *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHAMON, Magda. *Trajetória da Feminização do Magistério: ambigüidades e conflitos*. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2005.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Trabalhando Com Relatos Orais: Reflexões a Partir de Uma Trajetória de Pesquisa – Reflexões Sobre a Pesquisa Sociológica, Coleção Textos*, n.º3, São Paulo: CERU, 1.992.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, n.86, p.5-14, ago.1993.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. **In:** PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, p. 224-240.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (et al.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FONSECA, Cláudia. A História Social no Estudo da Família – Uma Excursão Interdisciplinar. **In:** BIB, Rio de Janeiro, 1989, n.27 pp.51-73.

FREITAS, Sonia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

GATTAZ, André Castanheira. *Braços da Resistência: Uma História Oral da Migração Espanhola*. Xamã, São Paulo, 1996.

GILES, Thomas R. *História da Educação*. São Paulo: EPU, 1987.

GONDRA, José G. Medicina, higiene e educação escolar. **In:** FARIA FILHO, Luciano; LOPES, Eliana Marta e VEIGA, Cynthia (coords.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. A história nova. In: _____. *A História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p.535-42 (col. O Homem e a História).

_____. *História e Memória*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003.

LEONARDI, Paula. *Puríssimo Coração: um colégio de elite em Rio Claro*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação-Unicamp, Campinas, SP, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: vol.14, n.2, p.31-39, jul./dez. 1989.

_____. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997^a.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997b, p.443-481.

MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e Educação Feminina (1859-1919) – uma face do conservadorismo*. São Paulo: EdUSP, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1993.

NADAI, Elza. A educação de elite e a profissionalização da mulher brasileira na Primeira República: discriminação ou emancipação? *Revista de Educação* de São Paulo, v.17, p.5-34, jan./dez. 1994.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEVES, Lucila de Almeida. *Memória e História: desafios da pesquisa interdisciplinar na produção do documento oral - Tramas da Memória e da História*. 2001- Disponível em <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/ME02.htm>. Acesso em 13/09/07.

NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

NOSELLA, Paolo e BUFFA, Ester. *Schola Mater. A antiga Escola Normal de São Carlos*. São Carlos/SP: EdUFSCAR/FAPESP, 2002 .

NUNES, Maria José Rosado: Freiras no Brasil. **In:** PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

PASSOS, Elizete Silva. *A Educação das Virgens – Um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês*. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1995.

PEROSA, Graziela Serroni. Família e Escola na socialização de meninas. *Caderno CRH-Universidade Federal da Bahia*, Salvador: vol.20, n.49, p.23-34, jan./abr. 2007.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. **In:** PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, p. 578-606.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *Vestígios da Educação Feminina no Século XVIII em Portugal*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. *História da Educação Brasileira – a organização escolar*. São Paulo: Cortez, 1989.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1989.

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na Escola. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, n.80, p.62-74, fev.1992.

SAMARA, Eni de Mesquita. *Família, mulheres e povoamento: São Paulo, século XVII*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIGO, Maria Helena Bueno. *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. São Paulo: Annablume, 2001.

VIANNA, Cláudia Pereira. Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. **In:** AQUINO, Julio Groppa. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.p.119-130.

_____. Organização docente paulista: crise, identidade coletiva e relações de gênero. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: n.13, jan./fev./mar/abr., 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. Um olhar sobre os estudos de gênero em História da Educação no Brasil. **In:** MORAIS, Christianni Cardoso. *História da Educação: ensino e pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.11-26.

WERNET, Augustia. *Os primórdios do ultramontanismo em São Paulo, 1851-1906: perspectivas de pesquisas*. São Paulo: SBPH, 1985.

| |
|--|
| APÊNDICE A – Entrevistas – ex-normalistas do Colégio Nossa Senhora de Sion de São Paulo |
|--|

M.I. Matarazzo, ex-normalista do Sion, período 1957 – 1969.

Formação/ Profissão

Profissão: Relações Públicas

Período em que estudou no Sion: final da década de 50 e década de 60

Curso Superior: Relações Públicas

Instituição e ano de conclusão: Faculdade Anhembí Morumbi

Eixo 1: O grupo social das normalistas do Colégio N.S. de Sion

01. Qual era o perfil das famílias das moças que estudavam no Colégio N.S. de Sion ?

Média Alta e Alta, exceção as “Martinhas” (referência a Santa Marta) bolsistas, internas, o relacionamento delas com as alunas era muito discreto.

02. Onde morava a maioria das alunas do Colégio N.S. de Sion?

Higienópolis, Jardins e em bairros nobres próximos ao Colégio, além de Interior de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

03. Havia uma relação de proximidade social entre essas famílias?

Sim, era uma tradição familiar, o fato de ser aluna do Sion já era uma apresentação, portas abertas ao sucesso social e profissional.

05. Você acredita que, através do colégio, as famílias mantinham o controle sobre as redes de convivência de suas filhas?

Sim, pois todas pertenciam a mesma classe social. A sociedade era menor, os relacionamentos próximos, moral, educação e disciplina eram rígidas, controladas e comentadas.

06. Qual era a concepção que sua família tinha do papel da escola confessional na educação das moças? Era a concepção predominante entre as demais famílias da época?

Sim, a escola era uma continuação da vida familiar, portanto ela deveria não só educar, como formar, tudo de acordo com o contexto social.

07. Que tipo de formação, em geral, os pais buscavam quando matriculavam suas filhas no Sion?

Uma formação educacional feminina e semelhante a recebida pela família, somada aos ensinamentos da religião, cidadania, línguas, música, oratória, trabalhos manuais, artes, além da moral, disciplina e cultura. Exigências sociais da época.

Eixo 2: Visão sobre o Colégio N. S de Sion

01. Por que você escolheu estudar no Colégio N.S. de Sion?

Não escolhi, era uma tradição familiar, uma “herança sionense”, portanto não havia discussão sobre o assunto, já estava traçado.

02. Qual a idéia/imagem que você tinha do Colégio N.S. de Sion antes de estudar nele?

Aos 6 anos, idade em que todas íamos para a escola, a ansiedade era enorme, representaria novos amigos, conhecimentos, fora do ambiente familiar.

03. Nas conversas/ contatos que você teve com suas colegas de classe, elas tiveram os mesmos motivos – ou outros – para estudar no Colégio N.S. de Sion?

Os motivos eram os mesmos: excelente formação cultural e social, tudo de acordo com as tradições familiares e exigências da época.

04. O que era privilegiado no currículo escolar do Colégio N.S. de Sion?

O Colégio visava além da formação intelectual aprimorada, a educação para os verdadeiros valores humanos, como por exemplo disciplina, cidadania, respeito, religiosidade entre outros.

05. O que mais gostava no Colégio N.S. de Sion? Lembra-se de algo na sua experiência escolar que lhe fazia sofrer?

As lembranças são inesquecíveis: amizades, carinho das irmãs, festas, aulas, cerimônias religiosas, jogos esportivos, almoços comemorativos, arquitetura, suco d'or (pirulito de açúcar presenteado após as mais importantes cerimônias), respeito e disciplina. As refeições diárias foram complicadas para mim, limitou minhas preferências alimentares.

06. Qual a sua idéia/ imagem atual do Colégio N.S. de Sion?

O Sion sobrevive na atualidade, com ajustes e mudanças enormes; adaptação à modernidade e infra-estrutura; crises econômicas; diferentes classes sociais; evasão de alunos; ensino religioso que mudou o foco para valores cristãos e sociais; concorrência; novos projetos pedagógicos focados para as exigências dos vestibulares e as diversas carreiras; custo de professores especializados; tercerização; participação da congregação nas decisões administrativas e, sobretudo a compreensão dos valores, comportamentos e disciplinas atuais.

Eixo 3: A escolha da profissão

01. Em que momento da sua vida você escolheu o Curso Normal? Você se lembra dos motivos/razões dessa escolha?

O motivo foi terminar o colégio com uma profissão, dando mais tranquilidade para a escolha do curso superior.

02. O que sua família achou da sua escolha? Ela a estimulou a tornar-se professora?

A família respeitou e estimulou, uma vez que comporia para o crescimento educacional.

03. A sua condição feminina influenciou nessa escolha?

Não, a profissão que pensei em seguir foi visando compatibilidade com o meu perfil e sucesso.

04. Você acredita que a docência está ligada as características femininas?

Não, está ligada à vocação. A docência, tempos atrás, foi uma possibilidade de a mulher trabalhar fora de seu âmbito familiar. E tornaram-se professoras e diretoras

de escolas, respeitadas e consideradas como profissionais, longe da visão masculina. Quem não teve uma tia nesta profissão?

Eixo 4: Inserção na profissão

01. Quais as razões da sua inserção ou não no magistério?

Após o Normal, optei por seguir um curso superior novo na época, Comunicação Social, opção Relações Públicas, logo após Publicidade, Jornalismo e Museologia, sempre relacionado a pessoas e fatos.

02. As colegas de turma, em geral, seguiram ou não a carreira docente?

As que tenho notícia sim, comprovando a vocação, com superior, pós e trabalho profissional ligados à docência.

03. O que trouxe da educação recebida no Colégio N.S. de Sion para a sua profissão?

Valores esquecidos na época atual: disciplina, responsabilidade, eficiência, respeito, moral, religiosidade entre outros, transmitidos na educação de meus familiares.

R. L. Giansesi, ex-normalista do Sion, período 1956 – 1968.

Formação/ Profissão

Profissão: Psicóloga

Período em que estudou no Sion: 1956 a 1968

Curso Superior: História (PUC/SP) e Psicologia (São Marcos)

Instituição e ano de conclusão: PUC- 1972 S.Marcos -1987

Observações quanto aos dados acima: Dei, por aproximadamente quatro anos, aulas de História para 6ª, 7ª e 8ª séries de dois colégios em São Paulo. Depois decidi ingressar na Faculdade de Psicologia.

Eixo 1: O grupo social das normalistas do Colégio N.S. de Sion

01. Qual era o perfil das famílias das moças que estudavam no Colégio N.S. de Sion ?

Eram famílias de nível sócio-econômico e cultural acima da média da população da época. Apreciavam a aquisição de uma cultura sólida e também se preocupavam com uma boa educação de modo geral. Por ocasião da abertura do Curso Normal, o Colégio permitiu a entrada de várias alunas vindas de outros colégios e cujo poder aquisitivo era menor. Assim tivemos aproximadamente 10 ou 15 novas colegas, em uma classe de mais ou menos 30 alunas. Essas novas colegas, vale a pena registrar, adaptaram-se muito bem ao Colégio.

02. Onde morava a maioria das alunas do Colégio N.S. de Sion?

Muitas famílias moravam nas redondezas do Colégio Sion, ou seja, no bairro de Higienópolis. Não sei se representavam a maioria.

03. Havia uma relação de proximidade social entre essas famílias?

Mais ou menos.

04. Você acredita que, através do colégio, as famílias mantinham o controle sobre as redes de convivência de suas filhas?

Algum controle havia. Penso, porém que tal atitude retratava um hábito cultural daquela época. A maioria dos pais preocupava-se em saber com quem suas filhas estavam saindo, para onde iam etc.

05. Qual era a concepção que sua família tinha do papel da escola confessional na educação das moças? Era a concepção predominante entre as demais famílias da época?

Minha família não estava preocupada com uma educação voltada especialmente para as mulheres, mas sim para uma educação como um todo. Penso que as famílias de minhas colegas e amigas abraçavam esta idéia também.

06. Que tipo de formação, em geral, os pais buscavam quando matriculavam suas filhas no Sion?

Uma formação cultural sólida, diferentemente da maioria das escolas e faculdades atuais, cujo nível cultural, infelizmente, deixa muito a desejar. Tanto o Sion como outras escolas daquela época tinham condições de oferecer uma boa qualidade de ensino.

Eixo 2: Visão sobre o Colégio N. S de Sion

01. Por que você escolheu estudar no Colégio N.S. de Sion?

Naquela época eu contava com 6 (seis) anos de idade. O que me lembro era do meu desejo de estudar no mesmo colégio que duas primas minhas estavam e gostavam bastante, que era o Sion.

02. Qual a idéia/imagem que você tinha do Colégio N.S. de Sion antes de estudar nele?

Apesar de ser criança (6 anos de idade), o que eu consigo me lembrar era meu desejo de ter boas amigas e boas professoras.

03. Nas conversas/ contatos que você teve com suas colegas de classe, elas tiveram os mesmos motivos – ou outros – para estudar no Colégio N.S. de Sion?

Penso que o motivo principal era o de poder usufruir de um ensino de qualidade, assim como de uma formação de um modo geral.

Do que eu posso me lembrar, a maioria escolheu o Sion pelo nome que o colégio tinha na época, ou seja, um colégio que se preocupava com a formação cultural e social das alunas.

04. O que era privilegiado no currículo escolar do Colégio N.S. de Sion?

Língua e Literatura portuguesa, Língua francesa – o curso de francês era muito bom e contava com professores da Aliança Francesa. No Normal o que foi privilegiado no currículo foi o contato com a Pedagogia

05. O que mais gostava no Colégio N.S. de Sion? Lembra-se de algo na sua experiência escolar que lhe fazia sofrer?

Antes de cursar o Normal, o Colégio Sion tinha um ensino muito rigoroso e exigente, não me lembro de ter passado por nenhuma experiência de sofrimento que tivesse me marcado. O que eu mais gostava era poder usufruir de boas aulas com bons professores que me ajudavam não só a adquirir mais conhecimento, mas também a pensar sobre a vida (isso acontecia com frequência nas aulas de Literatura com a discussão dos textos).

06. Qual a sua idéia/ imagem atual do Colégio N.S. de Sion?

Perdi o contato com o Colégio desde que saí de lá. Ouvi dizer que o ensino decaiu bastante e que o colégio, infelizmente, passou por dificuldades financeiras inclusive.

Eixo 3: A escolha da profissão

01. Em que momento da sua vida você escolheu o Curso Normal? Você se lembra dos motivos/razões dessa escolha?

Aos 15 (quinze) anos. Gostava de criança e de dar aulas. O fato de ser um curso profissionalizante também me atraiu bastante. Porém hoje eu penso que não ter feito o “clássico” (como se chamava na época) restringiu meus conhecimentos. Por exemplo: nunca tive contato com a Física e Química, dentre outras disciplinas que não faziam parte do currículo do Normal.

02. O que sua família achou da sua escolha? Ela a estimulou a tornar-se professora?

Achou boa. Sim, minha família estimulou a minha escolha.

03. A sua condição feminina influenciou nessa escolha?

Acho que não.

04. Você acredita que a docência está ligada as características femininas?

Não. Tive ótimos professores homens, principalmente na faculdade.

Eixo 4: Inserção na profissão

01. Quais as razões da sua inserção ou não no magistério?

Eu gostava de dar aulas para crianças.

02. As colegas de turma, em geral, seguiram ou não a carreira docente?

Somente a minoria seguiu. Tive duas amigas que abriram escola, após fazerem faculdade de Pedagogia.

03. O que trouxe da educação recebida no Colégio N.S. de Sion para a sua profissão?

Apreço à cultura que penso ser um alimento para a vida de todos nós.

H.M.de Quadros, ex-normalista do Sion, período de 1955 -1957.

Formação/ Profissão

Profissão: Agente de Viagens

Período em que estudou no Sion: 1955 a 1.957

Curso Superior: Turismo

Instituição e ano de conclusão: Faculdade Ibero Americana/ 1.975

Observações quanto aos dados acima:

No Sion fiz somente o Curso Normal

Eixo 1: O grupo social das normalistas do Colégio N.S. de Sion

01. Qual era o perfil das famílias das moças que estudavam no Colégio N.S. de Sion?

Classe A

02. Onde morava a maioria das alunas do Colégio N.S. de Sion?

No bairro

03. Havia uma relação de proximidade social entre essas famílias?

Sim

04. Você acredita que, através do colégio, as famílias mantinham o controle sobre as redes de convivência de suas filhas?

Sim

05. Qual era a concepção que sua família tinha do papel da escola confessional na educação das moças? Era a concepção predominante entre as demais famílias da época?

No meu caso, minha família é muito religiosa e minha avó estudou no Sion. Minha mãe estudou no Sion por um pequeno período e ambas achavam que seria muito importante a formação religiosa dada no colégio. Para mim foi muito importante o tempo em que estudei no Sion, para minha formação como ser humano e como católica. Tudo o que recebi naqueles anos me prepararam para minha vida como mulher e mãe.

06. Que tipo de formação, em geral, os pais buscavam quando matriculavam suas filhas no Sion?

Naquela época as moças geralmente não iam para faculdade após o término do segundo grau. Assim, as famílias queriam que suas filhas se formassem para ter um diploma de professoras e garantir com isso uma profissão. Além disso, a formação religiosa e o convívio com moças de boa família era o objetivo de colocarem suas filhas num colégio como o Sion

Eixo 2: Visão sobre o Colégio N. S de Sion

01. Por que você escolheu estudar no Colégio N.S. de Sion?

Como já disse antes foi uma escolha da minha mãe e da minha avó.

02. Qual a idéia/imagem que você tinha do Colégio N.S. de Sion antes de estudar nele?

Eu pessoalmente achei que não gostaria de estudar no Sion

03. Nas conversas/ contatos que você teve com suas colegas de classe, elas tiveram os mesmos motivos – ou outros – para estudar no Colégio N.S. de Sion?

Os mesmos motivos

04. O que era privilegiado no currículo escolar do Colégio N.S. de Sion?

As matérias sociologia, Psicologia, Pedagogia, uma vez que cursei o normal.

05. O que mais gostava no Colégio N.S. de Sion? Lembra-se de algo na sua experiência escolar que lhe fazia sofrer?

Eu me sentia muito feliz no Sion. Gostava das aulas, da convivência com as colegas. Formávamos um grupo muito amigo que ia além das aulas. Convivíamos também fora do colégio. Não me lembro de nada que me fizesse sofrer

06. Qual a sua idéia/ imagem atual do Colégio N.S. de Sion?

Não convivo com ninguém que estude no Sion ou que tenha filhos lá, portanto não tenho idéia nenhuma a respeito do Sion.

Eixo 3: A escolha da profissão

01. Em que momento da sua vida você escolheu o Curso Normal? Você se lembra dos motivos/razões dessa escolha?

Meu pai, que tinha 07 irmãs professoras achava que eu deveria cursar o normal. eu pessoalmente nunca quis lecionar. Porém acho que ele fez uma escolha acertada porque, como já disse antes, achei as matérias do curso normal muito próprias para a mulher porque mesmo não dando aulas, o curso prepara a mulher para ser mãe

02. O que sua família achou da sua escolha? Ela a estimulou a tornar-se professora?

Já respondi

03. A sua condição feminina influenciou nessa escolha?

Sim

04. Você acredita que a docência está ligada as características femininas?

Sim

Eixo 4: Inserção na profissão

01. Quais as razões da sua inserção ou não no magistério?

Não gosto de ensinar. Acho que para ensinar a pessoa tem que ter vocação. Logo que me formei, me casei e tive 04 filhos. Quando meus filhos estavam com idades entre 07 e 12 anos, achei que deveria estudar novamente, mas não escolhi pedagogia ou outra matéria ligada ao magistério. Fiz faculdade de turismo.

02. As colegas de turma, em geral, seguiram ou não a carreira docente?

Não, a maioria casou e nem seguiu nenhuma outra carreira.

03. O que trouxe da educação recebida no Colégio N.S. de Sion para a sua profissão?

Como já falei antes, acho que me tornei uma pessoa mais compreensiva. Entendo sempre o lado do outro. O que torna a convivência com colegas de trabalho ou com clientes, melhor.

V. L. L. Bonafé, ex-normalista do Sion, período de 1957 -1960.

Formação/Profissão

Profissão: Orientadora Educacional/ Proprietária de Instituição Educacional

Período em que estudou no Sion: 1957 a 1959 *(1960)

Curso Superior: Pedagogia - Orientação Educacional

Instituição e ano de conclusão: Faculdade Oswaldo Cruz - 1975

Faculdade São Judas - 1976

Observações quanto aos dados acima:

- Em 1960 - no Sion - Curso de Aperfeiçoamento no Sistema Montessori para introduzi-lo no colégio; alunos de Pré à 5ª série.

- Fiz as Faculdades mais tarde para obter o credenciamento para ser Diretora (Administração Escolar e Orientação Educacional) da Escola Pacaembu.

Eixo 1: O grupo social das normalistas do Colégio N.S. de Sion

01. Qual era o perfil das famílias das moças que estudavam no Colégio N.S. de Sion ?

Filhas de famílias tradicionais de São Paulo classe média alta e alta. Pais geralmente com nível superior, mas mães donas de casa.

02. Onde morava a maioria das alunas do Colégio N.S. de Sion?

Não saberia dizer ao certo. Acredito que em diversos bairros próximos ao colégio. Algumas vinham de mais longe buscando o Sion pelo bom desempenho formativo.

03. Havia uma relação de proximidade social entre essas famílias?

Não vivi esta situação, pois fiquei apenas 4 anos no colégio, mas não era hábito haver essa proximidade entre o que observava entre as minhas colegas.

04. Você acredita que, através do colégio, as famílias mantinham o controle sobre as redes de convivência de suas filhas?

“O mundo era outro” nessa época. Os pais exerciam sua autoridade e controle. O colégio poderia ajudar, mas não creio que fosse o fator predominante de controle.

05. Qual era a concepção que sua família tinha do papel da escola confessional na educação das moças? Era a concepção predominante entre as demais famílias da época?

Integridade, humanismo, organização e respeito que se observava mais permeando as atividades e atitudes docentes dessa instituição.

06. Que tipo de formação, em geral, os pais buscavam quando matriculavam suas filhas no Sion?

Formação humanista. Valores éticos e morais e também religiosidade.

Eixo 2: Visão sobre o Colégio N. S de Sion

01. Por que você escolheu estudar no Colégio N.S. de Sion?

Porque soube que tinha um bom Curso Normal.

02. Qual a idéia/imagem que você tinha do Colégio N.S. de Sion antes de estudar nele?

Já o conhecia desde menina. Sou de Minas e conheci o Sion de Campanha (achava e era mesmo lindíssimo) e o de Belo Horizonte. A importância e os grandes corredores me impressionavam. Transmitem certo medo e sentimento de pouca liberdade.

03. Nas conversas/ contatos que você teve com suas colegas de classe, elas tiveram os mesmos motivos – ou outros – para estudar no Colégio N.S. de Sion?

Algumas já estudavam desde o primário. Outras vieram em busca do bom Curso Normal.

04. O que era privilegiado no currículo escolar do Colégio N.S. de Sion?

A educação religiosa tinha um espaço bem definido e grande, mas a formação do ser humano integral era buscada sempre por outras vias e matérias. Corpo e Espírito.

05. O que mais gostava no Colégio N.S. de Sion? Lembra-se de algo na sua experiência escolar que lhe fazia sofrer?

A nossa mestra de classe (Irmã Ana Victoria), o grupo de amigas, o incentivo dado a nossa futura profissão.

06. Qual a sua idéia/ imagem atual do Colégio N.S. de Sion?

Um colégio que foi pioneiro em mudanças educacionais, mas que não conseguiu manter-se nesse destaque.

Eixo 3: A escolha da profissão

01. Em que momento da sua vida você escolheu o Curso Normal? Você se lembra dos motivos/razões dessa escolha?

Após o ginásio, como não gostava de Latim (curso clássico) e temia a Matemática (científico), optei pelo Curso Normal.

02. O que sua família achou da sua escolha? Ela a estimulou a tornar-se professora?

Apreciaram muito. Já tínhamos na família Lisboa muitos professores e professoras, inclusive de Faculdade.

03. A sua condição feminina influenciou nessa escolha?

Não. Eu estudei balé 20 anos e minha opção inicial era ser bailarina. Quando minha família mudou-se para São Paulo, seguir essa “carreira” ficou mais complicado.

04. Você acredita que a docência está ligada as características femininas?

Não. Acho que a mulher por expressar mais sua afetividade e habilidade para relacionar-se com os filhos, criou esse estereótipo. Observe que grandes educadores e professores são homens.

Eixo 4: Inserção na profissão

01. Quais as razões da sua inserção ou não no magistério?

Fui boa aluna e, no 2º semestre do 3º ano do curso Normal convidaram-me para participar de estudos sobre o Sistema Montessori. Comecei a ter contato com as crianças e gostei e gostaram também do meu desempenho e me incentivaram.

02. As colegas de turma, em geral, seguiram ou não a carreira docente?

Éramos 26 alunas. Se me lembro bem, apenas 4 não iniciaram a carreira docente.

03. O que trouxe da educação recebida no Colégio N.S. de Sion para a sua profissão?

Atribuo a minha formação de educadora à Irmã Ana Victoria, Irmã Mariana, alguns professores idealistas que acreditavam no valor da educação. Devo ao colégio a conquista desse ideal.

Formação/Profissão

Profissão: Professora Universitária

Período em que estudou no Sion: 1958 a 1960

Curso Superior: Pedagogia/ Mestrado

Instituição e ano de conclusão: PUC-SP /1964

Observações quanto aos dados acima:

Eixo 1: O grupo social das normalistas do Colégio N.S. de Sion

01. Qual era o perfil das famílias das moças que estudavam no Colégio N.S. de Sion?

Classe Média, média alta e alta. Tinham interesses semelhantes: as moças não trabalhavam, só estudavam. As atividades de lazer e estudos dentro do grupo de colegas.

02. Onde morava a maioria das alunas do Colégio N.S. de Sion?

Muitas no próprio bairro (Higienópolis), outras em bairros como Morumbi, Jardins...

03. Havia uma relação de proximidade social entre essas famílias?

Acredito que sim. Eram todas de classe média alta e alta, eram vizinhos de bairros, freqüentavam as mesmas festas e o Clube Paulistano.

04. Você acredita que, através do colégio, as famílias mantinham o controle sobre as redes de convivência de suas filhas?

As expectativas eram de que no Colégio Sion os relacionamentos fossem positivos, próximos dos valores de cada família.

05. Qual era a concepção que sua família tinha do papel da escola confessional na educação das moças? Era a concepção predominante entre as demais famílias da época?

A formação de bons valores, valores cristãos.

06. Que tipo de formação, em geral, os pais buscavam quando matriculavam suas filhas no Sion?

Formação de valores cristãos e bom relacionamento de amizades.

Eixo 2: Visão sobre o Colégio N. S de Sion

01. Por que você escolheu estudar no Colégio N.S. de Sion?

Foi minha mãe e minha avó quem escolheram. Minha avó materna estudou no Sion de Petrópolis e gostou muito. Toda a sua família, irmãs e primas estudaram lá.

02. Qual a idéia/imagem que você tinha do Colégio N.S. de Sion antes de estudar nele?

Eu preferia ter ido para o Caetano de Campos, mas depois gostei muito. O Curso Normal, na minha época, trabalhava com uma pedagogia moderna. Tinha a melhor formação possível.

03. Nas conversas/ contatos que você teve com suas colegas de classe, elas tiveram os mesmos motivos – ou outros – para estudar no Colégio N.S. de Sion?

Não sei responder a essa pergunta.

04. O que era privilegiado no currículo escolar do Colégio N.S. de Sion?

No Curso Normal, tanto a parte teórica como a prática. Ofereciam um ambiente variado de estudo, ficávamos no Colégio por conta própria durante o período da tarde, para a realização de trabalhos, para atividades sociais, trabalhando na comunidade.

05. O que mais gostava no Colégio N.S. de Sion? Lembra-se de algo na sua experiência escolar que lhe fazia sofrer?

Todas as experiências foram ótimas. A valorização de cada aluna pelo que era, pelos professores e pelas religiosas. A oportunidade para conhecer a realidade brasileira, seus problemas e possibilidades de solução.

06. Qual a sua idéia/ imagem atual do Colégio N.S. de Sion?

Não sei nada sobre Sion atualmente.

Eixo 3: A escolha da profissão

01. Em que momento da sua vida você escolheu o Curso Normal? Você se lembra dos motivos/razões dessa escolha?

Era uma tradição na família, principalmente por parte de meu pai.

02. O que sua família achou da sua escolha? Ela a estimulou a tornar-se professora?

Ela não só estimulou como foi a responsável pela “escolha”

03. A sua condição feminina influenciou nessa escolha?

Talvez, mas a família foi a maior influência.

04. Você acredita que a docência está ligada as características femininas?

Acredito que podemos ser educadoras maravilhosas.

Eixo 4: Inserção na profissão

01. Quais as razões da sua inserção ou não no magistério?

A influência da família e depois me apaixonei pela profissão.

02. As colegas de turma, em geral, seguiram ou não a carreira docente?

Algumas, porém não posso afirmar com certeza.

03. O que trouxe da educação recebida no Colégio N.S. de Sion para a sua profissão?

Os valores, a formação humana e a religião.

APÊNDICE B –

Narrativas – ex-normalistas do Colégio Nossa Senhora de Sion de São Paulo

V. L. L. Bonafé ¹⁹

Data: 22/03/2007

“[...] Legião de Maria, que era uma outra coisa: você fazia uma opção de pertencer ou não a esse grupo, que tinha como missão também dar assistência às pessoas. Ainda existe isso. E aí fiquei lá um bom tempo. Mas, indiretamente, sempre há uma pressão, de alguma forma. Essas duas freiras do SION, acho que por isso que elas saíram mesmo. Elas eram muito ligadas aos dominicanos, e eu morava aqui também no Pacaembu com minha família, então a gente freqüentava a igreja São Domingos. E eles tinham um discurso assim, extremamente aberto e social e, enfim... E eles iam muito ao SION, eles eram os confessores dessas duas freiras, E um deles era o meu confessor. Eu me casei na Igreja São Domingos Na missa do meio-dia aos domingos não tinha lugar para sentar, de tão bárbaro que era aquilo. Só tinha intelectuais .O Frei Beto até hoje atua.E todos os outros acabaram indo embora, tanto que hoje têm muito poucos aí, e a ordem deles é uma ordem assim extremamente exigente nas coisas do dia-a-dia, mas de uma abertura muito grande. E hoje eu tenho uma ligação com eles lá, porque eles fazem aqui, para as minhas crianças que querem uma preparação para a 1ª comunhão . Acho que só dedico a eles porque sei como é que é que administram essas coisas, sem essas bobagens todas de medo, de não sei o quê, de Deus está vendo, você não põe o dedo no nariz porque senão Ele vê, você vai ao banheiro, você se comporta porque... Enfim, acho que essa coisa toda é muito... Muito ruim, e que acabou afastando muita gente da religião . Esse medo todo. Enfim, acho que é um pouco isso. Depois é que eu saí do SION é que eu tive uma outra trajetória. Agora, eu não sei... acho que existia isso no Sion, mas era uma coisa um pouco já mais solta, eu acho que ela já estava assim se abrindo para outras coisas. Quero dizer, mas tinha, porque... Sabe, isso variava muito de quem que era a superiora do Colégio. Eu me lembro de um episódio quando eu já estava com uma classe da 4ª série, se não me engano, 5ª série, que

¹⁹ No início do nosso contato a senhora Vera pediu que não gravássemos a conversa, pois não se sentia a vontade. Após alguns minutos, disse que já estava mais tranqüila e que poderíamos, então, gravar a narrativa.

junto com esse trabalho de catequese que elas faziam com as pessoas, freqüentava essa minha classe, algumas irmãs conversas, sabe o que são as irmãs conversas? São as que não têm dote para dar. Ficavam no coro. E tinha algumas pessoas assim, por exemplo: veio uma moça para nossa classe que ela era francesa, muito bonita, muito ajeitada... E ela precisava fazer, talvez, a convalidação dos estudos dela aqui, e a moça de repente começou a trabalhar... a gente não sabia disso, mas enfim, para tirar umas fotos, e aí ela apareceu numa revista. Mas não é nem o que você vê hoje, nada. Talvez, não me lembro bem como era a foto, mas com um maiô de duas peças, uma coisa assim. Aquilo foi um “bum”, e as alunas trouxeram aquilo e eu conversei com elas e expliquei, disse: “Olha, realmente isso aconteceu; vai ver ela estava precisando de algum tipo de dinheiro, não é a melhor forma que ela escolheu, mas enfim...” Esse discurso não foi aceito, veio a “Notre Mère” para falar na minha sala. E aí acabou com a vida da moça, era um demônio em pessoa, entendeu? Ela foi embora, não voltou mais para escola. Só sei que falou-se muito mal da moça e o que a gente tinha que fazer então por conta disso? Todo mundo botou o véu e nós fomos rezar na capela. E aí, as meninas ficavam lá e olhavam assim pra mim, né, pra ver o que eu estava achando daquilo. Tem que rezar, rezar; rezamos o terço até não querer mais, para que ela se iluminasse, seguisse um outro caminho, sabe aquelas coisas assim? E o dia que ela foi falar na sala foi a Mère Isabel, a Mère Celeste e uma outra que eu não sei, ficaram as três dentro. Daí a sala era toda diferente, as carteiras eram móveis já... trouxeram uma cadeira grande para a freira sentar lá, falou aquele monte, e as meninas ouviam, porque ninguém nem respondia, nem nada, mas, como a gente já tinha um outro diálogo, é lógico que elas cumpriram aquilo....

Quando morava em Belo Horizonte estudava num colégio que se chamava Santa Maria, que era das irmãs dominicanas. E, em Belo Horizonte, as duas escolas que disputavam os alunos eram o SION e o Santa Maria; era uma rivalidade como existia aqui anos atrás entre o Des Oiseaux e o SION. E aí, eu me lembro que quando eu entrei para o Normal aqui, fui a Belo Horizonte e o povo falou: “Ah, você está estudando no SION agora” (...) No normal não tinha mais francês, não tinha nada; era mais filosofia, pedagogia e metodologias. Mas na época em que eu estudava no Santa Maria:: o francês, e aquilo tudo, e as festividades, e quando chegava o mês de maio tinha a coroação, eu coroei Nossa Senhora, eu punha palma, ramallete, cantava aquelas coisas todas, tudo aquilo, todas as celebrações

possíveis. Então acho que, eu não sei se era só por conta das mulheres, porque também os colégios masculinos que.. Por exemplo, lá em Minas, o Loyola que era dos Jesuítas, que é um similar aqui ao São Luís, que era só de meninos; o Imaculada era de menina também, e existia a mesma tônica em relação aos rapazes: de missa todo domingo, de tomar nota quem é que foi, quem que não foi; de segunda-feira eles te perguntavam se você tinha ido à missa ou não... Isso tanto um como outro, porque o fato de você estar praticando uma religião, e principalmente a religião católica, era um distintivo. E eu acredito que aqui no Sion também fizessem isso por conta de ser uma proposta mesmo de todas as escolas católicas da época. Na quaresma tinha uns tantos sacrifícios que você fazia, tinha caderno que marcava o que você vai fazer ou não vai . Eu não sinto que fosse assim só para mulher; eu acho que naquela época era para as duas coisas.

Ah... as Martinhas... eram pessoas tão, assim, tímidas, ou sei lá sabe, não era assim... Como é que se fala? Introversas, e talvez até... não sei se elas tinham algum tipo de recomendação de lá, “olha, não é para conversar com as meninas senão fica sabendo o que acontece no mundo aí fora”... Se perguntávamos alguma coisa na aula, dificilmente elas respondiam. Aí, você recebia assim, “olha, não precisa perguntar, elas só precisam ouvir, dentro da minha sala”. Então quando tinha alguma coisa para fazer, discussão em grupo, sempre as três ou quatro se juntavam. Por mais eu quisesse variar o grupo, para ter outro tipo, não era uma coisa assim não. Mantinham-se as quatro. Elas já iam vestidas de ‘freirinhas’. Então, elas eram uma réplica da Santa Marta, que ficava lavando o chão, varrendo, fazendo essas coisas todas. Mas o que também... sabe por que não dava muita liga? Porque elas eram de um nível social diferente. Por que como é que elas pegavam essas vocações? Não eram vocações. Eram oferecidos para as famílias, vamos dizer... mais pobres: “vocês querem que a gente eduque a sua filha? Então manda para nós” .Como faziam também com os meninos para serem padres; é desse jeito, e ainda é até hoje. Então era uma troca. E a família, achava o máximo ter um padre, ter uma freira na família, aquilo era uma glória. As pobrezinhas iam, entende? Então elas não tinham nem vivência nem mesmo muito diálogo estabelecerem integração conosco.

Então, a nossa classe, logo depois que a gente se formou, muita gente foi trabalhar, até foi uma coisa comentada na época, que nunca uma classe tinha se dedicado tanto a esse tipo de trabalho.

Mas olha, você sabe que você tem até essa pergunta lá no seu questionário, se as famílias se davam. Não se davam. As alunas se davam, mas não tinha, por exemplo, assim, a mãe de fulana amiga da mãe da fulana; só se existisse alguma coisa extra, que gerasse essa aproximação, mas por conta da frequência ao colégio não; não tive essa experiência de jeito nenhum, até discuti isso com a Odila outro dia Eu acho que o povo era muito mais segregacionista mesmo, sabe? Não tinha essa coisa, até para a gente fazer trabalho em grupo, no Curso Normal, na casa de alguma pessoa, tinha que consultar o pai, a mãe, o bispo, delegado... “Na casa de quem que vocês vão?” Eu não me lembro, por exemplo, de repente é porque minha mãe sempre trabalhou fora, o que não era muito comum entre as mães, ela não tinha tempo de ficar indo, virando, mexendo, e conhecendo as outras mães Na minha casa não iam nunca, sabe por quê? Porque minha mãe não estava, não iam nunca, e geralmente do que eu me lembro, iam sempre quando a mãe estava na casa daquela pessoa. É, mas amizade entre essas famílias não tinham. Mas tinha que sempre saber o **sobrenome** da pessoa. E tinham umas que de vez em quando até abriam a porta para ver o que nós estávamos fazendo; às vezes você estava lá, contando bobagem, fazendo piada, e não estava estudando...

(...) A mulher-professora? Eu acho que essa tendência, vai até um certo ponto, até um certo ano escolar; então, a mulher poderia ser professora no jardim da infância, como chamava, na parte de 1ª a 4ª série, e o ginásio ainda ia, mas, dali para adiante, os homens é quem iam. Porque as matérias eram mais complexas e as mulheres talvez não tivessem tanto conhecimento para ministrá-las, e os homens ainda se satisfaziam em ficar nesses postos porque eram melhor remunerados, e a remuneração da mulher era mais baixa nesses outros ciclos escolares. Era bem assim, esse era o pensamento: que é uma profissão boa para mulher, que você está resguardada, tem bastante meses de férias, pode trabalhar só meio período se quiser, se tiver filhos é uma coisa confortável, tem tempo para casa, para o marido . Talvez isso estivesse dentro do contexto, mas não dito assim, tão claramente. E eu vejo até hoje, às vezes quando vem uma pessoa assim, sabe? Porque é uma profissão boa pra mulher. Uma pessoa que fala isso para mim, já não quero nem que trabalhe na minha escola, sabia? Porque eu considero a educação como coisa primordial no mundo, num país. Porque é a única coisa capaz de humanizar, agora se alguém vai escolher por esses outros motivos, não faça, porque é muito trabalhoso e quem está só com essa disposição não vai chegar a lugar nenhum.

Deixa só eu te falar uma coisa, falando ainda sobre o aspecto da religião: depois que eu saí do SION eu fui convidada para montar essa escola que se chama Cor Jesu, que é um nome em latim, atualmente está aqui na Rua São Vicente de Paula. É de uns padres, irmãos canadenses, parecido com os do Santa Cruz, mas eles lá são padres e esses aqui são irmãos. Bom, mas eles têm uma obra aí pelo mundo, religiosa, tal. E aí, o que eles queriam? Eles só trabalhavam com ensino médio, que chamava científico na época, e eles queriam ter uma escola com todos os segmentos. Então, eles convidaram para ser diretor, para montar a escola. Montei a escola, desde o papel higiênico até tudo para eles. E aí ficamos assim: e como fazemos com a religião? Eles falaram: “Como você quiser”. Porque eu acho que eles queriam ver assim, como a questão montessoriana privilegiava o ser humano no seu desenvolvimento, sobre todos os seus aspectos, então acho que eles estavam, assim, muito confiantes. Depois de uns cinco ou seis anos, eles começaram a achar que precisaria fazer a 1ª comunhão, que tinha que ter uma introdução de coisa religiosa na escola ou uma aula de religião, porque afinal de contas essa era a meta deles. Eu falava: “Tudo bem. Então vou organizar um programa de ensino religioso”; só que baseado na minha vivência, nas coisas que a gente já tinha da época e das necessidades da metodologia que era empregada, que era uma coisa de vanguarda. Aí o irmão falou: “Verinha”; quando ele começou a falar Verinha, falei: “Furou”. “Acho que não pode ser assim, porque existem algumas coisas, alguns...” Sei lá o que ele falava dos dogmas, disso, daquilo, porque era um aprendizado da religião dentro da própria vida, sem aquelas coisas todas amedrontadoras e tudo isso. E aí ele disse: “Não, eu vou chamar uma freira amiga minha pra ver isso daí”. Aí melou, porque... Até isso, de conhecer as várias religiões, para eu já dar uma opção para as pessoas. Bom, aí veio a tal da freira; aí, minha filha, eu falei, sabe o que acontece? Não combina um vanguardismo desse do ponto de vista escolar, vamos dizer, das matérias, com isso; são coisas antagônicas, não dá para gente ficar nessa dicotomia, então aqui você ensina de um jeito e lá do outro. Vamos fazer a mesma metodologia para as duas coisas. Aí não deu acordo e eu falei: “Olha irmão, sabe o que eu acho melhor? Então vocês continuam do jeito que vocês querem, porque eu não vou conseguir fazer isso de uma outra forma.”. E aí foi que eu saí de lá para abrir a Escola Pacaembu, há 38 anos. Tenho filhos de ex-alunos. E os meus filhos não quiseram nem saber. Aliás, nem os meus, nem os da Odila.

Uma coisa que eu acabei descobrindo dentro do Curso Normal por conta de um professor de filosofia que a gente teve, espetacular, é que quanto mais filosofia a gente conseguisse saber, você teria assim um domínio maior do conhecimento e poderia estar deliberando mais, educacionalmente. Eram padres. Naquela ocasião, para você sair direto do Curso Normal e prestar Filosofia, não podia. Por aí é que se vê como o Curso Normal era depreciado. Você tinha que fazer um pré-vestibular, seria avaliada para depois fazer o vestibular e entrar na faculdade de Filosofia. Eu fiquei indignada, pra não dizer outra coisa, porque se eu prezava tanto meu curso, e se eu queria inclusive ter uma abrangência maior (...) eu teria feito a Faculdade de Filosofia, que, talvez, em termos da escola, iria ajudar a mim, intelectualmente em muita coisa, mas em termos de registro, não. Depois, eu fiz o Curso de especialização em orientação, porque também era obrigatório eu ter uma orientadora. E aí, no fim, eu acabei centralizando as duas coisas Hoje atuo como orientadora da minha própria escola, como já disse , há trinta e oitos anos, com minha amiga Odila, ex-sionense. A Odila teve toda a sua trajetória escolar no Sion.”

*“Minha avó foi educada no Sion. Minha avó e as primas dela, no Sion de Petrópolis. Minha mãe estudou no Sion O Sion era um parâmetro de boa educação para a época, eu nem tinha vontade de entrar no Sion, porque estava implicada já, de tanto que minha avó falava, mas, enfim, quando foi para fazer o curso normal, que eu também não queria fazer, porque não tinha nem tinha idéia do que queria; na verdade acho que eu só queria era casar ter filhos... Não estava preocupada com a parte de profissão, e não tinha a menor vontade de dar aula, porque até hoje é uma coisa que não acho gostoso, dar uma aula. Então, eu estava ali, mas o papai, que era advogado e as irmãs dele todas professoras, falava: “Não, você tem que fazer o Curso normal porque se você não quiser fazer mais nada, já está com o diploma ... então, com isso, lá fui eu para o SION. Quando cheguei no SION, adorei o colégio, primeiro as amigas, até tinham amigas minhas que eram do Ofélia Fonseca, mas que nem eram amigas minhas lá e ficaram amigas no SION. O ambiente era muito gostoso, de muita amizade, de muito carinho. As freiras, a Mère Ana Victoria, que era essa aqui (**mostra a foto**). Mère Vitória era um amor, então o que ela procurava fazer com a gente, era mais no sentido de fazer a gente virar uma pessoa melhor, ou seja, a gente fazia bastante dinâmica de grupo para ver o que a gente tinha para melhorar, o que as amigas tinham para melhorar, então aprendemos a olhar para os outros, procurando entender melhor as pessoas, sabe? Não querendo ser a dona da verdade. Havia toda aquela coisa de relacionamento; as matérias eu gostava muito, porque eram todas muito boas para mulher, porque psicologia, sociologia, pedagogia, enfim, era uma coisa prática, era coisa que te interessava, não era uma coisa árida. Então gostei, fui uma boa aluna, me formei bem, sem nada de excepcional, mas fiz bem. Quero dizer que o ambiente lá, para mim, foi uma coisa muito gostosa. As freiras eram rígidas, como eu falei, você tinha que ter uma postura; se elas entrassem na classe a gente tinha que ficar com uma mão sobre a outra... tanto que muita gente que é do SION ainda tem essa mania, está num lugar, você fica assim sem querer, durante muito tempo eu ficava assim, sabe... os gestos... Você era obrigada a fazer a reverência quando encontrava freira, eu que tinha vindo de um colégio leigo, que tinha muita estupidez, sabe, muito diretor gritando, diretora gritando, sabe? Eu peguei uma gente diferente, era... Todo mundo*

tinha muito respeito, era gostoso, era alegre, sabe, a gente se sentia feliz lá dentro. Não tinha esse problema de briga, porque também já éramos mocinhas, até nos comportávamos como menina, brincava, sabe, corríamos pelos corredores, a gente ficava, até tinha gente que não se conformava, porque a nossa turminha tinham várias que já eram noivas, eu mesmo fiquei noiva na hora do... Antes da formatura. Então falavam: “Mas, meu Deus, essas daí, tudo noiva e tudo criançona”, mas era o jeito de a gente de ser. De tarde a gente se reunia e saía para passear, então era uma coisa gostosa. Eu morava perto do colégio, morava ali na Rua Bahia, pertinho da Praça Buenos Aires, então ia a pé e, em cada quarteirão, já tinham amigas que vinham também, que moravam por ali. Então, quando a gente chegava lá no colégio era uma turma grande, porque em cada quarteirão entrava uma turminha, era muito gostoso. O papel da religião... Naturalmente que para escolher o SION a parte fundamental foi a religião, que minha mãe queria, fazia questão. Nossa família bastante católica, de freqüentar missa, e isso eu achei ótimo porque a gente rezava, era gostoso; a gente fazia retiro. Os retiros eram com um padre muito bom também, daquele tipo que conversa e acaba fazendo bem pra você. A gente rezava, ele celebrava missa. Naquela época a missa ainda era de costas e era toda em latim. Pois ele ia para uma salinha e rezava a missa com a gente em volta dele (...), então foi uma coisa muito boa, o aspecto religioso, aula de religião, tudo no sentido prático. Era prático, era religião para a vida. Como a gente relacionava a religião com a vida, então eu acredito que fiquei uma pessoa melhor no colégio; eu me senti uma pessoa melhor, apesar de eu ter uma família muito boa, que também cultivava bons valores, mas eu acho que me aprimorei, me senti uma pessoa melhor, sabe, com mais paciência, com tudo.

Os saberes necessários às moças de família.

Bom, como eu já disse, (...) o que a gente pensava era: casar, ter filhos. Eu não tinha a menor preocupação de trabalhar, nem era comum; isso começou depois da década de 60... Você não tinha a menor preocupação com profissão, com nada. Como eu digo, eu não gostava de dar aulas (...). Então, minha preocupação não era... Eu achava que eu não ia trabalhar, não sei o que eu pensava. Era menina, me formei com 17 anos. Casei com 19. Então casei logo e tive meus filhos. Em 5 anos eu já estava com os 4 filhos e tocando a vida... E depois é que eu fui ter

necessidade e voltei a fazer a faculdade, quando eu estava com 32 anos. Fiz faculdade de Turismo e sou agente de viagens. Trabalhei numa agência durante 20 anos e há 10 anos eu trabalho em casa. Então, me sustento com meu trabalho.

Tudo o que eu sou, é fruto daquilo que eu recebi lá no Sion. Quem fazia o clássico ficava mais bem preparada do que fazia o Curso Normal, porque estudava mais. Nós, do Curso Normal não, era mais a parte prática, sabe? Ginástica por exemplo, era em função de crianças, para aqueles mulherões, com calção ridículo de algodãozinho de listra, parecia sabe... roupa de bebê. Que tem, assim, botão na cintura... Então a gente punha aquela roupa e aquelas mulheronas todas ficavam assim: “oi, bota aqui, oi, bota ali o seu pezinho”, dançavam tudo isso, então tudo era em função de criança.

Importância de ser do Sion.

Ser sionense... Éra distintivo, né? A gente se sentia importante. A gente gostava, estava feliz e tinha uma certa..., vamos dizer, pertencia a uma classe social diferenciada por estar ali no SION. Até hoje, se eu falo, estudei no SION, falam: “Ah, você estudou no SION”. Sabe como é que é... É um a mais, um upgrade, um diferencial.

Nós tínhamos colegas, mas não eram bem... Eram colegas bolsistas, até que uma virou freira, mas não tinha assim muito entrosamento, sabe por quê? A gente tinha entrosamento era com uma turminha determinada que tinha a mesma idade, fazia as mesmas coisas....

Elas, as bolsistas, também não tinham muito entrosamento, porque elas ficavam no colégio, a gente saía, ia para... Sabe, é diferente, né? Eu acho que elas ficavam internas, eu não estou me lembrando disso, eu me lembro de duas. Não sei se eram chamadas de Martinhas...

Na época estava de acordo ser professora, por exemplo, quando minha mãe casou-se, ela trabalhava na Justiça. O papai não quis, ele falou: “Se você fosse professora, tudo bem, você trabalharia, mas como você não é professora...” Então tinha essas coisas.

Eu tenho uma filha professora e acho que a vida dela foi bem melhor com relação aos filhos sendo professora. Porque ela trabalhava na mesma época que eles estudavam, no mesmo horário. Então ela saía de casa com eles, dava aula aqui no

Mater Dei, Saía de casa com os filhos, ela dava aula na mesma escola em que eles eram alunos. Tinha férias junto com eles. Então acho, continuo achando, que é uma profissão que é bem ajustada para a pessoa que é mãe, porque fica fácil conciliar tarefas. Depois ela assumiu um outro tipo de trabalho e já não tinha férias, mas os filhos já estavam grandes.

*Ah... o nosso uniforme do Sion !!! A gente tinha esse uniforme aqui **(mostra a foto em um álbum)**, que era a saia, o torçal, geralmente tinha uma cruz também, de acordo com a cor do torçal. Então o torçal aqui já era roxo, violeta. O último ano era todo violeta e isso aqui também era, e a saia tinha isso daqui; sapatinho, meia e quando a gente tinha festa era esse uniforme branco de fustão, que era assim, olha **(aponta para a foto)**. Então, como era a formatura? Era muito bonita, a gente era coroada; eu tinha a coroa branca porque eu só fiz o curso normal. Quem fazia o ginásio e o normal, era coroa de prata, então quem começava no primário era coroa de ouro. Quem fazia desde pequeno, tinha a coroa de ouro (...) era uma coisa tão bonita! A cerimônia era bonita, aqui era o auditório, a gente ficava todas sentadas aqui, as freiras, os diretores da escola, professores... Ia sempre o padre do colégio Santa Cruz. Cantávamos a Marselhesa e o Hino do Brasil, a gente ficava arrepiada, aquela coisa linda, tinha o discurso. Depois a gente recebia a coroa. Eu estou recebendo a coroa (foto), então quem segurava eram as menininhas... essa é Maria Ignez, minha prima. Recebia a coroa, aí a gente ia e ajoelhava na frente dos pais, eles pais tiravam e punham a coroa de novo. Então era aquela coisa, todo mundo chorava, era uma cerimônia muito bonita, era bem de acordo com a época.(...) Aqui era o meu pai, aqui algumas das minhas amigas. Essa daqui, acho que era bolsista. Aqui, o baile **(a narrativa foi feita com vistas nas fotos de um álbum de formatura)***

O nosso baile foi no Aeroporto de Congonhas. O Clube Paulistano era o reduto das famílias sionenses, ninguém fez formatura lá, tinha bailes de debutantes lá, mas a formatura nós fizemos no aeroporto de Congonhas.

A cerimônia de coroação era uma coisa!!!! Ficava todo mundo nervoso. Havia uma colega da minha prima que se formou, mas só fez um ano no SION, então ela não tinha direito a coroa. Sabe o que ela fez? A minha prima, depois que foi coroada, foi com ela até um determinado lugar do salão e entregou a coroa para o pai dela pôr na sua cabeça. Para receber a coroa tinha que fazer pelo menos um curso inteiro.

*“Estudei sempre, como a minha irmã, no colégio Ofélia Fonseca, que era um colégio leigo, particular, na rua da minha casa. Morávamos na Rua Bahia, no bairro de Higienópolis, aqui em São Paulo... Quando eu estava na 7ª ou 8ª série... O meu desejo era ter ido fazer Direito. Eu iria fazer o clássico e iria fazer Direito, mas aí o meu pai, que era um único homem de uma família de nove, oito mulheres e ele único de homem, eram quatro mulheres, ele de homem e mais quatro mulheres. Ele disse **não**, que suas irmãs eram professoras, porque o meu avô há muitos anos atrás, fez com que todas as filhas se formassem, a maioria professora. (...) Então meu pai falou: “Não, você pode fazer o que você quiser depois, mas o Normal vocês vão fazer”; minha irmã já estava fazendo e eu iria fazer também. Meu pai queria que nós fôssemos para o Caetano de Campos. Meu pai era advogado, advogado do Estado e o Caetano de Campos era uma escola de excelência. Mas minha avó materna, minha mãe era filha única, minha avó materna estudou no SION de Petrópolis. Para ela, o SION era o máximo, e eu dizia: “Meu Deus do céu”, porque como ela contava história de antigamente, tinha uma Notre Mère, o pessoal fazia reverência, eu achava isso tudo um absurdo. “Eu não vou para essa escola de jeito nenhum.” Mas, na briga familiar, a minha irmã já estava, briga não, troca de idéias, então eu fui também. Então, fui e da escola onde eu estudava foram algumas colegas.*

Quando cheguei lá no Sion , vi que algumas coisas eram meio antigas, tinha uma Notre Mère daquelas que você tinha que fazer reverência, que eu achava ridículo, não fazia nem para os meus pais, não fazia... até na igreja reverência, achava meio sem sentido, fazia parte da minha vida, na maneira de ver a vida. Mas aí observei, peguei o SION não como a minha irmã, peguei o SION já na metodologia nova, então era um pessoal montessoriano, era o pessoal maravilhoso, era mère Ana Vitória, Mariana, até depois essas duas saíram do convento. Peguei, em termos de pedagogia, tudo que você tem de melhor que se possa imaginar. Professores ótimos, eram da USP, por exemplo, quem me dava língua portuguesa era o Ulpiano de Meneses , Diretor do museu. Eram jovens, um pessoal com uma visão muito aberta, fiquei apaixonada pela escola.

*E do ponto de vista religioso, era bárbaro, porque pegamos também a reforma religiosa, tudo novo. Nada de fazer sacrifícios, nada, religião era um amor a Deus, era um agradecimento, então eu fui abençoada. Eu fiz três anos maravilhosos, tanto é que sempre à tarde a escola também tinha atividades sociais, então a gente saía, fazia trabalho em bairros, fazíamos um trabalho no cortiço... Todo domingo a gente levava as crianças do cortiço para a escola. E lá eles tinham o café da manhã, um bom lanche e as brincadeiras. Era apaixonada; eu ia de manhã à escola e ficava à tarde também, porque sempre tinha coisa para fazer, ou era biblioteca, ou eram nossos grupos de estudos, ou eram essas atividades todas, aula de religião nas escolas da periferia e os trabalhos sociais. Então, eu amei. O dia que eu me formei no SION, eu chorava sem parar. Porque eu tinha uma saudade de um tempo que foi muito bonito. Então contar para você... **(nesse momento da narrativa a ex-sionense se emociona e chora)** . Então o Sion já não era nada do que a minha avó contava, porque ela achava que era aquelas escolas protocolares, e não era. Peguei um pessoal novo, na renovação da educação em São Paulo, na renovação religiosa, então eu amei (...) Eu até poderia um dia ter feito Direito, se quisesse, ou ter feito Serviço Social, ou Teatro, porque eu gostava de gente. Gostava de Direito, Serviço Social, mas ainda não tinha descoberto meu lado de educadora, então fui para o Sion, descobri, amei e fui fazer pedagogia depois. Então foi uma escola maravilhosa, escola essa que acabou, porque veja, a outra escola que era laica, era muito boa, mas era muito rígida, muito tradicional, talvez fosse semelhante a Caetano de Campos, entendeu? E o Sion que eu peguei era uma benção do céu. Valorizava as alunas. Grandes amizades lá eu fiz, para o resto da vida.*

Tinha de tudo. Havia um grupo de moças que estavam preocupadas só em casar, em namorar, e nas suas roupas, nas suas festas, então eram diferentes, mas nos dávamos todos muito bem, também. Hoje em dia, de vez em quando a gente encontra ainda com as sionenses. Também dependia das coordenadoras. Que eram as freiras maravilhosas, super adiantadas. Elas propiciavam ótimas atividades. Uma vez por ano, escolhia-se um tema e fazia a festa da classe, todas as classes participavam. Cada uma organizava-se em torno de um tema, era maravilhoso. Havia muito entrosamento.

A mulher? A mulher era super bem tratada, porque era uma escola somente de educação feminina. E nós, as mulheres, que estávamos no Curso Normal, formador de educadoras, as melhores que podia haver no mundo, ajudaríamos na

transformação social, aquilo que nos cabia, entendeu? Então, era muito valorizado o papel da educadora e da mulher. Festa religiosa, o mínimo necessário; tinha dias de estudos, às vezes a gente ia para um sítio, onde tinha uma reflexão da parte religiosa... Eu falei que peguei a renovação da igreja. Só o discurso maravilhoso, um discurso avançado, do amor, da fraternidade. Da democracia.

Eu terminei lá, deixa até eu me lembrar, eu acho que fiz 58, 59 e 60. Só fiz Normal. A Hilla, minha irmã, não pegou a renovação, ela estudou antes.

Era uma escola nova que estava sendo implantada, eram outros padrões (...) era a educação mesmo. Fazendo o curso de educadora, você aprendia a ser a melhor educadora do mundo, com tudo e ao mesmo tempo com uma parte cultural muito boa, porque se tinha Língua Portuguesa com um professor como o Ulpiano - diretor do Museu Antropólogo, você imagina... Trabalhava-se as tragédias gregas, era bárbaro! O currículo era, nesses três anos que eu peguei, não posso falar nem antes nem depois, de excelente qualidade, alta qualidade.

Mas lá você vê, nós éramos classe média. Meu pai advogado, Advogado do Estado, minha mãe não trabalhava. Morávamos muito bem, mas no Sion havia pessoas milionárias, milionárias... Dentro do Colégio éramos todas iguais.

Toda a formação oferecida nesses três anos de Curso Normal era para fazer da mulher uma excelente educadora, mas a mulher tinha que ter o seu papel na sociedade(...)

O Convívio

No meu tempo havia as Martinhas, eram muito bem tratadas, e a gente gostava muito. Nos dávamos muito bem com elas, não tinha nenhum problema.

Ah, do Sion eu trago a alegria, de ter esperança, de fazer da educação algo significativo, das relações sociais muito gostosas, de uma igreja dinâmica, de uma igreja atuante, de uma igreja da justiça, do amor, da liberdade... Coisas lindas.

Então, isso é uma coisa que eu trago, dou aulas, tenho 65 anos, dou aula em faculdade, e amo, adoro, toda classe para mim é um desafio novo. Toda faculdade que eu entro é algo novo, é algo que começa, mesmo que eu dê a disciplina há 15 anos, mas você vai mudando, vai pesquisando, entendeu? Então é uma relação, uma coisa muito saudável. Eu poderia ter feito Direito depois. Optei pela educação. Eu acho que a educação tem um resgate muito grande em relação ao seu eu, ao seu desenvolvimento e ao eu social também, ao nós.

A Formatura e o Uniforme

A formatura do Sion era cheia de rituais, mas isso tudo não era o mais importante para mim. Era simbólico, era bonito, você cantava a Marselhesa... Fiz um curso todo, acho que a minha coroa era branca. O bonito era a festa, era cantar a Marselhesa.

O uniforme a gente adorava, porque dava status, era um uniforme legal; eu adorava, e olha que não era ligada nessas coisas, mas eu adorava, porque era aquele uniforme, tinha aquele cinto, aquele cordão... a gente adorava, então eu não tirava o uniforme o dia inteirinho, porque eu passava o dia todo na escola, ia para rua, ia fazer, isso era lindo, eu me sentia muito bem com o uniforme, entendeu? Porque o outro uniforme da escola que eu estudei era saínda azul-marinho, blusinha branca, ainda tinha uma gravatinha com umas coisas, mas não tinha status o uniforme do Sion. O colégio era e ainda é belíssimo, então eu saí de uma escola que era uma casa adaptada, boa também, entro num colégio que as salas eram maravilhosas, todas abertas, um pátio maravilhoso, aquelas janelas... Eu me sentia maravilhosa, era tudo lindo. Era lindíssimo, só de você entrar naquele prédio... depois nunca mais voltei lá. Eu me casei lá, quis me casar e casei, escolhi a capela do SION, escolhi sabe por quê? Porque é uma capela simples, maravilhosa, lindíssima, muito bem feita, mas de uma simplicidade total. Era para mim um ambiente de reflexão, porque na capela você ia se quisesse, nada era obrigada. Aquela capela era um lugar de meditação.

As Religiosas

As religiosas eram ótimas. A mère Ana Vitória e a soeur Mariana implantaram toda metodologia nova no SION. A soeur Mariana fundou uma escola nos EUA, ela saiu e deixou de ser freira. A mère Ana Vitória também deixou de ser freira, e não sei o que ela foi fazer, mas eram pessoas que amavam o que faziam. Adoravam ser freiras, mas eram mulheres. A soeur Mariana era lindíssima, a mère Ana Vitória não era bonita, mas eram mulheres carinhosas, amadas, que amavam o mundo. Elas amavam as alunas, nos valorizavam, cada uma de nós se sentia valorizada à sua maneira, não tinha ninguém que fosse desvalorizado lá.

Teve lá uma Notre Mère, que, graças a Deus, quando entrei, ela saiu. Uma coisa horrorosa. Essa Notre Mère louca, que eu não sei o nome, nem me interessou, entrou para chamar a atenção de uma outra freira idosa e que dava aula de religião. Isso

não se faz. Mas essa ficou três meses, depois veio uma jovem, que era de Campanha, do SION de Campanha, muito mocinha, mas muito interessante. Eu tive sorte, porque quem dirigia o Colégio na época, a Notre Mère, a grande freira, era uma jovem, ela devia ter uns dez ou quinze anos a mais do que a gente. Ela devia ter uns trinta anos, no máximo, mas bonita, elegante, inteligentíssima. Era bárbaro, essa Mère que eu não me lembro o nome, nem da primeira, nem da segunda, mas a soeur Mariana que era bárbara e a mère Ana Vitória faziam a festa, tinham outras religiosas do clássico, muito simpáticas, já mais antigas, mas muito educadas, muito carinhosas também, muito atenciosas, Nós nos sentíamos em casa, só não entrávamos na clausura delas, o resto... O SION era a nossa casa.

Eu tive no Curso Normal experiências maravilhosas, na faculdade foi uma beleza também. Então, eu sou uma pessoa muito abençoada, digo porque tive muitas oportunidades . O SION, o Experimental, trabalhei no Experimental da Lapa, trabalhei nos ginásios vocacionais... ? Tive uma sorte imensa na minha vida, porque conhecia várias pessoas, a gente ia se relacionando. Graças a Deus, minha mãe, embora não fosse tão arejada como meu pai, mas era uma pessoa muito boa, então nós podíamos ir aos festivais de cinema, passeios.

Mulher e magistério

Magistério feminino? Naquela época o magistério já era predominantemente feminino, lá era uma escola feminina, e naquela época você já tinha poucos homens no magistério.

Antes, de 1ª a 4ª a escola até era mista, havia professores e professoras. Mas aí por causa do ordenado... À medida que os professores deixaram de ganhar bem, os homens foram pegando outras carreiras. Então, olha, por exemplo, quando eu tenho um aluno no curso de pedagogia, digo: “Parabéns, vamos dar uma salva de palmas, os homens estão voltando”, mas não estão, e nem as melhores cabeças da educação estão, e você sabe disso; o pessoal, tendo outras oportunidades vai embora. Então é uma tragédia, né?

ANEXO A –

Depoimentos de ex-alunas do Sion - (Arquivo do Colégio)

D. Isa, aluna da 1ª turma do Sion de São Paulo (1901)²⁰

“ Tinham um uniforme muito rigoroso: era feito de chita, azul quadriculado, feito no colégio. Por cima do uniforme havia um avental preto de lã (semelhante ao de uma criada) que dava volta na cintura e amarrava na frente. Cada aluna possuía um chapéu de palha e luvas brancas. O uniforme era feito pelas freiras. Quando as meninas entravam para o Sion, diziam seu número e as freiras lhe davam o uniforme correspondente, sendo que os reparos eram feitos lá mesmo. Usavam meias pretas e sapatos pretos, a saia longa só permitia que os sapatos aparecessem. O cabelo era penteado para atrás. As Irmãs supervisionavam se o cabelo estava bem penteado.

Havia alunas externas e internas. As externas entravam às 8 horas da manhã e saíam às 5 horas da tarde. Para as internas havia missa obrigatória às 6 horas da manhã. Depois da missa ficavam em silêncio até a hora do café. O almoço era dado às 10 horas da manhã e o jantar às 4 horas da tarde. A comida era muito boa e durante as refeições havia sempre havia sempre uma menina que ficava na cabeceira da mesa vigiando as outras. As Irmãs cuidavam dos modos na mesa. As Irmãs eram muito boas, apesar de rígidas.

Quando entrava no colégio, cada aluna levava seu enxoval: talheres, pratos, roupas de cama etc. As meninas usavam um crucifixo e quando alguém fazia algo de errado, o crucifixo era retirado como punição. Como recompensa recebiam uma comprida faixa que era usada em cima do avental.

A obtenção de vagas era muito difícil e o colégio era muito caro. O Sion foi o primeiro grande colégio de São Paulo. Era muito tradicional. Só aceitavam famílias tradicionais e era preciso saber a origem familiar. As Irmãs não permitiam a entrada de filhas de artistas, de mulata etc. As alunas eram todas da alta sociedade.

O Colégio era dirigido pela Superiora. Havia Irmãs que só trabalhavam e outras que só davam aula. A aula era dada em francês e era proibido falar português

²⁰ Este depoimento foi dado em 1981, por ocasião das festividades dos 80 anos do Sion de São Paulo.

no Colégio. Para aprender português corretamente haviam aulas dadas pelo professor Carlos Kanupel. As meninas aprendiam Música, Pintura, Francês, Geometria, Algarismos. A aula de Religião era dada por um padre. Não havia Ginástica, pois as freiras achavam que era uma posição indistinta para as alunas e, por isso no recreio as alunas eram obrigadas a brincarem para fazer exercícios. Só podiam conversar de três e jogavam barra.

As classes eram separadas por cores e a violeta era a última classe. No início as alunas eram distinguidas por números.

Havia grandes dormitórios, e no banheiro havia muitos chuveiros. As freiras possuíam quartos grandes e separados. O banho só podia durar cinco minutos e tomavam banho uma vez por semana (as internas). Tomavam banho com uma camisola comprida até os pés, para não mostrar o corpo. Havia muito rigor. Sempre havia uma freira vigiando. As freiras abriam as cartas enviadas às alunas e não permitiam que se falasse em homem.

O curso durava dez anos. No final havia a coroação na formatura. Usavam uniforme de gala: cintura franzida, feito de fustão branco e tinham um cinto amarrado com duas pontas caídas. Também era comprido.

*Era permitido repetir o ano. No último dia do ano, tinha a Grande Assembléia e o Colégio todo se reunia para a leitura das notas. Quem tivesse as melhores notas ganhava presentes. A melhor do mês, recebia um cordão de uma cor, a melhor do ano recebia de outra cor e a mais esforçada recebia outro cordão. As melhores no final do curso recebiam o título de Filha de Maria, dado pela Superiora. Elas assinavam *Enfant Marie de Sion: E.M.S.*, e antes do título eram aspirantes.*

Durante o sábado e o domingo as alunas iam à missa e liam. Apesar da biblioteca não ser para elas, as freiras forneciam livros para leitura. Todo primeiro domingo do mês as alunas iam passear com os pais.

As alunas não podiam entrar na cozinha e não andavam livres pelo Colégio. Precisavam de um passe, que era dado pela freira. Era um pauzinho com uma fita colorida. As externas e as internas ficavam na mesma classe. Elas faziam reverência quando as freiras passavam. Havia hora para escrever e havia três dias de retiro em silêncio.

O Colégio ocupava quase todo quarteirão, onde antes havia uma clínica de repouso.”

A.S.P.Saraiva, ex-aluna da década de 1950.

“Toda a minha formação cultural, moral e religiosa eu adquiri no Colégio Sion. Eu vou morrer acreditando que os melhores valores estão na educação e na família e o Sion sempre valorizou isso. As mudanças ocorridas no colégio foram em decorrência da evolução do mundo. Antigamente os alunos ficavam em pé, perfilados, quando o professor entrava na sala. Hoje isso não faz mais sentido.”

M.A.C.O’Neill Addison, ex-aluna da década de 1930.

“Estudo qualquer colégio dá. Formar o caráter de uma pessoa é que é difícil. E quanto a isso não posso me queixar do Sion. Naquela época fazíamos uma auto-avaliação todos os dias, de acordo com os critérios de ordem, polidez, aplicação e comportamento. Dávamos a nós mesmas uma nota. Não sei se isso forma o caráter de alguém, mas para mim serviu muito. Tanto é que vim do Rio de Janeiro exclusivamente para esta missa ... As lembranças que guardo daqui são muito boas”

M.G.F.Vaz de Almeida, ex-aluna da década de 1940.

“No tempo da minha mãe, que participou da primeira turma a se formar, todas as aulas eram em francês, com exceção a de Português e História do Brasil. Até o recreio era em francês. (...) Cada classe era identificada por uma fita de uma certa cor que as alunas usavam. A cor da última série que se cursava era a violeta, que chegou a dar título a uma poesia de Guilherme de Almeida – ‘As violetas de Sion’. As festas de formatura eram maravilhosas. Dá muita saudade daquele tempo”.

L.M.Milhomes Costa, ex-aluna do Sion, período 1952-1964.

“Nosso uniforme por uma saia pregueada azul-marinho, com alças e três botões de enfeite. A camisa era branca e havia um torçal pelo qual se identificava a classe a qual pertencíamos. Até certo ano, não me lembro com segurança qual, fazia parte

do uniforme uma fita na cintura e outra presa ao pescoço com uma cruz pendurada, da mesma cor do torçal.(...) No tempo do curso primário, tínhamos que nos levantar quando a diretora entrava na sala e fazer uma reverência: uníamos as mãos e fazíamos uma reverência flexionando as pernas. A disciplina era rígida. Qualquer atitude da aluna, feita num tom mais exigente, o cumprimento da saia, a blusa fora do uniforme, poderiam incorrer numa suspensão ou a perda da cruz. Toda vez que passávamos pelo corredor e cruzávamos com a Notre Mère (superiora), tínhamos que fazer a reverência (...) Havia a festa de fim de ano para a entrega de certificados ou medalhas. Nessa festa eram entregues medalhas e fitões (tiras da cor da classe) conforme aproveitamento e comportamento e também eram entregues as coroas para as formandas. Essas coroas eram da cor branca para quem havia apenas um período e dourada para quem tinha cursado todo o período no Sion. Essa tradição acabou justamente com a minha turma. Essa cerimônia era emocionante e quem carregava as coroas , que seriam colocadas em nossas cabeças, eram as alunas do primário.”

D.Odete, ex-aluna do Sion, período 1921-1924.

“Entrei no Sion em 1921, quando tinha seis anos. Saí com nove anos por motivo de doença da minha mãe. Trouxe do Sion o francês que falo até hoje, porque praticávamos muito. Todas as aulas eram em francês, os livros eram impressos vindos da França (...) O regulamento da época era muito rígido. Usava-se luvas e chapéu para receber visitas. A missa era diária. Levantávamos muito cedo, tomávamos banho e íamos para a missa às sete horas. Entrávamos para o Colégio às oito horas , quando chegavam as externas. Era proibido falar nos corredores e no refeitório (...) Havia bastante festas. A grande assembléia tinha muitas pompas e as festas eram muito bonitas e organizadas. O colégio era muito imponente, as freiras com o hábito impecável. O colégio era lindo e muito grande. Havia uma música para a formatura que era muito bonita..”

Efemérides Sionenses

1941

- | | | | |
|-----------|---|----------|--|
| JANEIRO | 1 — S. Excia. D. José Gaspar Affonseca e Silva, Arcebispo Metropolitano, envia paternal benção a Sion manifestando o desejo de ver a Escola S. Teodoro transferida para um bairro, escolhido por S. Excia. onde uma escola católica é absolutamente necessária. | ABRIL | 2 — Abre-se um curso de Enfermagem, Higiene e Puericultura dirigido pela professora Ruth Teixeira, formada no Instituto Ana Neri. |
| | 17 — Excursão das ex-alunas a Atibaia onde Sion as acolhe, afetuosamente, na pequena chácara S. José da Bela Vista. | JUNHO | 5 — Excursão das alunas ao Ipiranga onde os Padres de Sion exercem fecundo apostolado. Quermesse em benefício de suas obras paroquiais. |
| | 20 — Abertura do ano jubilar da Congregação. | AGOSTO | 12 — N. Senhora d'Aparecida visita a Sion paulista. Cada uma das classes a recebe, carinhosamente, ao som de cantos, sob profusão de flores. |
| | 22 — Sr. Marie Zoé, após longo sofrimento, falece deixando, exemplos de alegre dedicação. | SETEMBRO | 3 — Os pequenos cantores "à la Croix de bois" encantam seletor auditório que se reúne na Sion paulista para uma hora excepcional da qual guardam ótima recordação. |
| | 29 — A querida M.M. Angélica volta para o Rio, deixa saudades e gratidão. | | 14 — Um famoso intérprete de Chopin, Malunzyski, honra-nos com uma visita e é calorosamente aplaudido. |
| FEVEREIRO | 20 — Prestam exame e são aprovadas as primeiras alunas da Escola Normal recentemente fundada na Sion Paulista. | | 24 — Os acontecimentos atuais modificam as solenidades da festa de Notre Mére. A gratidão se traduz por meio de preces; unidos os corações a quem prodigaliza benefícios com delicada bondade. |
| | 22 — Notre Mére e algumas Irmãs visitam em Vila Maria a casa onde se instalará a Escola São Teodoro. Muito se espera do zelo das queridas ex-alunas para esta obra cívico-religiosa. | | 28 — Um grupo de moças da Universidade do Rio hospedam-se na Sion paulista, fraternizando-se as ex-alunas de Sion, cordialmente. |
| MARÇO | 1 — A classificação da Escola Normal publicada no Diário Oficial augura sucessos que honram e estimulam. | OUTUBRO | — O trabalho em benefício das Missões ocupa as atividades das alunas durante os recreios. Jogos, chá são organizados; os cofres recebem, também, o fruto de sacrifícios... |
| | 10 — Algumas crianças pobres são recebidas na Sion paulista, primeiro núcleo da obra das "Martinhas". Abre-se uma Escola noturna dirigida por Maria Amelia Reis. Afluem empregadas domésticas em cujas almas a dirigente incute princípios cristãos. | NOVEMBRO | — Os exames prendem a atenção das ginásianas e do curso primário. Alguns feriados, excursões, em honra aos heróis de Laguna, oferecem uma pequena trégua ao trabalho intenso. O Calendário Mariano indica: Festa de N. Senhora do Monte Sion. Aquisição do prédio destinado à Escola S. Teodoro em Vila Maria. |
| | 28 — S. Excia. D. José Gaspar de Affonseca e Silva lança a primeira pedra da futura capela-tributo de gratidão pelos favores que Deus concede a Sion desde 20-1-1842. | | |
| | 29 — O falecimento de nossa querida Teresa Cristina Withaker produz geral consternação. | | |

EFEMÉRIDES SIONENSES (Cont.)

NOVEMBRO 30 — Comemoração do vigésimo aniversário da coroação das Violetas de 1921, assistem a missa — reminiscências saudosas... passam a manhã toda em companhia das Irmãs.

DEZEMBRO — Abre-se a matrícula da Escola S. Teodoro em Vila Maria. As inscrições aumentam dia por dia. Deus abençoe o trabalho das colaboradoras e as recompense.

6 — Missa em ação de graças à qual comparecem as famílias das violetas. O celebrante, R. P. Dante, dirige-lhes palavras de felicitações. A benção das corôas que lhes cingirão as fronteiras no dia do encerramento do curso, desperta emoção.

14 — Maria Egidio de Souza Aranha, Elisa Freire, Maria José Camargo, Maria Candida Lobo, Thais Campanella, Ana Vitoria

Toledo Barros e Rosy Carrão Vianna assistem em Petrópolis a tomada de hábito de Isabel Azevedo von Ihering, Martha Maria Monteiro Salles, Leopoldina Becherini e Adelina da Silva. Em fins de Dezembro uma "Árvore de Natal" proporcionou grande alegria aos nossos operários e empregados, bem como aos seus filhinhos, que receberam com sorridente gratidão, roupas, mantimentos e brinquedos.

No dia 6 de Janeiro o mesmo se deu em "Vila Maria" onde reinou indescritível júbilo durante a distribuição dos presentes à criançada já inscrita na Escola que para lá transferimos.

No dia 1.º de Março, com viva satisfação, vimos subir ao nosso altar o Revmo. Padre Gervasio Coelho, novo Capelão do Colégio. As ovelhinhas já conhecem a voz do Pastor e desejam corresponder aos seus ensinamentos com docilidade e filial confiança.

Pelo nosso Brasil a dentro, nas paragens,
Onde espanejam no ar as frondosas ramagens.
Com o jequitibá
As esbeltas palmeiras
E o cordame do imbé, que lhes busca as cimeiras
Pende aqui e acolá :

Um dia — vai o sol a pino — o braço robusto
Do colono, que os sóis já tornaram adusto
A floresta desbrava,
E da peléja no esto
Corta, alimpa, desbasta o matagal infesto,
Retalha a terra e a cava.

E a mão suarenta e cálida do lavrador
Deixa cair o grão recheio, promissor
— Semente eleita e boa —
No seio da alma terra
Cobre-a de humus, calca e pisando o soterra...
E vai cantando atoa...

Retira-se. O calor da terra, as chuvaradas,
A umidade, o orvalhar tênue das madrugadas
Nutrem o grão sepulto
Sob o solo a dormir,
E daquele sepulcro, sem êle o sentir,
Fazem um berço oculto.

Violetas num Trigal

(Dedicada às Coroadas de 1940)

D.º GERALDO DE ULHÔA CINTRA
Professor de Português

As radículas já despontam, o embrião
Expandi-se e se eleva a plântula do chão.
Logo de um verde gaio
Atinge a clorofila
E ela estremece ao vento, ao coleiro que trila
A voz do papagaio.

Lá torna o lavrador à seara p'ra a monda,
Arranca a erva ruim que ali acaso se esconda
Sob o olhar e desvelo
Dele, alteia pujante;
Esboneca, pendoa o campo lourejante:
Que esperançoso! é vê-lo!

Numa alvorada o rancho alegre dos ceifeiros
Partiu; e recolheu vasta messe aos celeiros.
Foi duro o labutar;
Paga-o de sobejo
A dourada pávea a colmar-lhe o desejo
A enriquecer-lhe o lar!

As Mestras do Sion de hoje e de outrora
Desbravadoras são dêste solo, nesta hora!
Rompendo por canseiras,
Sempre arrostando as calmas,
Às mãos cheias plantais no chão virgem das almas
Viçosas sementeiras!

— Um lustro lá se vai! e cinco primaveras,
Quando andáveis no afan dessas remotas eras,
Vi bagas de suor
Regarem um cantinho
Dêste solo; "oxalá não seja um chão maninho"
Suspira o lavrador.

— No alvo solo do altar, hoje o trigo loução
Caiu: o grão feliz é vosso coração.
Do sol de amor à luz,
Nasceu muito de bom;
O vosso coração "Violetas" do Sion
Ciência e Fé reluz!
No vosso Coração a branca Hóstia do Altar
Brotou, floriu Jesús!